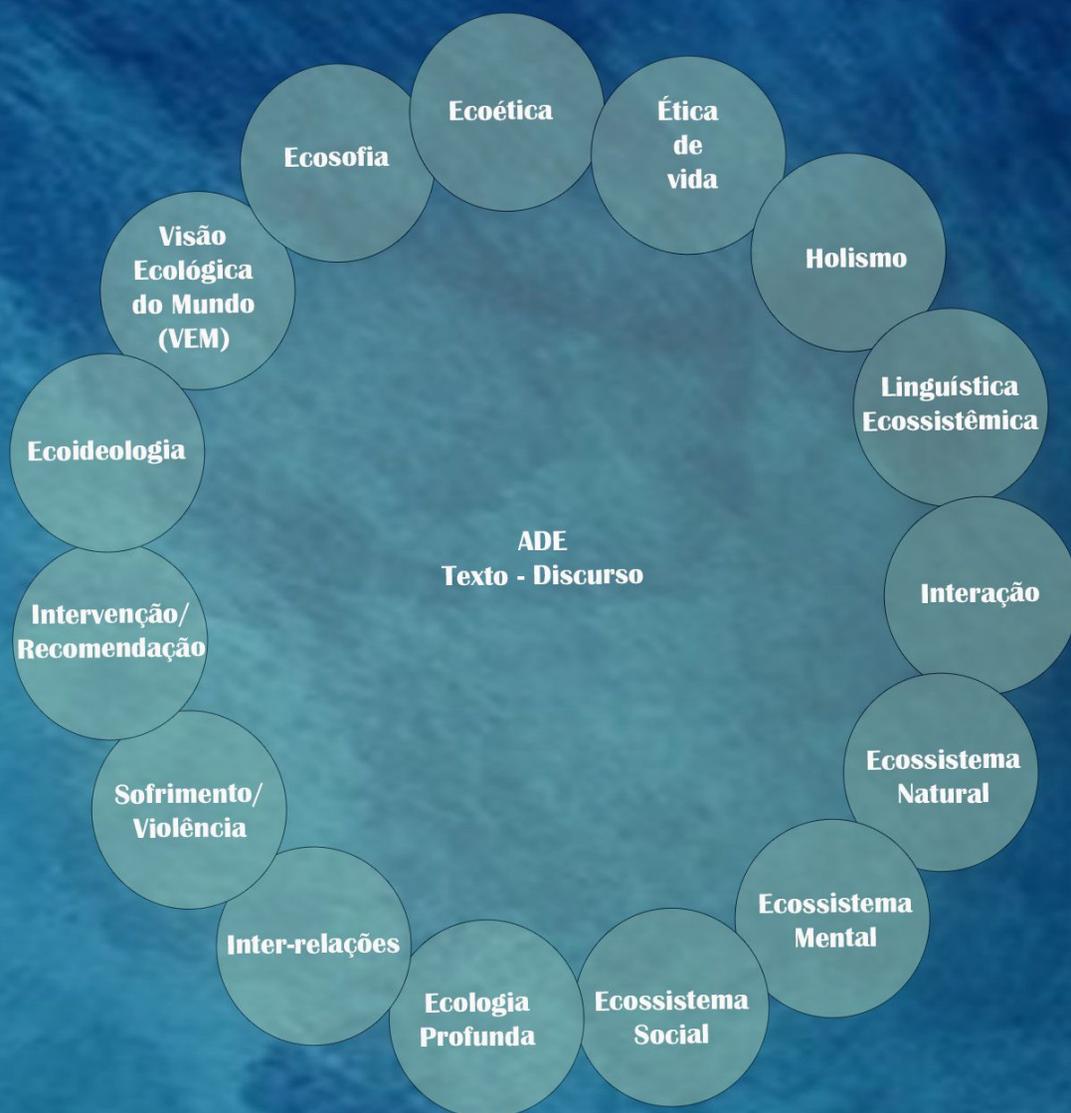


Elza Kioko Nakayama Neonoki do Couto

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes

Análise do Discurso Eossistêmica (ADE) teoria e prática



Brasília

PPGL - LIP - UnB

2021

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto
Eliane Marquez da Fonseca Fernandes

**ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA (ADE):
Teoria e prática**

Brasília
Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em
Linguística
2021

Série: Linguagem, falantes e contexto.

Coordenador da série: Anderson Nowogrodzki da Silva (UnB/GEPLÉ).

Capa: Rodrigo Ponciano /RP Produções, Victor Alexandre Silva - UFG.

Copyright ©: Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto e Eliane Marquez da Fonseca Fernandes

C871 Couto, Elza Kioko Nakayama Nenoki do.
 Análise do discurso ecossistêmica (ADE) : teoria e prática
 [recurso eletrônico] / Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto,
 Eliane Marquez da Fonseca Fernandes. – Brasília : Universidade
 de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2021.
 75 p. : il.

 Inclui bibliografia.
 Modo de acesso: World Wide Web:
 <<http://www.ecoling.unb.br/publicacoes/livros/e-books>>.
 ISBN 978-65-994624-0-5 (e-book)

 1. Linguística ecossistêmica. 2. Ecolinguística. I. Fernandes,
 Eliane Marquez da Fonseca. II. Título. CDU 81:502

Conselho Editorial

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

Dioney Moreira Gomes (UnB)

Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF)

Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)

Pierre François Georges Guisan (UFRJ)

Ronaldo Mangueira Lima Júnior (UFC)

Pere Comellas Casanova (Universidade de Barcelona, Espanha)

Hildo Honório do Couto (UnB)

Rui Manuel do Nascimento Lima Ramos (Universidade do Minho, Portugal)

Maria Célia Dias de Castro (UEMA/Balsas-MA)

Zilda Dourado (UEG/Quirinópolis-GO)

AGRADECIMENTOS

Ao NELIM (Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário), e principalmente a Zilda, Samuel, Anderson, Hildo e Lorena, que estão na base deste livro. Importante destacar que esse livro começou a ser pensado em 2016. Durante quatro anos reuníamos eu (Elza), Hildo, Samuel, Anderson e Zilda por tardes e noites sob efeitos de muito café para discutirmos sobre o livro, a ADE e seus conceitos. Atendendo aos afazeres da academia, nossas reuniões começaram a ficar mais esparsas até que cada um foi nos deixando com a tarefa de continuar e terminar o livro, momento em que entrou em cena Eliane Marquez, que assina o livro comigo. Agradeço a todos pelas discussões enriquecedoras. Pela certeza de que o resultado maior está no processo, não no produto. Muito obrigada.

Elza e Eliane.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

PARTE I

ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA: TEORIA

- 1. Ecologia e Ecosofia**
- 2. Linguística ecossistêmica (LE): uma breve apresentação**
- 3. Análise do discurso ecossistêmica (ADE)**
- 4. Categorias de análise**
- 5. Metodologia**

PARTE II

ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA: PRÁTICA

- 1. A quebra da harmonia dos moradores de rua**
- 2. Um desenho e uma narrativa**
- 3. Um dia Calmo**
- 4. A memória da carência em entrevistas de meninos de rua**
- 5. Uma vela para Dario**

PREFÁCIO

Este livro mostra ao leitor uma “visão ecológica do mundo (VEM)” como um convite para realizar o equilíbrio e a energia plena da existência que nos é dada, mediante uma detalhada exposição da Análise do Discurso Ecológica (ADE), anteriormente chamada Análise do Discurso Ecológica (ADE). Por ser parte da Linguística Ecológica (a versão brasileira da Ecolinguística), ela oferece a possibilidade de se olhar para os textos e discursos de uma outra perspectiva, a da VEM. Ela não é apenas uma nova teoria de AD no mercado. Ela apresenta novas concepções de linguagem, texto, discurso e tudo que se refere a eles, pois tudo é visto de uma perspectiva interacional e ecológica, a começar da própria língua, que não é mais olhada como instrumento de comunicação, mas como a própria comunicação. Em suma, a ADE é uma nova maneira de se fazer Análise do Discurso.

O livro consta de duas seções ou partes. A Parte I é dedicada à teoria, começando pela ecossófia da Ecologia Profunda (cap. 1), formulada inicialmente pelo filósofo norueguês Arne Naess, passando a uma breve exposição da Linguística Ecológica (cap. 2), como pré-requisito para uma detalhada explanação do que vem a ser Análise do discurso Ecológica (cap. 3). O capítulo 4 complementa o terceiro, falando das categorias de análise da ADE, culminando com um componente indispensável em qualquer teoria científica, a metodologia (cap. 5).

A Parte II também consta de cinco capítulos, dedicados a aplicações da teoria da ADE, com ênfase no discurso dos meninos de rua. Começa mostrando que é praticamente impossível haver a desejável harmonia e comunhão entre os meninos, dadas as condições a que são submetidos (cap. 1); em seguida, vem a comparação de um discurso expresso por um desenho e por uma narrativa (cap. 2), uma história criada por um menino de rua (cap. 3), a memória da carência junto a esses meninos (cap. 4) e, finalmente, uma análise do conto “Uma vela para Dario”, de Dalton Trevisan (cap. 5).

A teoria da ADE busca informações de outras áreas de conhecimento, para formular seu campo teórico, entre as quais a filosofia e a biologia. Esta chamou a atenção para a “ecologia”, que estuda o ser vivo em equilíbrio em determinado *habitat*, no qual ele vive e se relaciona com outros seres – assim o estudo ecológico da linguagem verifica a palavra, o texto, o discurso, em seu sistema de realização.

Em um terreno comum a todos nós, o escolar, seria provocador lançar esse farol da ADE. A divisão em disciplinas logo mostraria uma forma de separação e pouca interação. Em Português, há escolas em que Redação, Gramática, Leitura de Texto se tornam disciplinas sem ligação uma com a outra, com professores e conteúdos sem busca de interação.

Essa luz poderia, também, propiciar ações de ligação entre aulas de literatura e linguística, e vice-versa, na formação de professores de Português (Faculdade de Letras). Afinal, a VEM pressupõe uma visão holística do objeto de estudo.

Pela ADE, podemos promover menos sofrimento dos aprendizes, pois a gramática que estudam tem a ver com o texto que escrevem e com o texto que leem. Não é uma utopia, porque muitos professores – não pelo programa, mas pela sua percepção sistêmica – realizam o trabalho com seus alunos, buscando interação entre o aprendizado de cada área do Português aproximando as competências, que, por sua natureza, são interativas.

Que este livro consiga espalhar um modo de olhar a linguagem como um bom recurso que temos para aumentar a harmonia das nossas interações, seja nas reflexões, nas conversas, nas aulas, nos livros que lemos, nos textos que escrevemos. Como pessoas e como professores criaremos situações para a palavra se realizar plenamente em cada uma de suas várias moradas, o seu *habitat* - isso seria um modo ecossistêmico de viver a língua.

Agostinho Potenciano de Souza
Universidade Federal de Goiás

PARTE I

ANÁLISE DO DISCURSO ECOSISTÊMICA: TEORIA

1. ECOLOGIA e ECOSOFIA

Dentro dos estudos biológicos, a denominação "ecologia" foi empregada em 1866 nos estudos de Haeckel (1866). A partir de então a ciência da *Ecologia* dedica-se a entender como se dá a relação entre os seres vivos e o meio ambiente em que habitam. Seus estudos mostram como as interações entre todos os seres vivos (flora e fauna) ou não vivos (minerais) de um determinado habitat estão sempre em busca de um equilíbrio vital dentro de cada conjunto complexo chamado de ecossistema.

A Ecologia Geral faz parte da Biologia, a ciência da vida, e estuda como todo o meio ambiente vive, dinamicamente, em processos de adaptação para uma convivência harmoniosa entre todos os seres vivos e seu *habitat*. A Ecologia biológica abriu espaço para estudar a Ecologia filosófica, como é o caso da Ecologia Profunda, formulada pelo filósofo norueguês Arne Naess (1973, 1989, 2002).

A Ecologia Profunda (EP) ou Ecosofia proposta em 1973 por Naess (1912-2009) acena para uma nova maneira de ver o mundo e de entender a relação entre os humanos com eles mesmos e com a natureza. Nesse sentido, a preservação do meio ambiente não deve ser pleiteada apenas para as benesses do homem, como pregavam as ideologias antropocêntricas da Ecologia tradicional em que o ser humano se considera superior aos demais seres e vê a preservação ambiental apenas para evitar que a vida humana seja prejudicada.

Para a Ecologia Profunda, todo ser possui valor em si mesmo, independentemente do valor utilitarista que possa ser visto nele. O ser humano é apenas um dos constituintes do meio ambiente, um ser microcósmico que, na relação com todos os outros seres, integra o macrocosmo. Essa nova forma de considerar os humanos como um dos nós da imensa rede da natureza permite que haja mais respeito por tudo que nos cerca. É a percepção de uma ética ecológica, que leva os seres racionais a repensarem os problemas ambientais de maneira visceral, para se conscientizarem de que são um dos organismos que integram o ecossistema. Dessa maneira, todos os seres, seja animal (incluindo o ser humano), seja vegetal ou mineral, se inter-relacionam para cumprir o ciclo vital. A Ecologia Profunda, portanto, tem uma visão de longo prazo e “defende a diversidade em todas as suas manifestações, com todos os seres vivendo numa espécie de simbiose, mesmo que, às vezes uns tenham que se alimentar dos outros” (COUTO, 2012, p. 53).

A ADE segue os princípios da Ecologia Profunda (NAESS, 1973, 1989, 2002; COUTO, 2012: 49-67) e defende a autorrealização de todos os seres. Os humanos não têm mais direito à vida do que os outros seres vivos; exatamente por isso é preciso respeito ao equilíbrio. Vejamos no Quadro 1 os princípios da Plataforma da Ecologia Profunda, formulados por Arne Naess juntamente com George Sessions.

Quadro 1

PRINCÍPIOS DA PLATADORMA DA ECOLOGIA PROFUNDA

Ao propor a Ecologia Profunda, Naess estabelece uma série de “mandamentos” ou princípios, os quais, como se vê traduzido em Couto (2007, p. 37), são:

I- O bem-estar e o florescimento da vida humana e da não-humana sobre a terra têm valor em si próprios (sinônimos: valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não-humano para propósitos humanos.

Esse princípio defende a vida em sua totalidade, a partir de uma visão ecocêntrica e biocêntrica, e não a partir de uma visão antropocentrista. “Tudo que é vivo merece respeito e deve ser preservado” (COUTO, 2012, p. 56). Nesse sentido, o conceito de “todos os seres” deve englobar, também, os seres inanimados como rios, mares, paisagens etc.

II- A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e são valores em si mesmas.

Aqui temos o respeito à diversidade, ou seja, todos os seres são valorizados, ainda que pertençam a outros sistemas.

III- *Os humanos não têm nenhum direito de reduzir essa riqueza e diversidade, exceto para satisfazer necessidades humanas vitais.*

IV- *O florescimento da vida humana e das culturas é compatível com uma substancial diminuição na população humana. O florescimento da vida não-humana exige essa diminuição.*

O florescimento da vida não humana pressupõe uma contenção no aumento populacional. Este princípio, o mais polêmico, afirma que o reflorestamento só será possível se diminuírem os impactos ambientais determinados pelo aumento da população. Não se trata de proibir esse aumento, mas mostrar a relação entre os dois fatores.

V- *A interferência humana atual no mundo não-humano é excessiva, e a situação está piorando rapidamente.* Este princípio retrata a ação humana desordenada sobre o meio ambiente, seja para fins de subsistência ou não. Dessa maneira, o aumento do número de pessoas implica em mais utilização dos recursos naturais. Além disso, as práticas mercantis também aumentam a interferência do homem sobre o meio ambiente, gerando um desgaste ainda maior.

VI - *As políticas precisam ser mudadas. Essas políticas afetam estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas. O estado de coisas resultante será profundamente diferente do atual.*

Esse princípio trata da necessidade de mudanças políticas; está relacionado ao capitalismo e à ganância por lucros. Pois, “se a economia levar em conta a ecologia, se houver mudança para melhor, poderá haver um realinhamento ideológico que priorize a vida em primeiro lugar, em que as coisas mais importantes da vida (que têm valor intrínseco) preponderem” (COUTO, 2012, p. 60). Daí a urgência de se reverter os paradigmas mercantis para se preconizar a defesa da existência.

VII- *A mudança ideológica é basicamente a de apreciar a qualidade de vida (manter-se em situações de valor intrínseco), não a de adesão a um sempre crescente padrão de vida. Haverá uma profunda consciência da diferença entre grande e importante.*

Há diferenças substanciais entre ser grande e ser relevante. Este princípio procura desvincular as essencialidades - o amor, a amizade, a saúde - dos superficialismos - o material e o dinheiro. “O consumismo capitalista levou muitas pessoas à neurose das compras, mesmo de coisas desnecessárias à sobrevivência das pessoas. É preciso que haja uma mudança radical” (COUTO, 2012, p. 60), o que só poder ser alcançado pela instauração de novos paradigmas.

VII- *Aqueles que subscrevem os pontos precedentes têm a obrigação de tentar implementar, direta ou indiretamente, as mudanças necessárias.*

Este princípio recomenda aos seguidores da Ecologia Profunda que convençam às outras pessoas dessas questões, ou seja, que os seus seguidores auxiliem na instauração de novos paradigmas. Aqui está o que em outro lugar Naess chama de “caráter prescritivo” da Ecologia Profunda.

Não nos incomodemos com o caráter descritivo e prescritivo da EP. Delineados de forma simples, sem rebuscamentos retóricos, os princípios não são dogmáticos; sugerem buscar novo estilo de viver, à guisa até de uma salutar provocação aos possíveis adeptos: “Tente, pois, isso é possível”. Qualquer criança, em qualquer lugar do mundo, pode assimilá-los facilmente. Não são uma “camisa de força”, muito ao contrário, podem ser aplicados ao cotidiano, como sugerem George Sessions e Arne Naess, ao recomendarem as doze tendências da Ecologia Profunda:

Esses princípios nos permitem levantar no Quadro 2 uma série de sugestões, formuladas de maneira sucinta e bastante simples, àqueles que estejam dispostos a segui-lo.

Quadro 2

TENTE, VOCÊ CONSEGUE
1) usar meios simples;
2) refrear o consumismo;

3) apreciar as diferenças étnicas e culturais;
4) satisfazer necessidades vitais, de preferência a desejos;
5) procurar profundidade de experiência de preferências a intensidades;
6) tentar viver na natureza e promover a comunidade, de preferência à sociedade;
7) apreciar todas as formas de vida;
8) proteger ecossistemas locais;
9) proteger espécies selvagens em conflito com animais domésticos;
10) agir sem violência;
11) preocupar-se com a situação do terceiro e do quarto mundos e evitar um padrão de vida excessivamente diferente de e superior ao necessário;
12) valorizar estilos de vida que são universalizáveis, ou seja, que podem ser levados a todas as pessoas e podem claramente ser mantidos, sem que causem injustiça para como o próximo e outras espécies.

A Ecologia e a Ecosofia são uma espécie de pano de fundo para o entendimento da Ecolinguística (estudo das relações entre língua e meio ambiente) e, sobretudo, de sua versão a ser utilizada aqui, a Linguística Ecosistêmica. Esse pano de fundo tem sido chamado de visão ecológica de mundo (VEM), defendido por Fritjof Capra(2018) em quase todas as suas obras e por diversos outros autores, mesmo quando não usam essa expressão, mas algo como paradigma ecológico. O iniciador da Linguística Ecosistêmica, mencionado mais abaixo, fala em agir a partir de um ponto de vista ecológico (*from an ecological point of view*), não do ponto de vista lógico (*from a logical point of view*).

2. LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA (LE): BREVE APRESENTAÇÃO

Já foi adiantado que a Linguística Ecolinguística (LE) é uma versão da Ecolinguística, formulada na Europa desde o início da década de noventa do século passado por Alwin Fill. A LE tem esse nome por partir do conceito central da Ecologia, o ecossistema. Por isso vamos começar falando desses dois conceitos. Já no início é importante ressaltar que Ecologia é a ciência e o ecossistema o objeto de estudo dessa ciência, embora com muita frequência sejam usados um pelo outro.

A palavra Ecologia é de origem grega em que o termo *oikos* significa "casa" e, por extensão, o meio ambiente em que os seres vivos interagem. E se *logos* significa "estudo", trata de observar as inter-relações complexas que ocorrem entre os organismos na natureza. A Ecolinguística em geral usa conceitos da Ecologia como metáforas, mas a LE os usa como conceito ecológicos mesmo, pois é parte da Ecologia, tanto que um nome alternativo para Linguística Ecolinguística é Ecologia Linguística, nome sob o qual ela é ofertada na Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Se o conceito central da Ecologia é ecossistema, o conceito central e definidor do ecossistema são as interações. Na Ecologia biológica se estudam as interações entre organismo e meio ambiente (interação organismo-meio ambiente) bem como dos organismos entre si (interação organismo-organismo). A Ecologia Linguística, ou Linguística Ecolinguística, estuda as interações entre pessoas e seu meio (interação pessoa-mundo) e as interações entre as pessoas (interação pessoa-pessoa). O primeiro tipo de interação se chama referência, pois se dedica à relação palavra-coisa; o segundo é a comunicação ou interação comunicativa.

A Linguística Ecolinguística é uma maneira de fazer Ecolinguística partindo de dentro da Ecologia, não de fora, simplesmente porque LE é parte da Ecologia. Partir de fora seria, por exemplo, discutir a gramática prescritiva da língua sem ir ao lócus da interação desenvolvida em uma determinada comunidade. Partir de uma perspectiva interna é empregar os princípios da própria Ecologia para ver como são as relações entre viventes na interação com o *habitat*. É analisar a língua nos aspectos dinâmicos das interações sociais entre os sujeitos e da interação dos sujeitos consigo mesmos e com seu contexto. É dessa forma que queremos abordar as questões da língua. Como exemplo, temos o estudo de uma comunidade rural em que partimos das interações ecolinguísticas que ocorrem dentro dessa comunidade e então as estudamos como a língua se manifesta. A linguagem rural é vista em sua comunidade de fala, logo, em si e por si, não como derivada da linguagem urbana nem, muito menos, da estatal.

Na *Linguística Ecolinguística*, a língua é vista como interação verbal, ou interação comunicativa, dentro do ecossistema linguístico. O principal tipo de regras subjacentes à interação comunicativa são as regras interacionais (ver Apêndice) e não as regras sistêmicas (gramática). No entanto, os atos de interação comunicativa só têm sucesso se houver uma comunhão prévia ou uma harmonia entre os parceiros de diálogo. Tudo isso é visto de um ponto de vista ecológico, não do ponto de vista lógico. Sob uma ótica ecológico-filosófica, vimos que a Linguística Ecolinguística situa-se dentro da visão ecológica do mundo, um modo de ver o ser humano e suas interações com o cosmos que não seja a partir de um centro, seja teocêntrico ou antropocêntrico, mas sim de inter-relações e interdependências, numa imensa rede de interações.

Na Linguística Ecolinguística, como ciência integrante da Linguística, surge a preocupação de entender como os discursos atuam nos ecossistemas. Observamos que a LE traz concepções básicas que naturalmente vão integrar a Análise do Discurso Ecolinguística (ADE). Na verdade, todos os conceitos da LE podem ser usados na ADE. A ADE tem como princípio básico que o texto-discurso emerge de uma interação comunicativa que produz sentidos em uma rede de interações comunicativas, num sistema complexo. Na produção dos sentidos estão envolvidas as dimensões natural, mental e social.

O ponto de partida para os estudos da Análise do Discurso Ecológica é analisar as rupturas de harmonia na dinâmica das relações dos humanos em seu habitat. Entendemos que a interação se estabelece em um movimento que relaciona um *povo* específico (P₁), isto é, os sujeitos que vivem em um *território* (T₁) ou contexto espacial, mental e social e, aí, se comunicam por meio de imagens, gestos, sinais e *palavras*, a sua língua (L₁).

Ao estudarmos os seres humanos em interação no ecossistema linguístico, que envolve a comunicação mais ampla pela linguagem e mais especificamente pela língua, podemos deter nosso olhar em alguns outros ecossistemas, para observar de perto as relações comunicativas entre o ecossistema natural, sócio-histórico e mental.

O *ecossistema natural* é o meio ambiente complexo que envolve toda a natureza com existência, aí incluso o ser humano, sejam os meios ambientes naturais ou as cidades e outras construções humanas que passam a ter existência própria. Esse ecossistema em que vivemos não é apenas um cenário, recebemos influência dele, assim como exercemos influência sobre ele, numa permuta constante e dinâmica.

O segundo é o *ecossistema mental* como habilidade interior de cada um dos humanos. Aí temos uma complexidade cognitiva, emocional, sensitiva, linguística, localizada no cérebro, o *lócus* ou “território” (T₂) dos neurônios, que são os agentes (P₂) das interações que produzem a linguagem (L₂) como fenômeno mental.

O terceiro é o *ecossistema social*, constituído pelos sujeitos (P₃) como seres que interagem num meio social, envolvidos nos diversos papéis sociais, cujas interações constituem a linguagem (L₃) como fenômeno social e histórico. O *lócus* ou “território” (T₃) dessas interações sócio-verbais é o contexto sócio-histórico, a sociedade.

Essa subdivisão em três ecossistemas pode dar a impressão de que eles atuam de modo independente, mas essa tripartição ocorre apenas como uma explicação didática, para focar cada uma das faces da interação dentro do *ecossistema integral da língua*. Todos esses ecossistemas promovem interações entre si, dinamicamente, convivendo de modo integrado em trocas permanentes que podem alcançar a harmonia ou rompê-la. Assim um ecossistema linguístico abrangente explicita que uma língua (L) só pode existir se houver um povo (P) em seu território (T). Em resumo, esses ecossistemas linguísticos são diferentes perspectivas de interação a partir das quais a língua pode ser vista.

O *ecossistema integral da língua* pode ser estudado pelo prisma da *comunidade de linguagem* (CL) ou da *comunidade da fala* (CF). CL é o domínio do que é chamado língua no senso comum. Por exemplo, a CL do inglês compreende a Inglaterra, os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia e algumas outras regiões do mundo. A CF, por sua vez, designa qualquer domínio que o linguista delimite para investigar. Pode ser de qualquer dimensão, como um continente inteiro, um país, uma parte dele, uma cidade, um bairro dessa cidade, uma casa ou, até mesmo, duas pessoas conversando. Tudo isso é compatível com o conceito original de ecossistema da Biologia (TANSLEY, 1935).

A interação comunicativa é o núcleo da língua para a Linguística Ecológica e, por sinal, também da ADE. Na LE ela é representada no chamado fluxo interlocucional, que consta de duas pessoas (p₁, p₂), no caso, a entrevistadora (E) como (p₁) e o informante (I) como (p₂). Na primeira fala, uma solicitação-pergunta, a entrevistadora é falante (F₁) e o menino ouvinte (O₁). Nos níveis subsequentes, esses papéis vão se alternando. Como todo diálogo, ele tem um começo bem definido, mas a direção que tomará e quando terminará fica em aberto, dependendo das circunstâncias, da disposição dos interlocutores. A interlocução poderia ter continuidade, fato indicado pelas reticências. Deve ser ressaltado que o fluxo interlocucional evolui não linearmente, mas em espiral, pois em cada nível pode haver novidades. O diálogo obedece as regras interacionais expostas no Apêndice.

meras metáforas, mas como conceitos ecológicos propriamente ditos. Linguistas ecossistêmicos são ecologistas da linguagem, não linguistas da Ecologia. Dizendo de outro modo, eles são ecólogos da linguagem – praticando Ecologia Linguística – não linguistas ecológicos – praticando Linguística Ecológica. Nesta última expressão, o substantivo é “Linguística” e “Ecológica” é o adjetivo, ao passo que em Ecologia Linguística a situação se inverte: o substantivo é “Ecologia” e “Linguística” é o adjetivo. Cremos que isso seja mais um argumento a mostrar a diferença entre a Linguística Ecossistêmica (Ecologia Linguística) e os demais modelos de Ecolinguística (Linguística Ecológica). Estes últimos se restringem a questões de ambientalismo e assuntos correlatos. A Linguística Ecossistêmica estuda isso também, mas não só. Enfim, ela olha para seu objeto holisticamente, motivo pelo qual precisa usar o método da focalização (GARNER, 2004) quando deseja estudar um fenômeno específico. Assim que obtém o resultado, volta à posição da VEM, a fim de avaliá-lo ecologicamente.

Para os ecólogos, o conceito definidor do ecossistema não são os organismos que o compõem em si nem seu *habitat* em si. O que o define são as interações que se dão entre organismos (interação organismo-organismo) e entre organismos e habitat (interação organismo-mundo). Por isso, é a interação comunicativa que passamos a discutir. Cada discurso em análise apresenta características específicas conforme a organização do sistema conceitual a ser utilizado com suas particularidades. Para compreender melhor os modos de interagir, dividimos os tipos de comunicação em três níveis, do mais prototípico ao menos prototípico: interação comunicativa face a face, interação comunicativa remota (*on-line*) e interação comunicativa potencial.

O quadro a seguir tem por função comparar os principais aspectos de cada um dos tipos de interação comunicativa, que são discutidos e pormenorizados na sequência.

Aspectos da interação comunicativa	Tipos de interação comunicativa		
	Face a face	Virtual	Potencial
Interactantes	Falantes presentes	Falante-interlocutor	Escritor/leitor potencial
Tempo	Sincrônico	Sincrônico/Assincrônico	Assincrônico
Espaço	Território, espaço em que os indivíduos se encontram	Território, espaço virtual.	Território, espaço potencial

Quadro 2 - Comparação dos aspectos dos tipos de comunicação

A descrição das características de uma interação comunicativa é fundamental para entender a qual tipo de interação ela pertence. Assim, dividimos o quadro apresentado em três características para distinguir os tipos de interação: *sujeitos* (relativo aos sujeitos no momento da interação); *tempo* (relativo ao momento em que acontece a interação); e *espaço* (relativo ao ambiente em que acontece a interação). Além dessas características, as regras interacionais constituem as peculiaridades de cada tipo de comunicação, criando subtipos de interação comunicativa. A forma prototípica de interação é a interação comunicativa *face a face*. Chamamo-la de prototípica porque historicamente é o primeiro tipo de interação comunicativa. Trata-se da primeira interação comunicativa que aprendemos. Ela é basilar em todas as sociedades humanas, fundamentando todas elas, sendo difundidas em todas elas.

Todos os povos se baseiam na interação comunicativa face a face, diferente da escrita, por exemplo, que muitos povos não têm, ou virtual que seria muito além, por isso o protótipo, o primeiro seria face a face. Na interação face a face, falante e ouvinte são intercambiáveis e dialogam num mesmo espaço e num mesmo tempo, mobilizando para tanto diversas regras interacionais que permitem produzir sentido e manter a comunicação, como se pode ver no exemplo de fluxo interlocucional apresentado no final das Considerações Finais. Na interação virtual temos o falante-ouvinte que se comunicam oralmente ou pela escrita, mediada pela tecnologia. Nesse espaço, o tempo é elástico e, por isso, pode ser sincrônico ou assincrônico.

Por último temos a interação comunicativa potencial como um meio indireto de abordar o interlocutor, na medida em que se mobilizam regras interacionais diferentes daquelas que são

regulares na interação face a face (direta). As regras interacionais mobilizadas numa interação por meio da escrita ou em um filme se distanciam do que é o padrão comunicacional da interação face a face, na medida em que autor e leitor não se encontram no mesmo espaço, mas num território que é somente potencial, pois não é possível definir o local em que a leitura ocorre, já que o próprio leitor/espectador é idealizado, não podendo ser definido. Nesse caso, cria-se um ambiente de pressuposição dos interlocutores. O tempo da interação comunicativa potencial é sempre assíncronico, na medida em que a escrita e a leitura não acontecem no mesmo momento, mas num momento posterior à escrita, que é indefinido. A comunicação potencial se caracteriza, portanto, pelas produções linguísticas efetivadas em relação a interlocutores pressupostos, como livros, revistas e filmes, que não se constituem como ato até que sejam acessadas e compreendidas, efetivando a comunicação.

3. ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA (ADE)

A Análise do Discurso Ecológica recebeu inicialmente o nome de *Linguística Ecológica Crítica* (LEC) para mostrar que ela parte da Linguística Ecológica e que tinha por objetivo ser um arcabouço de análise “crítica” do discurso. Esse nome também foi influenciado pela Análise de Discurso Crítica de Norman Fairclough (1995). Depois, o nome mudou para *Análise do Discurso Ecológica* (ADE). No entanto, como já havia outras correntes que se autodenominavam Análise do Discurso Ecológica, o nome foi alterado para *Análise do Discurso Ecológico* (ADE), por sugestão do ecolinguista inglês Arran Stubbe, numa conversa por e-mail.

Existem outras disciplinas que se consideram análise do discurso; todas elas emergiram no campo dos estudos da linguagem para observar as relações de sentidos gerados dentro das relações do sujeito com o contexto. Há algumas diferenças básicas entre elas a saber: A *Análise do Discurso de origem francesa* tem um questionamento base vinculado ao estudo dos efeitos de sentido construídos dentro de um contexto social e histórico. Entende que o sujeito é um enunciador que faz escolhas discursivas entre os valores axiológicos do meio social em que vive. Seus estudos problematizam o discurso e apontam para as relações de saber, poder e cuidado de si. A ideologia marxista é também um componente dessa teoria. Entre alguns dos principais autores que servem como referência encontram-se Bakhtin, Pêcheux, Courtini, Foucault, Orlandi e Gregolin.

A *Análise do Discurso Crítica* de origem anglo-saxônica, também considera os valores sócio-históricos que envolvem o sujeito, mas tem como perspectiva o esclarecimento sócio-político de certos grupos sociais marginalizados, visando à sua mudança de comportamento. Isso envolve a discussão das relações de poder, a dominância e a iniquidade, e desenvolve pesquisas para promover ativação, iteração, legitimação ou contestação social por meio dos discursos. O autor proponente da teoria e mais representativo é Norman Fairclough.

A *Análise do Discurso Ecológica* discute os valores discursivos que são construídos no meio ambiente em que vivem os sujeitos. Procura discutir temas que levem em conta os valores sócio-históricos e psicológicos em sua relação com a base físico-natural bem como com a Ecosofia. Enfim, investiga as interações entre sujeito, língua e contexto, levando em conta os ecossistemas natural, mental e sócio-histórico. O questionamento básico é a busca da harmonia e o respeito aos direitos de todos os organismos segundo uma ecoética, o que requer um estado de comunhão entre os participantes. Os autores mais representativos são Finke (1996), Trampe (2016) e Couto (2015, 2018).

A apresentação mais completa e abrangente da ADE é a que se vê em Couto; Couto; Borges (2015), propondo um estudo das relações discursivas na língua percebida não só como meio de comunicação, mas a própria interação de onde emergem as regras gramaticais. Entendendo que a concepção de “língua” é mais ampla, sobretudo quando vista como “linguagem”, verifica-se que ela abarca não só os enunciados verbais, mas também aspectos não verbais. Vamos usar o termo “sujeito”, que é filosoficamente pertinente para tratar do ser humano em interação. Queremos, também, ampliar a abrangência da palavra território (T) para o termo “contexto ecológico”, a fim de explicitar que o meio ambiente natural envolve, concomitantemente, o meio físico, o meio social, o histórico e o cultural em que vivemos e interagimos.

Devido a sua origem e ao arcabouço filosófico a que pertence, a Análise do Discurso Ecológica é uma forma de fazer análise do discurso. Isso se deve em parte às influências que teve. A primeira delas vem da Ecologia. Não apenas a Ecologia biológica, mas a Ecologia filosófica ou Ecosofia, como é o caso da Ecologia Profunda (NAESS, 1973, 1989, 2002). Vemos que a principal preocupação da ADE é observar como alcançar o equilíbrio interno dos ecossistemas, pois a quebra da harmonia pode provocar o sofrimento em cada um dos pequenos

organismos de que é constituído o meio ambiente. Por isso, a ADE é uma disciplina de entremeio, e vai buscar conhecimento em outras fontes filosóficas.

A Ecolinguística ou Linguística Ecológica assenta-se sobre as vertentes população/território/língua, enquanto a Análise do Discurso Ecológica, como disciplina investigativa, propõe-se a descrever e analisar a construção dos sentidos gerados por **sujeitos** que empregam **linguagens** (face a face, virtual ou potencial) dentro de **contextos** ecológicos interacionais de comunicação (meios ambientes natural, mental, social e histórico).

Nossa preocupação aqui é compreender que o discurso, ou seja, **os sentidos dos nossos dizeres com as vertentes de valor** do que se diz, aparecem em diferentes perspectivas conforme o direcionamento dos estudos. Por isso, investigamos, como se constroem as harmonias e desarmonias dentro da dinâmica dos ecossistemas e partimos em busca de outros conhecimentos sobre a ação do equilíbrio de forças e ética na interação comunicativa. Tanto que uma das influências mais marcantes que a ADE tem é a filosofia de vida da harmonia de Mahatma Gandhi (PRIVAT, 1957). Outra vertente que trouxe contribuições é a filosofia de Tao, pois o taoísmo adota a ideia da preservação do equilíbrio natural e esse jogo de forças é conhecido como *yin-yang* que carrega em si o balanceamento equilibrado da parcimônia, respeito, ética. A ADE foi também influenciada pelo hinduísmo.

HINDUÍSMO e GANDHI

Gandhi (1869-1948) indiano que professava a religião Hindu e lutou pela independência da Índia contra a colonização pela Inglaterra. Seu movimento pelos direitos civis envolvia a resistência não violenta (*ahimsa*).

Ahimsa é um princípio filosófico-religioso que significa "sem dor" ou "não violência" e permite viver com valores espirituais, pois ferir ou atacar outra pessoa é atacar a nós mesmos. Nós temos que respeitar e amar todas as pessoas e a não violência é a base da procura pela verdade. No pensamento de Gandhi, o *ahimsa* proíbe não apenas infligir dor física, mas também estados mentais agressivos, comportamento violento, palavras duras, desonestidade e mentira.

TAOÍSMO



Símbolo do *yin-yang*

O *Taoísmo* é um conjunto de conhecimentos filosóficos de tradição chinesa. O Tao significa "caminho" para uma vida em harmonia entre as forças dinâmicas de tudo que existe: céu e terra, natureza animal, vegetal e mineral. Muito do taoísmo está sintetizado nos conceitos de *yin-yang*.

O Tao entende que existe uma *unidade* no mundo quando percebemos que todas as coisas são interdependentes (inclusive nós humanos) e tudo está em movimento conforme a mudança das circunstâncias. Essa compreensão de unidade permite que nos vejamos como uma ínfima parcela da totalidade e que a nossa vida são momentos do todo, o Tao.

A totalidade do universo existe na contraposição permanente de duas forças: **yin** (sombra) e **yang** (clareza, luz) que se relacionam em busca da harmonia. Essa percepção de tudo como um movimento dinâmico representa nossa busca de um equilíbrio constantemente redefinido. Os taoístas acreditam que nenhum dos dois é mais importante ou melhor que o outro. Na verdade, nenhum pode existir sem o outro, porque eles são aspectos equiparados do todo, o que muda é a nossa percepção das partes e do todo.

Algumas das associações comuns com *yang* e *yin*, respectivamente, são: masculino e feminino, luz e sombra, ativo e passivo, movimento e quietude.

Valorizar a ética ecológica como respeito a todos os seres de cada *habitat* nos leva também ao proponente da análise do discurso positiva de James R. Martin (2004), que se forma no mesmo ambiente em que a Análise do Discurso Crítica (ADC) surgiu¹. Por isso, Martin

¹ Martin aceita inclusive para a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday, cujo modelo continua sendo usado em suas análises. No entanto, ele autor afirma que a ADC apresenta uma faceta desconstrutiva, que vê o mundo

propõe a Análise do Discurso Positiva (ADP) como complemento da Análise do Discurso Crítica, defendendo a negação do conflito e a busca da harmonização. Em sua opinião, compreender o discurso da ruptura com o equilíbrio tornaria o mundo um lugar melhor.

MARTIN (2004-2006) nos mostra um exemplo de busca da harmonia no texto da autobiografia de Nelson Mandela (1918-2013)² exposta no final de seu livro *Long walk to freedom* (1994). Martin ressalta que a despeito do sofrimento por que passou, Mandela não revelava amargura nem cultivava sentimento de vingança. Pelo contrário, ele defendia liberdade não apenas para seus compatriotas negros, mas também para os brancos, pois, “a liberdade é indivisível”. O fato é que “a retórica de Mandela de engajamento nos faz sentir incluídos além de instruídos” (p. 47). Martin fala ainda da “habilidade de Mandela de naturalizar valores radicais de modo a desarmar em vez de levar ao confronto”, o que “implica não apenas o fim do *apartheid*, mas também uma reconciliação com seus agentes”. Por isso, conclui o autor, “se os analistas do discurso levam a sério a tarefa de patrocinar mudanças sociais, devem alargar seu raio de ação para incluir discursos como esse”, com o que estarão praticando “um discurso mais positivo” (51-52).

Martin estuda ainda o discurso de Bono Vox contra a violência na Irlanda, o texto de Mark Twain contra a guerra dos EUA com as Filipinas e um bem humorado texto do autor de livros infantis Raymond Briggs sobre a Guerra das Malvinas, entre muitos outros. O objetivo é sempre mostrar que muito mais relevante do que o motivo para se ir à guerra é o sofrimento que ela causa nos dois lados.

Outro conceito importante de *ideologia* para Análise do Discurso é o do Círculo de Bakhtin (2006). Para esse grupo de discussão acerca da interação na linguagem, tudo que se diz está permeado dos valores adquiridos pelos sujeitos no seu contexto de existência. Tudo o que dizemos, nossos enunciados, expõe o que é certo ou errado, o que é bom ou mau, justo ou injusto segundo nossa inserção no contexto sócio-histórico. Muitos estudiosos consideram o termo ideologia apenas numa perspectiva política, mas Volochínov (2017) alarga essa concepção e nos explica que o viés político existe sim, mas existem outros aspectos ideológicos, abarcando todos os tipos de valores expostos pelos sujeitos em seus dizeres. Por isso, a concepção bakhtiniana tem mais afinidades com a da ADE. Observamos que as ideologias como valores sócio-históricos frequentemente enfatizam o conflito, a quebra da harmonia, mas ela vê tudo a partir do ponto de vista ecológico, logo, da ideologia da vida ou ecoideologia.

A ADE preocupa-se com os desequilíbrios provocados no contexto e não ignora ideologias políticas e outras, porque vê os discursos do ponto de vista da ideologia da vida (ecoideologia). Assim os discursos para a ADE apontam todo tipo de ruptura do equilíbrio do contexto que leva ao sofrimento de um organismo no habitat dano a qualquer ser, quer seja ele ser vivo ou mineral como a água, o ar. Os analistas do discurso ecossistêmico discutem dois princípios fundamentais da ADE, ou seja, defesa da vida e luta contra a violência e sofrimento evitáveis, o que a leva a favorecer o equilíbrio e a harmonia. Há desarmonia não só entre classes sociais, mas também entre discursos masculinos e femininos, entre discursos de heterossexual e homossexual, entre discursos de deficientes e não deficientes, entre quem mora na rua e quem tem moradia. No entanto, o objetivo do praticante de ADE é tentar recuperar o equilíbrio e a harmonia, como se vê em Silva (2020, 2021).

Uma vez que as ideologias políticas são inevitáveis, a ADE as subordina à ideologia ecológica (ecoideologia), ou seja, ideologia do equilíbrio, da harmonia. Não importa se o discurso mobilizado configura sentidos que beneficiem aspectos econômicos, sociais, políticos... Importa que esses discursos contribuam ou não para o ecossistema, ou seja, para a manutenção da harmonia entre os seres na terra. Nesse sentido, qualquer discurso deve ser analisado, levando em conta essa questão: “em que medida esse discurso contribui (ou não) para a manutenção da Vida em harmonia na terra?” Em segundo lugar, devido às afinidades da

sempre pelo lado negativo, do conflito, mesmo quando deseja melhorá-lo no que concerne a gênero, etnicidade, distinções de classe etc.

² Nelson Mandela: Líder político da África do Sul que ficou preso 27 anos de sua vida e lutou contra o regime do *apartheid* na África do Sul. Depois de sair da prisão, Mandela foi presidente de seu país de 1994 a 1999.

ADE com as filosofias orientais (Hinduísmo, Budismo, Taoísmo), enfatiza a cooperação, o que pode levar à harmonia. Em terceiro lugar, a ADE parte do ponto de vista ecológico, defendido pelo filósofo da linguagem e ecolinguista alemão Peter Finke (1996).

Como disciplina que adota uma visão ecológica do mundo, a ADE adere a uma diversidade de aspectos de valorização da vida como as filosofias orientais: o hinduísmo, o budismo e o taoísmo (COUTO, 2012). Além disso, valoriza aspectos da interação social e do conceito de ideologia conforme o Círculo de Bakhtin. Isso porque a ADE adota conceitos que discutem as quebras de equilíbrio entre certas polaridades sociais como homem-mulher, por exemplo, não como uns contra os outros pelo simples antagonismo, mas como sujeitos que têm o mesmos direitos. Ressalte-se que por ser parte da Linguística Ecológica, a ADE é uma disciplina ecológica que estuda os fenômenos da linguagem, não apenas como uma disciplina linguística que investiga os fenômenos ecológicos.

A dor, o sofrimento e o medo são uma espécie de proteção que os seres vivos têm contra a sua própria destruição e a do outro. Por isso, todos os organismos do meio ambiente estão sempre em busca da sua autorrealização ou do seu bem-estar, como pode ser visto na Ecologia Profunda. Desse modo, a existência de todos os seres vivos ou não está sempre caminhando sobre uma linha tênue entre harmonia e desarmonia e todas as vezes que o desequilíbrio aparece surge a dor, ou o sofrimento e a todas essas causas denominamos violência e as que são evitáveis devem ser evitadas. Para uma discussão sobre sofrimento/dor, respeito/compaixão e medo, pode-se recorrer a Fernandes (2021).

Na ADE, as partes não são independentes e autossuficientes, porque são constituídas pelas inter-relações com o todo constituindo o todo, o sofrimento infringido a uma das partes afeta a harmonia de todo o ecossistema. O sofrimento de um dos elementos do ecossistema é um desequilíbrio de todo o ecossistema e não só de uma das suas partes. Essa ideia está nas metáforas sobre a república quando Platão (2006, p. 157) afirma: “quando ferimos um dedo, toda a comunidade, do corpo à alma, disposta numa só organização (a do poder que a governa), sente o fato, e toda ao mesmo tempo sofre em conjunto com uma das suas partes. É assim que nós dizemos que ao homem que lhe dói o dedo”.

A ADE percebe que é necessário um esforço para restabelecer o equilíbrio vital de todos os seres de todas as espécies e critica o antropocentrismo. O antropocentrismo colocou o ser humano no centro do universo e considerou que o *homo sapiens* é o “dono” do universo e pode usá-lo como quiser. Essa postura permitiu aos humanos explorarem a natureza para sua sobrevivência e para o lucro, por isso eliminam-se animais, destroem-se *habitats*, poluem-se as águas. Logo adotam uma postura que provoca o sofrimento pela quebra avassaladora dos equilíbrios ecológicos. A ADE coloca-se a favor da postura de que todos os organismos têm o mesmo direito à existência própria e contra todos os tipos de violência, por isso é necessário aliar a ADE à Ecoética que são ecodireitos, direitos ambientais, muito bem discutidos por Capra & Mattei (2018).

A ecoética está ligada à questão da ética ambiental, conceito filosófico desenvolvido na década de 1960 que acredita na conservação da vida humana ligada essencialmente à conservação de todos os seres em equilíbrio. Trata-se do ecocentrismo por oposição ao antropocentrismo. Temos, por exemplo, o projeto ecoética lançado em 2011 pela Associação Médica Internacional (AMI), em Portugal, que tem como objetivo dar respostas às necessidades de conservação da harmonia da natureza e de ordenamento do território, incluindo ações de reflorestamento, controle de espécies exóticas etc. Na ADE, a ecoética não está circunscrita apenas à questão ambiental e/ou da natureza não humana; ele inclui os meios ambientes natural, mental e social.

Na perspectiva ecossistêmica, a ecoética seria toda ação que promova ou busque uma harmonia nas inter-relações dentro de um ecossistema e entre os integrantes dessa comunidade com o seu meio ambiente e deles entre si. Essa concepção de ética está ligada à harmonia, mas não uma harmonia egoísta e individual como sua concepção moderna atrelada à ideologia do capitalismo-consumismo. Entendemos que a harmonia ecoética corrobora ainda mais com a

ideia central de uma ética da vida defendida pela Análise do Discurso Ecológica (ADE) cujo ponto basilar é a luta universal pela vida em harmonia.

De acordo com as categorias da Linguística Ecológica, é importante distinguir os desequilíbrios que podem surgir nos ecossistemas natural, mental e social, porque não somos apenas seres animais (naturais); também temos uma vida mental e vivemos em sociedade. O desequilíbrio que traz o sofrimento físico ocorre quando há ferida, mutilação do corpo. Por exemplo, a falta de capacidade de sentir dor pode levar à não percepção das lesões e, conseqüentemente, à perda de partes do corpo, como é o caso das pessoas com hanseníase.

O sofrimento pode se dar também no nível psíquico. Ele se dá, por exemplo, quando uma mulher é assediada, importunada de modo grosseiro. Enfim, quando lhe causam incômodo pelo simples fato de ser mulher. Ele se dá também quando um chefe faz assédio moral contra um subordinado, ou grita com ele, mostrando que tem mais poder. Um dos tipos mais cruéis de sofrimento mental é a tortura psicológica. Se a pessoa é vítima de agressão física, espancada, torturada fisicamente e até morta com requinte de crueldade, temos mais do que sofrimento físico, dor.

No entanto, existem graus de sofrimento. Uma beliscada, por exemplo, pode ser muito menos séria do que uma tortura mental, um ato de assédio ou uma torrente de injúrias (sofrimento mental). Ser caluniado ou ridicularizado por alguém publicamente (sofrimento social) pode ser muito mais ofensivo do que um tapa. Fernandes (2021) discute detalhadamente o conceito de sofrimento. O autor a distingue da dor, associando-a ao respeito, à compaixão e ao medo. Entre outras coisas, ele mostra que é o medo que leva os seres vivos a evitarem situações que tanto podem levar ao sofrimento e à dor quanto a ter compaixão pelo sofrimento dos outros.

Devemos ter em mente que a “defesa da vida harmoniosa” é uma postura ecológica, mas precisamos observar o todo do meio ambiente; para preservar a vida devemos manter o equilíbrio também do contexto como o uso das águas e da produção de lixo. Assim proteger a vida na perspectiva holística leva em conta o respeito a cada organismo do nosso contexto. Há uma interação e uma interdependência entre mundo vegetal, animal e mineral e deve-se ter em mente que a ADE fornece apenas diretrizes gerais a partir das quais cada caso específico de desequilíbrio dentro do *habitat* pode ser analisado. Na verdade, cada caso é único em suas especificidades e deve ser avaliado no contexto em que surge, mas tendo como pano de fundo essas diretrizes.

Tanto para ADE quanto para a ecologia em geral, a ecoética que se realiza na tomada de atitudes positivas para acabar ou amenizar o sofrimento, entendendo que essas atitudes são as maneiras mais concretas de se promover a harmonia das inter-relações no interior do ecossistema. Nos ecossistemas naturais, as inter-relações entre os vários elementos que os compõem, tais como fauna, flora, água, minérios, luz do sol, estruturam-se a fim de estabelecer e manter a harmonia entre esses vários elementos para que o ecossistema como um todo sobreviva. Qualquer desequilíbrio no interior desse ecossistema, como a entrada de um novo predador ou uma praga que acaba com determinada planta que servia de alimento a algum animal, causa sofrimento a um dos elementos do ecossistema, que vai desde frio excessivo, calor excessivo, fome, sede até a extinção de uma espécie, o que por sua vez é sentido por todo o ecossistema, podendo inclusive acarretar sua própria extinção.

A ética da harmonia pelo não sofrimento e conseqüentemente pela não violência, ou a ética da harmonia das inter-relações entre os elementos e o todo de um ecossistema segue uma visão crítica, sugerindo ações diversas. Do ponto de vista de sugerir ações específicas, não estamos criando a ecoética da vida, um conjunto de regras morais que envolvem medidas autocráticas e sim de ações éticas dos valores morais, naturais, mentais, sociais e históricos.

O que podemos depreender de tudo isso é que a concepção de uma ética ecológica entendida como disposição positiva para promover a harmonia das inter-relações dentro de um ecossistema já se fazia presente na filosofia grega clássica. A contribuição da ADE a essa

discussão é a ampliação dessa ética para ecossistemas mais amplos e naturais, uma vez que o ecossistema da filosofia grega se resumia à *polis*. Além disso, para a filosofia, essa ética era um construto humano, fruto da evolução do pensamento humano que aprendeu guiado pelos filósofos a abandonar os seus instintos primitivos ligados à nossa animalidade e submeter-se à orientação da razão.

Sintetizemos algumas das características gerais da ADE. Colocamos em primeiro plano a defesa da vida em harmonia e a luta contra a violência e sofrimento, o que envolve equilíbrio vital na face da Terra. A ADE leva em conta cada parcela minúscula que compõe o todo, porque faz parte da Ecologia. Esse ponto de vista é abrangente, holístico, portanto, muito diferente do ocidental. Por isso, a ADE analisa, critica e prescreve/recomenda condutas que favoreçam o equilíbrio e o bem-estar da vida, evitando a violência. ADE é biocêntrica e ecocêntrica. Seu objeto de estudo preferido são os discursos dialógicos que rompem ou retomam o equilíbrio. O analista do discurso ecossistêmico vê os discursos sob as mais diversas espécies de texto sob investigação como um constituinte da interação comunicativa, não como seu produto. Em suma, estuda os discursos como um processo de desdobramento, não como um simples produto de atos de interação comunicativa. A ADE, como a Linguística Ecossistêmica, dá ênfase ao processo de produção do discurso, *das Fliesen selbst* (o próprio fluxo), como disse Fill (1993).

No parágrafo acima, falamos de texto. Texto é o meio pelo qual o discurso caminha. Ele é parte não apenas da língua escrita, mas muito mais que isso. Um texto é um evento de comunicação e pode aparecer sob diversas formas. Discursos diferentes podem vir em qualquer forma de texto se entendemos que discurso são os valores sócio-culturais que permeiam qualquer tipo de texto, de modo que alguns praticantes de ADE preferem o termo composto texto-discurso. O discurso ganha vida dentro do texto; numa visão ecolinguística, eles formam um conjunto.

Nesse ponto, pode-se fazer a seguinte pergunta: como é possível que a ADE faça parte da LE – esteja nela contida –, mas tenha seus conceitos específicos, não diretamente disponíveis para uma análise diretamente pela LE?. Conforme discutido por Silva (2020, 2021), os conceitos específicos de ADE são invisíveis do ponto de vista macroscópico, que é o da LE em geral. Para ter acesso aos conceitos específicos da ADE é necessário aplicar o que Garner (2004) chamou de ‘método de focalização’. Vale dizer, aproximar o foco a fim de se verem as categorias microscópicas da ADE. Por valorizar a vida biológica, a ADE parte do ecossistema natural da língua para examinar tudo isso. Quando necessário, ela segue a recomendação de intervenção da Ecologia Profunda para defender a vida, manter a harmonia.

4. CATEGORIAS DE ANÁLISE

Na passagem do século XX para XXI, os estudos científicos vêm se abrindo mais para paradigmas científicos que se preocupam com o estabelecimento de inter-relações entre concepções de naturezas distintas. Essa perspectiva de pesquisa que observa a interação entre as áreas biológicas, sociais e ambientais está se desenvolvendo como Ecologia biológica, sociológica e filosófica. Nessa linha, a ADE pretende empreender investigação que tome os estudos linguísticos num viés ecológico, ou melhor, ecolinguístico, isto é, numa concepção integrada entre língua e linguagem, ecossistema natural, mental e social de modo holístico. Desse modo, buscamos entender a produção e proliferação dos sentidos que funcionam em rede como fenômenos interconectados e interdependentes.

Como já foi dito, a ADE tem como princípio básico de que o discurso é todo enunciado que produz sentidos em uma rede de interações comunicativas, num sistema complexo. Levamos em conta que a ADE é um campo de estudos que tem suas bases inspiradas nos pressupostos da Ecologia e da Ecolinguística, mais especificamente da Linguística Ecológica. Essa interligação ocorre porque a Ecologia como ciência iniciou-se no desenvolver dos estudos sobre o meio ambiente como um sistema pleno de relações complexas dentro de um contexto ambiental. Com isso, o princípio que rege os estudos ecológicos é a inter-relação entre todos os seres vivos que convivem num determinado meio ambiente.

Os conceitos da ADE não são novos. Eles são emprestados de teorias filosóficas já existentes, algumas das quais foram mencionadas acima. No entanto, ela tem algo em comum com outras teorias. Por exemplo, compartilha com o marxismo a visão do objeto de estudo como uma totalidade (que se assemelha ao holismo ecológico), a dialética (semelhante às interações ecológicas), a historicidade (sucessal ecológica, na Ecologia) e a inclusão do físico, materialismo (ecossistema natural de língua).

Existem vários conceitos ecológicos usados em Linguística Ecológica que podem, igualmente, ser usados em ADE. Entre eles temos o ecossistema, o holismo, diversidade, a interação, a adaptação, a evolução, a porosidade, a harmonia, a sustentabilidade, visão de longo prazo e ideologia da vida. Passemos a uma breve discussão desses conceitos e categorias, começando pelo de ecossistema.

A Linguística Ecológica e a Análise do Discurso Ecológica têm esse nome não é por acaso, nem por mero modismo, mas, sim, pelo fato de partirem do *ecossistema* – o conceito central da Ecologia – para formar seu arcabouço teórico. Afinal, LE e ADE são disciplinas da Ecologia geral. Por esse motivo, elas procuram observar as inter-relações possíveis geradas na relação complexa entre uma população (P), num determinado território (T), por meio de uma língua (L). Esse tripé foi proposto pela primeira vez por Couto (2007), que o chamou de “ecossistema fundamental da língua”, sendo rebatizado em 2014 posteriormente como “ecossistema integral da língua” (ver Blog meio ambiente e linguagem), a fim de demonstrar a relação intrínseca entre seus elementos e os ecossistemas natural, mental e social. O sentido da palavra ‘fundamental’ seria a *base*, o *fundamento*; contudo, a tendência da ciência moderna tem mostrado que não existe o final, fundamento, elementos mínimos e fundamentais. Exemplo seria o átomo indivisível → elétrons - quark.

Na língua, pensaram que o elemento mínimo, fundamental, era o fonema --- constataram que ele era composto de traços distintivos (menor parte). Hoje, as fonologias de sistemas complexos pensam em termos de “redes”, pois um traço como “labial” pode ser visto como envolvendo lábio inferior, lábio superior, jato de ar, vozeamento/não vozeamento etc. Logo, ele não é “elemento fundamental”.

O mesmo princípio se aplica ao ex-ecossistema fundamental da língua, pois ele é composto de pelo menos três outros meio ambiente (natural, mental, social). Assim, já temos a ideia de integração. Por isso houve a mudança para integral. Afinal o ecossistema da língua integra os meios ambientes natural, mental, social e cultural.

Voltando à questão do ecossistema, é bom sempre ter em mente que ele consiste de interações (I) entre um grupo de organismos (P) cujos membros interagem entre si (interação organismo-organismo) e com seu meio (interação organismo-mundo), é preciso reconhecer três ecossistemas linguísticos. O primeiro é o *ecossistema natural da língua*, em que P_1 é um conjunto de pessoas de carne e osso, que convivem em seu meio ou território (T_1) e interagem pelo modo tradicional de interagir, usando os sons costumeiros, pelas regras proxêmicas, cinésicas e paralinguísticas costumeiras, ou seja, o lado físico-natural de sua linguagem (L_1). Cada indivíduo do grupo tem um cérebro que é o lugar onde as regras interacionais da língua são formadas, armazenadas e processadas, ou seja, ele é o “território” (T_1) em que se encontram os neurônios que interagem entre si (P_2) na produção dessas regras que são a língua (L_2) como fenômeno mental, assim temos o ecossistema mental da língua. Por fim, temos o ecossistema social da língua, em que língua (L_3) são as interações sociais verbais. Os agentes dessas interações sócio-verbais são pessoas (P_3) como entidades sociais, dotadas de diversos papéis, tais como ser pai, mãe, filho, aluno, transeunte, contribuinte do imposto de renda etc. O lugar em que se dão essas interações sócio-verbais, seu território (T_3) é a sociedade.

É importante lembrar que o “social” de meio ambiente social compreende também os aspectos culturais e os históricos. Afinal, não existe sociedade, nem língua, que não faça parte de uma cultura; não existe sociedade estática, parada no tempo. Como todo ecossistema – lembremos que a comunidade que forma a sociedade é um ecossistema, o ecossistema linguístico também está sujeito à sucessão ecológica. Portanto, sempre que usamos o conceito de “social”, entenda-se “social = social, cultural, histórico”.

Gostaríamos de lembrar que, como disse Morin (2007, p.27), não existe um centro de controle no interior do ecossistema. Por isso, um ecossistema como o da comunidade de língua portuguesa não tem por “centro” Lisboa nem, muito menos, Rio de Janeiro, Luanda ou Maputo. Se alguém desejar falar em centro, o “centro” de determinada língua é aquele que determinado investigador delimitou para estudar no momento em que o delimitou. Por isso, para a VEM, totalitarismos de todos os tipos são repudiados, pois são monocêntricos e centrípetos, o que frequentemente leva a conflitos. A diversidade é sempre bem-vinda.

O ecossistema deve ser olhado como um todo, donde o conceito de *holismo* ser um dos principais para a VEM. Olhar para o objeto de estudo de uma perspectiva holística evita que o investigador dê preferência aos aspectos que mais lhe agradam, ou os que parecem mais “bonitos”, “menos chocantes” etc. Enfim, mostra todos os lados da questão, mesmo que cada investigador específico tenha que fazer um recorte, a fim de analisar o que consegue perceber. Enfim, a visão holística evita a parcialidade.

Um outro conceito muito importante é o de *diversidade*. Aceitar a diversidade implica tudo que já foi dito de holismo. Implica também respeitar o diferente. Ter uma atitude de tolerância para com o outro, sobretudo quando o consideramos diferente de nós. Não aceitá-lo acarreta quebra de harmonia e intolerância, o que pode levar à agressão e à violência, principalmente contra as minorias. A aceitação da diversidade pressupõe uma atitude de cooperação e harmonia. A cooperação existe em Ecologia biológica sob o nome de *interações harmônicas*, tanto intraespecíficas quanto interespecíficas. No primeiro caso, existem as interações entre seres humanos; no segundo, entre humanos e seres de outras espécies, como pode ser visto nas investigações ecolinguísticas de Arran Stibbe (2018) e Diego Forte (2020).

Intimamente associada à diversidade está a questão das *interações* (inter-relações, relações), a ponto de a interação ser a característica definidora da linguagem/língua. Nada está isolado dentro do ecossistema, tudo está relacionado a tudo, direta ou indiretamente. Por isso, o ecossistema é uma rede de inter-relações que se estabelece entre os organismos e o meio ambiente. Quanto mais diversidade houver, mais interações serão observadas. Como observado em diversas passagens do presente livro *interações*

Em suma, a ADE parte da ecologia da interação comunicativa, da qual o texto-discurso faz parte, mesmo quando os interlocutores são escritor e leitor. Por fazer parte da Linguística

Ecossistêmica, a ADE se interessa não só por esse produto que, no fundo, é um artefato, mas por todo o processo de sua produção. O texto-discurso é um “ponto” na cadeia de inter-relações do processo de interação comunicativa.

Na dinâmica das inter-relações, há sempre uma *adaptação* dos organismos ao seu meio e vice-versa, bem como dos organismos entre si. É exatamente a capacidade de adaptar-se que promove a harmonia e o equilíbrio do meio ambiente. No início filogenético da vida na Terra, a adaptação do meio ambiente aos organismos era menos evidente, pois se pensarmos que no início só tínhamos microuniversos unicelulares, seria impossível que eles causassem mudanças suficientes para que o ambiente se adaptasse a eles. Hoje com o aumento da tecnologia temos uma ruptura desequilibradora, pois com a rapidez das mudanças, os habitats estão tendo dificuldade de se adaptarem. Atualmente o ser humano como organismo age com poder ilimitado em grande medida adaptando o meio ambiente a ele em vez de o *homo sapiens* se adaptar ao meio ambiente.

Esse movimento de desarmonia na adaptação pode levar a um beco sem saída. O mundo e a cultura (que inclui a linguagem) são dinâmicos. Eles estão em constante mudança e adaptação às novas situações que a natureza (e a cultura) apresenta. Não se adaptar é resistir, o que também pode levar à desarmonia, ao conflito e à violência, tanto contra humanos quanto contra outros seres, vivos e não vivos, como se vê nas ações predatórias. De acordo com o darwinismo, há competição e sobrevivência do mais apto. No entanto, as investigações mais recentes têm mostrado que seres mais adaptáveis têm mais chances de sobrevivência, não necessariamente o mais forte, como era o caso dos dinossauros. A adaptação é uma forma de conviver em harmonia com o meio ambiente e também com os demais seres. Adaptar-se é ser flexível, o que implica tolerância. Por fim, a adaptação produz mudança, com o que passamos à evolução.

A adaptação é um lado da moeda cujo verso é a *evolução*. Adaptar-se é evoluir e evoluir é adaptar-se. A evolução ecológica ocorre ciclicamente. Tudo na natureza se move em ciclos, como no caso de alternâncias como noite/dia, as estações do ano, o ritmo biológico do nosso organismo e assim por diante. Mesmo na cultura e na linguagem as mudanças são cíclicas. No mundo da moda, por exemplo, quantas vezes a gente vê os *designers*, aqueles que ditam o que está na moda, dizer que “agora o que existia nos anos 1960 e 1980 é chique”? Basta criar um novo termo para designar o fenômeno, como *retrô*. Em Couto (2012, p. 179-199) encontram-se alguns exemplos de evolução cíclica na literatura e na linguagem. Isso nos leva ao domínio da *reciclagem*, que poderia ser uma solução precária para o consumismo capitalista.

De volta ao ecossistema como um todo, notamos que ele se inter-relaciona com os ecossistemas ambientais, dando e recebendo matéria, energia e informação para/deles. Ou seja, esse todo mostra a característica de *porosidade*, às vezes também chamada de abertura. Como a diversidade, essa característica também implica tolerância para com seres não apenas da própria espécie – nas interações intraespecíficas – mas também para com os de outras espécies – nas interações interespecíficas – e até para com outras etnias, além de contrariar o etnocentrismo, o racismo e todos os demais “ismos”. Mostra-nos que nada está isolado. Ao contrário, tudo é influenciado de fora, além de influenciá-lo. Isso, nos leva a ser receptivos e a respeitar a opinião do outro, mesmo quando discordamos dela, exceto opiniões semelhantes à de um fascista que conclama à morte de determinados grupos étnicos ou sociais. Respeitá-lo não significa aderir a ele. Afinal, conceitos como “certo” e “errado” são criados socialmente, o que implica que são relativos. Além de não existirem na natureza, variam de comunidade para comunidade e de segmento social para segmento social. Se quisermos usar o conceito de “errado”, ele deve ser aplicado ao que causa violência e sofrimento, tal como é entendido no presente contexto. O que não causa sofrimento a outros seres não pode ser legitimamente considerado errado. Como aponta o ecologista americano Aldo Leopold, “uma coisa está certa quando tende a preservar a integridade, estabilidade e beleza da comunidade biótica. É errado quando tende para o contrário” (*apud* DRENGSON; INOUE, 1995, p. V).

Em seguida temos uma categoria que não pertence à ontologia ecológica, mas ao modo de lidarmos com o meio ambiente, ou seja, a *sustentabilidade*. A ideologia ecológica defende os princípios “3R” dos Objetivos de Sustentabilidade das Nações Unidas: Reduzir, Reutilizar e Reciclar” (DASH, 2020). O progresso acelerado criou o acúmulo de lixo e a tendência ecológica é que o correto é reduzir, reaproveitar e reciclar implica o uso e abuso de recursos naturais – e não apenas da natureza viva –, além de poluí-la. Nossa intervenção na natureza está aumentando a cada dia e se tornando cada vez mais insustentável. Isso traz sofrimento para outros seres vivos, como no caso do consumo exagerado de carne, que demanda o sacrifício de centenas, milhares, milhões de animais. A pecuária extensiva destinada ao abatedouro – e à produção de leite – requer grandes porções de terra para o pasto, em geral com apenas uma espécie de capim, como a *bracchiaria plantaginea*. Isso acarreta a redução da diversidade da flora, da fauna e dos microrganismos. Para reduzir o número de pragas, vale-se de agrotóxicos. Como é bem sabido, os agrotóxicos matam os microrganismos que vivem no ecossistema em questão, ou seja, sua aniquilação leva ao desaparecimento das aves e de outras espécies que se alimentam de insetos, como denunciou Rachel Carson no início dos anos sessenta do século passado (CARSON, 1962).

Ainda no que tange a nossa maneira de lidar com o meio ambiente, é importante ressaltar que a natureza não tem pressa. Portanto, é necessário ter uma visão de longo prazo, o que significa que não devemos usar e abusar os recursos naturais existentes, com risco de exauri-los. Isso prejudicaria as gerações futuras, que não terão de que sobreviver. Enfim, a visão ecológica de mundo (VEM) requer de nós uma *visão de longo prazo*. Ao planejar o manejo dos recursos naturais é necessário pensar a longo prazo a fim de tentarmos prever quais serão as consequências de nosso modo de intervir na natureza extra-humana.

Existem vários outros conceitos ecológicos que podem ser usados na ADE. Entre eles estão as já mencionadas *relações harmônicas* e as *relações desarmônicas*, tanto intra quanto interespecíficas. Entre as relações harmônicas interespecíficas, podemos citar o inquilinismo e o mutualismo. No que diz respeito às relações desarmônicas interespecíficas, há sobretudo predatismo (predador *versus* presa). Aqui se pode argumentar que o predador causa sofrimento em suas presas, portanto não se deve comer carne. Isso é verdade. No entanto, também é verdade que isso faz parte da cadeia trófica da natureza viva. É uma forma de manter seu equilíbrio, sua sustentabilidade. Dentre as relações desarmônicas intraespecíficas podemos citar a competição, que também existe interespecificamente. O que chamamos de *comunhão* em Linguística Ecológica – um pré-requisito para a comunicação – pertence às relações harmônicas intraespecíficas. Na Ecologia geral, assim como em suas versões filosóficas, sociológicas e antropológicas, temos muitos dos conceitos para o estudo crítico de textos-discursos referentes aos mais diversos assuntos. Tendo em mente que a Biologia é a ciência da vida, não precisamos temer o biologismo. Utilizar a Ecologia geral como base dos estudos culturais – e linguísticos – é assumir o ponto de vista da vida, da VEM. Afinal, a Ecologia é parte da Biologia, a ciência da vida, motivo pelo qual não é mera coincidência que o primeiro princípio da ADE seja a defesa da vida. Portanto, não é preciso grandes elucubrações filosóficas para responder à pergunta sobre “o que é vida”.

As relações harmônicas têm um equivalente em Linguística Ecológica, e em Análise do Discurso Ecológica: a *comunhão*. Trata-se de um tipo de interação mental, em que as pessoas se sentem contentes pelo simples fato de estarem juntas e/ou em contato. É um compartilhamento de um estado de espírito de benevolência. Tanto que na LE ela é tida como um pré-requisito para qualquer interação comunicativa eficaz. Por exemplo, se você está em uma cidade estranha e precisa de uma informação sobre onde fica determinada rua, você não se vira de supetão para o primeiro transeunte e joga a pergunta: “Onde fica a rua Tiradentes?”. Pelo contrário, primeiro você diz algo como “por favor!”. Quando ele se vira para você, na prática entra em *comunhão*, momento em que a pergunta pode ser feita. Há inúmeras outras situações de pessoas em *comunhão*, como um grupo de torcedores de determinado time nas

arquibancadas de um estádio, pessoas em oração, pessoas que guardam “um minuto de silêncio” etc. Por fim, é um tipo de comunhão sistêmica que faz com que os brasileiros sabem que o são e que os demais brasileiros também o sabem.

Devemos, inclusive, ir contra a depredação da natureza inanimada que quebra a harmonia. Se não cuidarmos das águas, por exemplo, elas podem ficar poluídas a ponto de envenenar não só os humanos, mas todos os outros seres vivos. Eles podem até desaparecer, caso em que os humanos também desapareceriam. Não teríamos nem oxigênio para respirar. Não devemos usar determinados produtos que causam o efeito estufa, porque corremos o risco de ser torrados ou morrer de câncer de pele, ou ambos. Não é simplesmente uma questão de ter uma visão apocalíptica ou catastrófica, uma visão do fim do mundo. É uma questão de ser realista. O que vimos até agora aponta nessa direção. Por que não se importar, por que não ser prudente?

Não podemos deixar de lembrar também aqui a tantas vezes mencionada *ideologia da vida*, ou *ecoideologia*. Ela propõe uma equidade entre seres de qualquer espécie. O funcionamento ecológico da vida liga-se a um movimento constante de busca do equilíbrio e ruptura da violência que causa tanto o sofrimento físico, social e mental dos seres vivos. Apesar de parecer utópica, essa ideologia se torna um sistema, um movimento reformista que visa desconstruir continuamente a ação de desequilíbrio e tenta restabelecer a harmonia por meio do engajamento contra a exploração e o preconceito, contra a degradação da natureza, contra tudo que se oponha à manutenção da vida. Não é uma solução final, já que o conflito que muitas vezes gera a desarmonia é inerente à natureza, mas um modo de combater a desigualdade que produz sofrimento em meio ao ambiente de vida.

A ideologia da vida é, por isso, um conjunto de visões ecológicas de mundo que orientam ações específicas em favor da manutenção do ambiente e de si. Por isso, ela atende o objetivo central da ADE, a defesa da vida. A ação conjunta é um requisito sem o qual o desenvolvimento de uma ideologia da vida não se manteria. Desse conjunto de elementos que permeia a ideologia da vida, constitui-se a *ecoética*, ou seja, um modo de estabelecer princípios e práticas que orientem o comportamento humano, em razão do desenvolvimento de uma consciência ecológica que parta de uma visão ecológica de mundo (VEM). Precisa-se assumir que, por mais que seja natural o conflito, o homem, como ser consciente, é responsável pela manutenção do ecossistema e de todos os níveis da vida, podendo atuar como mediador da relação entre seres vivos e natureza, harmonizando ao máximo o ambiente entrópico e buscando evitar a violência.

5. METODOLOGIA

Mesmo sendo multimetodológicas e multidisciplinares, a Linguística Ecológica e a Análise do Discurso Ecológica já dispõem de uma metodologia própria. Essa metodologia pode ser chamada de *ecometodologia*, que parte da visão ecológica de mundo, utilizando-se do *método da focalização* (*focussing method*), proposto por Garner (2004) a fim de pôr em prática a multidisciplinaridade e a multimetodologia. O que segue, vamos apresentar a ecometodologia teoricamente e em seguida tentaremos dar um exemplo de como aplicá-la a casos específicos, uma vez que todo objeto de estudo é complexo, apresenta diversas facetas que devem ser observadas de perspectivas diferentes, como no perspectivismo do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Em Couto (2018b) temos uma detalhada exposição da ecometodologia da LE, inclusive um pequeno histórico.

O autor começa mostrando que um dos primeiros precursores da ecometodologia é o sociólogo brasileiro-francês Michael Löwy, que parte de uma visão marxista da questão. Segundo esse autor, há duas posições básicas sobre a atitude do investigador para com seu objeto de estudo. A primeira é a do objetivismo total, em que o pesquisador se mantém neutro relativamente ao objeto, evitando que o processo de observação afete o objeto observado, coisa que até na Física está provado que é impossível. Löwy (1985) mostrou que dois grandes representantes dessa postura são os positivistas Auguste Comte (1798-1857) e Émile Durkheim (1858-1917). Por outro lado, “temos a posição do agrobiólogo soviético Trofim Denisovitch Lyssenko, de acordo com a qual não há neutralidade na ciência, toda pesquisa é engajada, reflete a ideologia perfilhada pelo pesquisador que, no caso dele, era o materialismo dialético e histórico” (COUTO, 2018b, p 22). Inclusive a Biologia soviética para ele era superior à “burguesa” do Ocidente, pois estava unida pela ideologia marxista. Como se vê, é o oposto diametral da primeira postura e, como ela, também parcial, pois não leva em conta a totalidade, como mostrado em Silva (2020). Na verdade, a ecometodologia é dialética.

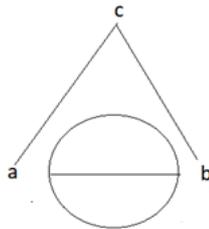
A primeira contribuição de Michael Löwy para a ecometodologia da LE foi ter argumentado que há perspectivas parciais, como a de uma janela, que permite ver apenas o que se pode ver por ela. Esta é a metodologia das disciplinas científicas que se enquadram na visão de mundo cartesiano-newtoniana. Mas, há também a visão a partir do teto da casa, ou do alto de uma montanha, que permite ao observador ter uma perspectiva abrangente, holística, que abrange tudo que se encontra em torno da casa ou da montanha. É a visão macro, ao passo que a visão da janela é micro, às vezes até microscópica.

A visão abrangente, holística precisa ser complementada pela de uma outra que possibilite fazer um *close* do objeto a fim de examinar aspectos minúsculos, invisíveis da perspectiva holística. É aqui que entra em cena o método da focalização, proposto por Mark Garner. Vejamos como Garner o descreve.

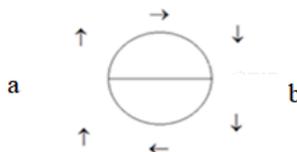
"conceito de focalização implica prestar bastante atenção a um problema ou fenômeno contra o pano de fundo do contexto em que ele ocorre. Em um filme, a câmera pode focalizar, por exemplo, a face de um ator a fim de chamar a atenção para uma expressão particular, mas, durante o tempo em que os outros elementos da cena estiverem fora de foco, estão ainda lá como um pano de fundo essencial para entender a expressão. Mesmo se a face toma conta de toda a tela temporariamente, excluindo todo o resto, a câmera pode retroceder a fim de abarcar o contexto maior" (Garner 2004, p. 202).

Pouco tempo atrás tivemos um ótimo exemplo disso durante um jogo de futebol no sul do Brasil. Uma torcedora que se encontrava nas arquibancadas chamou um jogador negro do time adversário do dela de macaco. Logo em seguida, uma câmera de televisão focalizou no rosto dela lá no meio da multidão, de modo que foi possível perceber nitidamente que seus lábios estavam pronunciando a palavra MA-CA-CO. Isso foi considerado prova suficiente para processá-la por racismo. Nos termos de Garner, no momento em que a câmera estava mostrando apenas o rosto da mulher todas as demais pessoas da arquibancada continuavam lá. Tanto que o operador da câmera foi ampliando o foco de novo até mostrar toda aquela parte do estádio.

No caso da Linguística Ecológica, e da Análise do Discurso Ecológica, também se pode aproximar ou recuar o foco. Por exemplo, se o investigador estiver analisando um poema e precisar de informações sobre questões fonético-fonológicas, de ritmo e outras, aproximar o foco é solicitar a ajuda de um fonólogo. Assim que ele entregar os resultados ao linguística ecossistêmico, este os avaliará da perspectiva geral, holística em que se encontra. Se ele próprio tiver o conhecimento necessário para fazer as análises necessárias, poderá fazê-las ele mesmo como fonólogo, mas, logo em seguida, retornar ao lugar da visão ecológica de mundo, a visão macroscópica. A figura 5 de Silva (2020, p. 102) reproduzida logo a seguir visualiza isso de modo bastante convincente. Colocando-se na posição *c*, do “teto da casa”, o investigador tem uma visão ampla do entorno.



Tudo isso mostra que a ecometodologia não adota a posição radical de Lyssenko nem a do positivismo. Ela é dialética, pode ir do objeto à ciência ou da ciência ao objeto. Começando em qualquer um desses pontos de partida, ele sempre volta a ele, e vice-versa, quantas vezes for necessário. O método não é exclusivamente indutivo nem exclusivamente hipotético-dedutivo, embora haja uma preferência por partir da observação do objeto (método indutivo), mas não necessariamente. A figura a seguir de Silva (2021) mostra uma possibilidade desse movimento dialético entre as duas posições, movimento que lembra o da figura do *yin-yang*, reproduzida no capítulo 3 do presente livro. Essa metodologia lembra ainda a de Karl Marx, exposta no prefácio de *O capital*.



=>O objetivo de toda teoria científica é chegar à verdade, a uma descrição e explicação o mais objetiva possível do seu objeto de estudo. No entanto, vimos que descrições inteiramente objetivas são inatingíveis. Portanto, o que é humanamente possível é fazermos “descrições aproximadas”, como proposto por Fritjof Capra em várias obras. As aproximações vão se refinando a cada vez que aparece um modelo que supere algumas lacunas do modelo anterior. No caso da LE e da ADE, aproximar o foco é usar a metodologia de uma teoria que trata especificamente da questão em tela, já que elas são multimetodológicas. Por exemplo, se o objetivo é descrever a Fonologia de uma língua qualquer, aproximar o foco é solicitar a ajuda de um fonólogo, ou usar sua metodologia. O mesmo princípio vale para qualquer outra questão. A grande vantagem desse método é que ele pode ser combinado com outras metodologias. Couto (2018b) apresenta três exemplos ilustrativos dessa metodologia. O primeiro é uma dissertação de mestrado sobre as variedades linguísticas da Guiné-Bissau conhecidas localmente como manjaco, mancanha e pepel. Elas são tão parecidas que alguns as consideram dialetos da mesma língua, outras as veem como línguas diferentes. Pois bem, a dissertação descreveu microscopicamente a fonética-fonologia das três. Quando o investigador foi avaliá-las, notou que os padrões fonológicos delas eram praticamente idênticos, o que permitiu concluir que se tratava de três dialetos da mesma língua. O segundo caso é menos interessante, portanto, vamos ao terceiro, praticado pelo linguista norte-americano Kenneth Pike.

ao chegar a um grupo indígena com o qual não há nenhuma língua para comunicação, o linguista treinado em transcrição fonética mostra uma folha de árvore a alguém que se mostrar mais simpático e, se ele proferir algum som, transcreve-o como pode. Depois o linguista mostra uma pedra e transcreve o som que essa pessoa do grupo proferir. Mostra a água e transcreve, e assim sucessivamente. Ao chegar lá pela décima ou vigésima palavra, ele já estará começando a ter uma vaga ideia da fonética-fonologia da língua local. Ao chegar a umas 400 a 500 palavras, ele já terá ideia até mesmo de alguns aspectos da morfologia e da sintaxe. Com mais alguns dias de interação com os membros da comunidade e coletando mais dados, agora inclusive pequenas frases, o investigador já estará tendo uma ideia razoável da gramática dessa língua. Isso se completará quando ele estiver bastante familiarizado com a cultura local e começar a coletar narrativas (COUTO, 201b, p. 21).

Aí está descrita a parte indutiva (do objeto à teoria) do procedimento de Pike. Logo em seguida ele voltava aos informantes a fim de checar os resultados obtidos. Vejamos algumas possibilidades de aplicação dessa metodologia em análises de textos-discursos pela ADE.

Um exemplo frequentemente dado na literatura é o de um texto-discurso falando do caso de uma mulher que apanha quase todo dia do marido que chega bêbado em casa e, em alguns casos, chega a matá-la. Olhando para o fato microscopicamente, sem uma visão de conjunto, a primeira reação de qualquer pessoa é de que esse marido deve ser trancafiado na cadeia de imediato, sem mais delongas. Quando avaliado de uma perspectiva mais ampla, holística, notamos que o procedimento pode não ter validade a longo prazo. Logo algum juiz o solta e a mulher vai ter que conviver com ele de novo. A ADE levaria em conta as inter-relações harmônicas, cuja versão ecolinguística é a comunhão, e aconselharia seu praticante a tentar trazer o marido violento ao diálogo. Poderiam ser mostrados a ele diversos casos de homens como ele que estão na cadeia, que seria muito melhor para ele próprio não maltratar a mulher. Enfim, as estratégias são várias. Se funcionarem, o resultado pode ter validade a longo prazo. Porém, se elas não derem resultado, ele deve efetivamente ser algemado e levado à prisão, como último recurso, não como o primeiro (COUTO; COUTO; BORGES, 2016, p. 2015, p. 136).

O que acaba de ser dito vale no que tange à intervenção, recomendada pela Ecologia Profunda. No que diz respeito à metodologia de análise do texto-discurso, devem ser levadas em consideração todas as categorias de análise e os conceitos discutidos no capítulo anterior. Por exemplo, deve-se levar em conta em primeiro lugar as interações, se as interações entre as pessoas, ou as personagens se for o caso, são harmoniosas, se há comunhão. Se os itens lexicais escolhidos vão na direção do que Francisco Gomes de Matos chamou de “português positivo”, que é uma linguagem que dá preferência às relações harmônicas, evitando palavras de acepção ríspida e dando preferência a palavras com significado construtivo e colaborativo. Muitas dessas palavras começam pelo prefixo *com-* e respectivos alomorfes, como *colaborar*, *cooperar*, *compaixão* etc.

Na análise dos cinco textos-discursos da Parte II procuraremos seguir esses procedimentos sempre que possível. Em Couto; Couto (2019) pode-se ver uma tentativa de análise da letra da música “Se eu quiser falar com Deus”, de Gilberto Gil, pela metodologia da Linguística Ecolinguística, não especificamente pela da ADE, embora a argumentação possa ser apropriada pela ADE também. Uma faceta interessante desse ensaio é o ter mostrado graficamente o que Benveniste e Bakhtin formularam verbalmente: todo texto é dialógico; mesmo aqueles aparentemente monológicos contêm dialogicidade em seu interior. O artigo mostra isso graficamente no fluxo interacional.

PARTE
II ANÁLISE DO DISCURSO ECOSISTÊMICA: PRÁTICA

1. A QUEBRA DA HARMONIA DOS MORADORES DE RUA

A partir do presente capítulo vamos nos dedicar a análises de casos específicos. Começamos pela investigação de dados obtidos por Elza Kioko N. N. do Couto junto a uma menina de rua na cidade de São Paulo. Trata-se de uma interação face a face da pesquisadora com uma jovem de 17 anos em situação de rua. As anotações mostram a aproximação entre as interlocutoras como pessoas que se olham nos olhos, ouvem as vozes, observam os movimentos corporais uma da outra, para tentar compreender melhor como se relacionam consigo e com o mundo. Vejamos a parte inicial dessa entrevista, em que a entrevistadora é *E* e a entrevistada *C*. A entrevistadora introduziu o excerto de diálogo com as seguintes palavras:

Em meu primeiro dia [...] a grande preocupação era saber como seria aceita, se a interação com os adolescentes seria fácil e se, em nossas conversas, encontraria as respostas para minhas inquietações. Minha primeira informante foi Cláudia, 17 anos, esbelta e bem vestida.

Em seguida vem o início do diálogo, que é o seguinte:

1. *E: ... me fala do dia a dia dos meninos de rua.*
2. *C: é... a gente rouba bolsas... pega uma pessoa e obriga ela pra comprar cola em loja de móveis ... porque a gente somos de menor*
3. *E: e como vocês fazem isso?*
4. *C: pega... chega perto da pessoa que está andando na rua... coloca a mão debaixo da blusa ((faz o gesto)) e diz pra pessoa comprar cola ... senão ela morre...*

O recorte da entrevista não mostra os preâmbulos da conversa para entrar no assunto. O encontro se deu em ambiente distante da rua, em uma sala do Centro Comunitário da Criança e do Adolescente (CCCA), na cidade de São Paulo. Essa entidade de orientação religiosa tem o objetivo de acolher crianças e jovens em situação de rua no período diurno, para oferecer-lhes ambiente de segurança e assistência com alimentação, higiene e orientação social. A jovem entrevistada era frequentadora assídua do local de acolhimento para passar o dia. Ela aceitou sem muita relutância ser entrevistada. Para isso, ela sentou-se diante da professora e olhou-a com curiosidade enquanto respondia às perguntas. Parecia parece descontraída e, às vezes, seu olhar ficava perdido no vazio. Falou sobre sua experiência de vida nas ruas e seus enunciados parecem convincentes, mas pode-se também imaginar que criou uma narrativa para envolver a interlocutora.

Temos aí duas pessoas que interagiram num contexto “neutro”, uma vez que não se encontravam na rua, local em que a menina morava, nem no ambiente de pesquisa da professora. Além de o contexto ser “neutro”, ou seja, não uma interação comunicativa espontânea, pelo simples fato de ser uma entrevista, com gravador de áudio, já tende a impedir espontaneidade plena da entrevistada. A própria pesquisadora sentiu ansiedade ao redigir no diário que “grande preocupação era saber como seria aceita”. Essa preocupação indicava a insegurança no momento da interação e também explicitava uma abertura para ser ouvinte atenta da pessoa a ser entrevistada.

O excerto de diálogo consta de duas solicitações-pergunta e dois atendimentos-resposta, para nos atermos à terminologia linguístico-ecossistêmica. A primeira pergunta de *E* deixa entrever a ansiedade que sentia. Tanto que fez uma pergunta “neutra” (*me fala do dia a dia dos meninos de rua*) a uma pessoa que, devido à vida na rua, com certeza era bastante pragmática, imediatista e que não tinha muita vontade para fazer uma descrição cartesiana de seu dia a dia na rua.

Que sentidos são produzidos nessa interação comunicativa? Em uma análise sistêmica da interação verificamos como as duas pessoas, pesquisadora e menina, estavam calmas diante de si mesmas e diante de todo o contexto formal de interação, apesar dos pesares. Pela desenvoltura enunciativa da entrevistada, consideramos que pode ter sido sincera como também pode ter construído uma narrativa que ela julgaria do interesse da entrevistadora. Esse jogo enunciativo entre interlocutores está preenchido de formações imaginárias de parte a parte. A jovem imagina o que a pesquisadora quer ouvir e a entrevistadora imagina a vida de solidão e sofrimento daquela menina. Essas percepções ocorrem silenciosamente e podem ser inferidas da situação por meio de uma visão ecossistêmica da interação. Numa interação face a face, além das percepções visuais e auditivas, os enunciadores reconhecem os papéis que estão desempenhando no encontro e, exatamente por terem em mente os papéis de cada uma, também fazem uma projeção imaginária do que a interlocutora está pensando e quais são suas expectativas.

Nessa entrevista, a jovem vê os indícios de ansiedade da pesquisadora quanto ao encontro e parece reproduzir o discurso de uso de drogas e violência que a sociedade como um todo constrói sobre os jovens de rua, como se pode ver em sua primeira resposta:

é... a gente rouba bolsas... pega uma pessoa e obriga ela pra comprá cola em loja de móveis ... porque a gente somos de menor

Os discursos que podem ser detectados nesse cenário tentam interpretar valores como a pena dos moradores de rua, o uso de drogas para esquecer o sofrimento. Nota-se o emprego de expressões como “rouba” e “obriga ela pra compra cola”, que claramente descrevem ações de violência, vistas como negativas pela sociedade. São aspectos evidentes do desequilíbrio que se observam em determinados grupos. A sociedade fica distante do problema, mas tem pena dos jovens de rua. Por outro lado, os meninos em desequilíbrio entre família e rua respondem provocando outro desequilíbrio, o roubo.

A jovem carente denuncia momentos em que, nas ruas, cada um age de modo a sobreviver e atingir suas necessidades básicas. Ao dizer que pratica “roubo”, a enunciativa expõe que conhece a desvalorização social do ato, mas deixa entrever que considera sua atuação justificável, para obter os recursos necessários às suas necessidades, como o uso de drogas (cheirar cola). A palavra “rouba” nos mostra o conflito interno e o desequilíbrio com valores anteriores, esse termo indica como os discursos da família ainda ecoam em sua memória. A seleção do léxico na interação comunicativa mostra que a jovem ainda não conseguiu se livrar de certos valores morais (discursos) e isso, sem dúvida, traz dor e sofrimento interior a ela. Esse sofrimento leva-a a reagir em defesa própria como forma de resistência e sobrevivência nas ruas que frequenta. A aparente naturalidade do relato e a descontração da enunciativa mostram que, na interação urbana, a jovem começa a romper com um passado inaceitável e passa a agir pela sua sobrevivência e bem-estar. Sua tranquilidade indica que agir com violência passou a fazer parte das suas relações, da sua condição social de estar à mercê da violência alheia também.

Ao dizer “a gente”, referindo-se aos jovens em situação de rua, mostra que, como pessoa, se inscreve em um grupo de pessoas semelhantes ao qual pertence e que as relações com os companheiros de infortúnio são de parceria e comunhão, mas os demais habitantes da cidade são seres diferenciados com os quais não se identifica. A expressão “a gente” como pronome “nós” inclusivo, nos leva a crer que os demais membros da sociedade são diferentes, pertencem a uma classe que discrimina esse grupo social. Os habitantes da cidade têm moradia, alimentam-se regularmente, mas não são reconhecidos em situação de igualdade ética com aqueles que estão na rua, soltos, em caçada contínua de alimento. Esses jovens veem os habitantes como presas a serem atacadas no momento oportuno. O uso da cola de sapateiro

como éter inalável indica a ruptura da harmonia no ecossistema mental. Ela certamente sabe que a cola faz mal, mas tem que usá-la como os demais garotos e garotas com quem convive nas ruas. Essa desarmonia mental, e até social, é provocada pelo abandono que lhes traz sofrimento. Assim, quando se “cheira cola” é para sentir algum prazer, já que não tem acesso aos prazeres que sabe que os filhos da classe média têm. É um impulso na direção da harmonização com o ecossistema mental, porém é transitória e fugaz. Porém, como é por demais consabido, toda ruptura do sujeito traz o sofrimento de volta.

A pergunta seguinte da entrevistadora é motivada pela resposta à primeira.

E: e como vocês fazem isso?

A resposta vem sem pestanejar. Ela revela mais uma estratégia usada para a sobrevivência na rua, fingir que se tem uma arma “debaixo da blusa”.

C: pega... chega perto da pessoa que está andando na rua... coloca a mão debaixo da blusa ((faz o gesto)) e diz pra pessoa comprar cola ... senão ela morre...

Geralmente os meninos e meninas de rua não andam armados. Essa simulação de que tem uma arma é pura e simplesmente para de alguma forma forçar a pessoa abordada a levar a sério a solicitação.

Nos enunciados da jovem aparecem os aspectos da convivência, mas também evidenciam que a vida de uma jovem que mora na rua está em estado de permanente desarmonia, pois o isolamento social indica uma ruptura muito forte com o modelo familiar e com os valores hegemônicos da sociedade. Os discursos correntes no ecossistema social criam faixas de marginalidade e de exclusão normalizadas e sistematizadas, pois viver em situação de rua leva as pessoas a se diferenciarem da sociedade comum. Essa percepção de exclusão ou desequilíbrio é um reflexo do comportamento das próprias pessoas ao olharem esses jovens num misto de medo e piedade.

O discurso corrente na sociedade é que, normalmente, a decisão de afastar-se do núcleo familiar e da escola parte da própria pessoa, por sentir-se em ambiente hostil. Afastar-se é uma espécie de fuga em direção ao desconhecido. A decisão de ficar nas ruas vem gradativamente, com incursões de aventura, e o jovem desenvolve um conhecimento dos ecossistemas natural e social e seu ecossistema mental compreende os papéis da vida sob aparência de liberdade que se sustenta pela transgressão de valores. Daí a opção pelo desequilíbrio das ruas é menos vulnerável do que o desequilíbrio familiar. Pelo menos nos primeiros momentos, talvez não a longo prazo.

Perambulando pela cidade, o menino ou a menina em situação de rua encontra uma relativa harmonia quando se aproxima de seus iguais e decide lutar por alimentação e abrigo como primeiras necessidades. Para obter algum equilíbrio dentro do ecossistema natural e social, as regras sociais anteriores são quase todas descartadas e apega-se a novos valores de sobrevivência e proteção. Avaliar, ecossistemicamente, esse cenário comum a muitas das cidades do Brasil nos leva a verificar a premência social. A criança ou adolescente passa por sofrimento constante ao ver-se como integrante de um grupo alijado da sociedade e, portanto, começa a ver os demais habitantes da cidade como “inimigos”.

Assim, a ADE entende que uma pessoa em situação de rua desenvolve valores (discursos) diferenciados e estimula a aproximação dos iguais no infortúnio (comunhão), o que permite a valorização dos demais cidadãos como possíveis fontes de recursos a serem obtidos. A jovem entrevistada anda pelas ruas do centro de São Paulo, aproxima-se dos transeuntes, mistura-se à massa como pessoa “comum” a fim de encontrar uma oportunidade de obter

vantagem em prol de sua sobrevivência. Esse comportamento é indício de que há uma ruptura dentro do ecossistema social, pois o sofrimento e o desentendimento no núcleo familiar promovem uma desestabilização nos ecossistemas mentais envolvidos. Isso porque a quebra do vínculo com a família num ecossistema natural e social promove uma ruptura na ordem do ecossistema mental, conduzindo ao sofrimento interior, com a perda do sentimento de proteção e acolhida. Surge no ecossistema mental uma dor profunda com a surpresa de não poder contar com um vínculo de pertencimento normalizado culturalmente em relação às famílias. Essa ruptura no ecossistema social da família provoca um dor mental constante, envolvendo o âmbito emocional. Como consequência, a pessoa ainda jovem se depara com a solidão e o desejo de se adaptar a outro grupo social que vive nas ruas, como forma de libertação. Rompe-se, assim, uma aliança com a ordem familiar que, ordinariamente, ajuda na constituição do equilíbrio e da segurança no ecossistema mental. Desterritorializa-se relativamente ao núcleo familiar e se reterritorializa no ambiente das ruas.

A ruptura com o ecossistema de origem do sujeito leva à necessidade de aprender a conviver em outro ecossistema, o ambiente construído – por oposição ao ambiente natural intocado pelos humanos – das ruas. Aí não há sensação de proteção, mas de perigo contínuo, cada um precisa resolver por conta e risco próprios suas necessidades de alimentação e abrigo para que possa dormir. Nessas circunstâncias, a criança ou o adolescente que, usualmente, esperaria por segurança, sente que deve aprender a sobreviver na vida urbana assim como um animal vive na natureza. O menino ou a menina em situação de rua perambula pelo meio ambiente das ruas como um pequeno ser que deve enfrentar todos os demais para sobreviver, sempre acuado. Comparamos esse ecossistema natural-construído da vida urbana ao ambiente natural-selvagem, em que cada ser olha os demais como presas ou predadores em potencial. Nos momentos em que o sujeito se sente um predador em situação de rua, observamos um processo de adaptação no aspecto biológico (suprir a necessidade de alimentação e abrigo), em que se passa a olhar os demais habitantes como presas em potencial.

Muitos dos valores histórico-sociais se diluem diante das premissas do meio ambiente da rua. A jovem, na entrevista, usa o verbo “rouba” e mostra a sua relação de distanciamento dos outros seres humanos como semelhantes, buscando obter uma vantagem em prol da sobrevivência, ao afirmar que “rouba bolsas”, focalizando mulheres como presas. Na rua, desenvolvem-se destrezas diferentes daquelas que praticava em casa. Na entrevista com a menina, há um momento de olhar perdido, é uma marca indiciária que permite à ADE compreender que o contexto geral da ecologia da interação comunicativa é de fundamental importância para uma perspectiva holística da interação. Só tentando entender os valores culturais de uma pessoa em situação de rua podemos nos aproximar de um problema complexo sobre os papéis da cultura de rua e da interação desses sujeitos no meio ambiente em que vivem e sobrevivem. Ao nos aproximarmos de uma jovem nessa situação e ao interagir com ela, consideramos que as suas expectativas prementes de sobrevivência, a cada dia, constroem valores específicos relacionados à sua expectativa social e à resistência à dor do abandono familiar e social.

A visão holística da ADE nos mostra que não se pode perder de vista que a comunicação envolve outros aspectos exteriores da situação e do contexto ecossistêmico sócio-histórico, como o olhar perdido no vazio por alguns instantes. A língua não diz tudo, os enunciados são incompletos, cabe muito ao interlocutor observar os indícios exteriores que nos dão a oportunidade de vislumbrar interpretações mais complexas. Os enunciados que ouvimos, como “é... a gente rouba bolsas”, são fontes empíricas daquilo que os enunciadores sabem, são pistas concretas do que as culturas produzem em um certo contexto histórico do século XX e XXI. Por isso, precisamos adotar uma perspectiva holística, sem desprezar nenhuma informação do comportamento dos sujeitos e do contexto ecossistêmico. Isso fica bem claro nas regras interacionais do Apêndice, que incluem dados proxêmicos, cinésicos, paralinguísticos e outros nos atos de interação comunicativa.

A ADE, por ser uma disciplina que olha diretamente para as interações em um ecossistema integral (que é constituído por meios ambientes naturais, mentais e sociais), faz refletir sobre os sistemas que permitem a um indivíduo ou ao coletivo produzir sentidos compartilhados socialmente. A jovem entrevistada mostra como percebe sua própria condição de “caçadora” diante de possíveis “presas”. Sua percepção do “outro” ser humano destituiu-se de perspectiva de identificação e sua condição de sobrevivente está acima dos valores sócio-históricos que adotava anteriormente. Notamos que, na entrevista, a jovem faz uma observação do outro, a pesquisadora, perpassada não só de gesto de autoproteção contra um ataque possível, como também de conquista de um objeto pretendido.

Além disso, os sentidos ecossistêmicos de seus enunciados trazem perspectivas da jovem moradora de rua, sua vida, suas crenças, valores, atos e identidades em ações suportadas como verdades às quais se filia no decorrer da vida. Na entrevista, as interlocutoras compartilham as mesmas regras interacionais e as mesmas regras sistêmicas. No entanto, não compartilhavam as mesmas perspectivas valorativas em relação ao mundo em que se viviam. O contexto de cultura e o da história dos meninos e meninas em situação de rua apresenta determinadas possibilidades de compreensão de mundo que podem se contrapor em embates agressivos ou não, nos contextos ecossistêmicos interacionais. São grupos que se constituem como diferenciados dos demais habitantes da urbe. O modo como cada grupo social e cada indivíduo internaliza sua percepção axiológica do que o cerca é diverso, não há consenso único ou verdade absoluta. Os meninos e as meninas se protegem em determinada situação ou se enfrentam em outra.

Descrevemos as pessoas (P), pesquisadora e menina de rua, em interação num contexto (T) que era uma espécie de intersecção do de cada uma, uma sala da CCCA, o que permitiu pelo menos um entendimento precário (L) do que ambas diziam. Isso é muito enriquecedor, pois nos dá um viés mais humanizado e sensível das pessoas observados.

O importante, é que, apesar de tudo, a interação comunicativa entre entrevistada e entrevistadora fluiu sem grandes ruídos. Houve uma relativa harmonia, comunhão entre ambas, o que facilitou a o entendimento. Ele se deu porque a regra interacional número 13 da Linguística Ecossistêmica foi pelo menos parcialmente observada. Ele diz o seguinte (ver Apêndice):

Adaptação mútua: o falante deve expressar-se como acha que o ouvinte entenderá e o ouvinte interpretará o que o falante disse como acha que é o que ele quis dizer.

Pode até ser que a entrevistada não se mostrou relutante e ríspida devido ao fato de estar em um ambiente que não é o seu, uma instituição de acolhimento. Se a entrevista tivesse se dado em seu meio ambiente “natural”, a rua, talvez a comunhão não tivesse se estabelecido com facilidade, não por causa da adolescente em questão, mas devido a possíveis interferências de outras pessoas que vivem nas ruas.

2. UM DESENHO E UMA NARRATIVA

Aqui temos a análise de dois textos que dialogam entre si. O nosso propósito é proceder a uma análise dos discursos percebidos em contextos ecológicos do registro escrito de um jovem de quinze anos contactado no Centro Comunitário da Criança e do Adolescente (CCCA), em 1997 na cidade de São Paulo. Um dos textos é verbal, uma narrativa; o outro, não verbal, ambos produzidos por ele para fazer análise interpretativa conforme a ADE.

Iniciamos pela descrição do contexto numa macroperspectiva em que os textos (verbal e não verbal) foram produzidos. Verificamos, no contexto sócio-histórico que, tanto no final do século XX como ainda hoje, vinte e dois anos depois, é grande o número de indivíduos nessa situação de vida sem um teto e sem uma alimentação regular, disputando a sobrevivência a cada dia. O enfrentamento de dificuldades do sujeito em situação de rua coloca-o em um meio ambiente de contínua disputa por sobrevivência física, emocional, psicológica. Nas ruas, qualquer espaço pode ser um local de refúgio; os oponentes podem estar na figura de uma pessoa qualquer da população, na presença de policiais ou até mesmo num colega que compartilha a vida na rua, já que demonstram não ter vínculos afetivos, pois cada um está lutando pela própria sobrevivência.

Na análise se notará a interação entre duas pessoas provenientes de contexto sociais bem diferentes. São elas o jovem entrevistado e a entrevistadora.

Uma das pessoas é o jovem rapaz, morador de rua que frequenta o CCCA durante o dia, para se resguardar do movimento agitado da população nas vias públicas. A convivência social com outros meninos e meninas de rua não chega a criar laços de familiaridade. O sentimento de insegurança desse adolescente persegue-o em todos os momentos, seja nas intempéries, seja nas suas relações sociais. Nas ruas, os jovens procuram os locais mais movimentados na expectativa de dissimular o desamparo e de escapar aos problemas da fome e do sono. Em sua mente, a solidão está sempre presente e o leva a estar sempre alerta aos perigos cotidianos.

A outra pessoa é a pesquisadora, aluna de mestrado na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, que se propõe entender o meio ambiente linguístico de meninos de rua. A investigação leva-a a frequentar o CCCA e Casa Taiguara, para aproximar-se dos meninos e meninas de rua, a fim de poder interagir e observar o desenvolvimento dos jovens no ecossistema natural das ruas. Como professora, tem um nível sócio-econômico e estilo de vida bem diferente do jovem, cheio de compromissos, mas acostumada a atuar junto a jovens escolarizados da mesma idade da classe média. Em sua mente sente-se observada e impotente diante da realidade de meninos e meninas um pouco maiores que seus filhos.

Assim, iniciamos a descrição respondendo à pergunta sobre os contextos naturais, mentais e sociais que contribuíram para o aparecimento de textos verbais e não verbais como os dois em tela. Vimos que são sujeitos de ecossistemas muito diferentes, com objetivos diversos também. O rapaz não tem compromisso a não ser consigo mesmo e a jovem pesquisadora tem o objetivo científico de observar e tentar compreender o mundo que cerca crianças e jovens moradores de rua. No momento da interação, a investigadora faz uma proposta ao menino para a produção de dois textos: um desenho a mão livre e o desenvolvimento de um texto escrito, apresentando uma narrativa ligada ao desenho produzido. Esses dois textos foram pedidos porque durante seu mestrado, a pesquisadora estava aplicando o teste AT-9 junto a um grupo de meninos e meninas de rua.

Partindo do pressuposto de que todo comportamento é pontuado por símbolos e que esses somente são significativos dentro de um contexto, Yves Durand, psicólogo, discípulo de Gilbert Durand, criou o Teste Projetivo de Nove Elementos Arquetípicos, AT9, utilizando nove imagens: uma queda, uma espada, um refúgio, um monstro devorador, algo cíclico, uma personagem, água, um animal e fogo. A eficácia do teste foi comprovada em mais de dez mil protocolos, cujos sujeitos eram de gênero masculino e feminino, pertencentes a níveis de cultura e de idade diversificados, validando a sistematização das estruturas do imaginário no ser humano, conforme prevista do Gilbert Durand. O Teste AT9 procura verificar em que medida

Começamos a responder à questão sobre os sentidos que podemos atribuir ao texto verbal e ao não verbal na inter-relação entre os ambientes naturais, mentais, sociais, dos textos produzidos pelo jovem que se identifica como Rogério.

Tomamos o desenho que ocupa quase toda a folha de papel. Na representação aparece o cenário de uma paisagem natural como ambiente que pouco sofreu influência humana, pois mantém preservados muitos elementos e características típicas da natureza. No céu, brilha o sol e há duas aves voando; ao fundo, uma alta montanha com uma rachadura de alto a baixo e, do topo aberto, escorrem lavas vulcânicas; à direita, um rio contorna a montanha e cai em cachoeira. Ao pé da montanha, uma pequena caverna apresenta uma fogueira e há pequenas inscrições nas suas paredes. O único vegetal é uma árvore frondosa com frutos. Entre os animais solicitados há duas aves no céu e peixes no rio. Em primeiro plano, temos um personagem masculino, empunhando um escudo e uma espada em posição de defesa que encara um outro ser humano de face coberta por uma máscara amedrontadora.

Tomamos o desenho como um texto por meio do qual o jovem se comunica, portanto, observamos os ambientes criados para proceder a uma interpretação. Na ADE, valorizamos as especificidades de cada detalhe dos textos para interpretar os sentidos pela ciência da Linguística Ecológica, cujos princípios estão solidamente ancorados no aspecto qualitativo e na sensibilidade. Consideramos que o olho humano é sensível às diferenças, às singularidades que vamos perceber no desenho e que podem perceber que sentidos a presença do vulcão ou do refúgio podem ter no desenho.

Na ADE, não são só as imagens de modo geral que significam, pois a experiência vivida nos ecossistemas e a força que dela emana permitem observar, nos pequenos indícios, um tipo de saber marcado por sutilezas não formalizadas. Observar detalhes como a árvore frutífera ou o refúgio nos leva a interpretar as relações entre os sistemas natural e mental representados no desenho. Isso porque, para haver um bom trabalho na ADE, é preciso criar uma corrente dialógica entre os vários tipos de raciocínio, para compreendermos o humano. Para ela, qualquer assunto sobre o qual nos debruçemos faz parte de uma imensa rede de interações naturais, mentais e sociais.

O que primeiro chama a atenção no desenho de Rogério é que houve um cuidado em colocar todos os itens pedidos no enunciado. O jovem poderia ter omitido algum dos elementos solicitados, mas mostra-se cauteloso e capaz de seguir os direcionamentos dados. Isso nos leva a interpretar que suas produções são criteriosas e ele busca criar uma imagem harmoniosa, coerente e proporcional das figuras. A observação da imagem nos permite entender que há uma sintonia entre os ambientes criados, pois o jovem mostra que compreende as regras do meio social que o cerca. Ao representar um cenário da natureza com relevo, vegetação, rio e animais em tamanho bem proporcional entendemos que o desenhista tem habilidade de expressão gráfica e, também, percebe as ameaças dos existentes no meio natural por causa do vulcão e do meio mental por causa do monstro devorador. Além disso, as relações do personagem quase centralizado na cena com o meio ambiente parecem ser de harmonia. O meio ambiente natural não se mostra como ameaça à vida biológica e esse ser humano representado não reage com hostilidade em relação ao ambiente natural. Esse personagem aparece em pé, diante da presença ameaçadora do monstro devorador, está pronto para defender-se, porque empunha a espada, voltada para cima e com um escudo.

O personagem não está em posição de ataque, com a espada apontada para o monstro, mas em posição de defesa, com a espada voltada para cima. Esse é um detalhe sobre o qual queremos refletir. O pesquisador Ginzburg (1987, 1989) considera que podemos realizar estudos em um paradigma científico que valoriza os pormenores como indícios que levam a pistas interpretativas numa análise qualitativa. Por isso, interpretamos que a posição de defesa do personagem diante do monstro é um sinal que nos leva a entender o universo desse jovem. Temos um detalhe que é o ponto de partida para compreender que o sujeito projeta na figura do ambiente natural (o cenário), aspectos de seu ecossistema mental (emocional, psicológico).

Temos um indivíduo que se encontra num meio ambiente natural potencialmente ameaçador, mas não o percebe como ameaça. De qualquer forma, seu gesto é de proteger-se diante dos enfrentamentos com os quais se depara. De algum modo, esse jovem tenta compreender o mundo e reage sem agressividade às ameaças, bem no espírito das relações harmônicas, da comunhão, mesmo diante do ambiente hostil em que vive.

Outro ponto do desenho que atrai nosso olhar é uma pequena caverna ao pé da montanha. É um local de moradia, o refúgio solicitado no enunciado do exercício. Esse local centralizado no cenário é o único ponto de todo o desenho que mostra o trabalho humano. Aí aparecem dois detalhes que são indícios interessantes: uma fogueira e algumas inscrições na parede da caverna. A caverna é um local tomado pelo ser humano como um abrigo; poderia aparecer intocado, mas torna-se refúgio, pois houve um cuidado na preparação desse espaço. A fogueira é significativa de quem valoriza o calor aquece nos momentos de frio, mas também proporciona o cozimento dos alimentos. O habitante desse refúgio o vê como um lar, algo de que os moradores de rua não dispõem, ficando permanecendo, portanto, como desiderato.

Tomemos as palavras “lar” e “refúgio” como indícios lexicais. O termo “lar”, etimologicamente, tem origem no latim (*lar, laris*) que significa fonte de calor e uma metáfora de segurança. É o mesmo radical que deu origem à palavra lareira. A palavra “refúgio” é sugestão do enunciado do exercício e também tem origem latina (*refugium, ii*) com o significado de lugar para onde se foge. Esse sítio, metaforicamente, indica amparo, de proteção e a presença da fogueira atua metonimicamente como fonte de calor, sobrevivência e proteção de um sujeito que está imerso em uma necessidade diária de obter amparo e segurança na sua vida de menino em situação de rua. Aqui relacionamos os ambientes discursivos que permitem observar os sentidos entrelaçados entre o meio natural urbano sobre o sofrimento de um menino ou menina que mora nas ruas. Nossa sociedade complexa vê o problema repetir-se há décadas, mas não consegue acolher as famílias esfaceladas pela violência e dificuldade financeira, como também não consegue acolher esses jovens sem restringir-lhes a liberdade. Muitos discursos controversos permeiam o sistema ecolinguístico: fuga da violência familiar *versus* família como ponto de segurança; dor da solidão *versus* estar livre de compromissos sociais; ruptura das regras morais *versus* necessidade de sobrevivência.

Na ADE, realizamos inferências a partir dos indícios como a espada para cima ou a fogueira num jogo metafórico e metonímico. Temos a metonímia quando a decifração das pistas faz um deslizamento do raciocínio pela proximidade como uma fogueira estar ligada a uma imagem de lar. No entanto, também podemos dizer que é um ato metafórico, na medida em que o deslizamento se dá na capacidade de “ler” as pistas como a necessidade de proteção e amparo. Por isso, o Paradigma Indiciário proposto por Ginzburg (1989) pode nos proporcionar a interpretação de um detalhe para compreender eventos que não estão muito evidentes no ambiente.

No desenho de Rogério, outra minúcia nos detém: desenhos nas paredes da caverna. São marcas humanas de habitantes anteriores ou não, mas soam como enunciados de um passado para um futuro, um desejo de dizer algo a outro interlocutor. Nos milhões de anos que o ser humano vive no planeta, muitos dizeres foram grafados em forma de imagens ou garatujas em cavernas, nas várias partes do mundo. São representações humanas de fatos vivenciados que foram registrados para permanecerem na memória. O fato de o jovem colocar essas garatujas no refúgio de seu desenho desperta nosso interesse. Seria a necessidade de sentir a proximidade metonímica de humanos que ocupam o mesmo meio ambiente natural? Poderíamos interpretar que, assim como os antigos habitantes das cavernas, os meninos e meninas de rua do século XXI vivem em ambientes de pouca proteção e desamparo? Essas inscrições são indícios pequenos dos discursos de medo e desamparo do ser humano em uma vida isolada? Não podemos dizer com toda certeza que a resposta a essas perguntas seja sempre afirmativa, mas consideramos essa possibilidade no desenho do jovem Rogério. Muitos dos

discursos de insegurança, medo, fome, violência são muito próximos embora tenham se passado milhares de anos.

Nos procedimentos desta análise do discurso ecossistêmica, descrevemos o contexto de produção do desenho e observamos a constituição dos ambientes naturais, mentais e sociais que contribuíram para o aparecimento dos textos verbais e não verbais em análise. Ao mesmo tempo, buscamos entender os sentidos gerados na inter-relação entre os ambientes do desenho de Rogério. Concomitantemente, procuramos interpretar os valores como o desamparo dos jovens em situação rua, para observar os discursos de impotência social *versus* liberdade, apresentados pelos sujeitos em suas interações.

Nossa preocupação inicial é verificar os indícios sociais, históricos e culturais da imagem como fizemos acima ao descrever o cenário. Mas uma pista interessante está na página, mas não faz parte do desenho, faz parte do contexto de produção do desenho. Encabeçando a folha o rapaz escreveu seu nome. Aí pode-se ver que o prenome Rogério está bem visível, mas há dois sobrenomes que aparecem rasurados e, logo abaixo aparece a palavra Calixto como sobrenome. Segundo a pesquisadora, o menino rasurou porque não gosta de seu sobrenome, mas em contrapartida faz opção por um outro nome de família que é de seu agrado. Interpretamos que, de início, o autor colocou seu nome e sobrenome de modo quase automático, pois já o anotou muitas vezes em documentos. Do ponto de vista discursivo, entendemos que nome e sobrenome são marcas importantes de identidade e inscrição social. Tentamos olhar que condições ecológicas ou condições sociais, históricas e culturais permitiram o aparecimento da rasura na folha recebida. O antropônimo não é de escolha dos sujeitos, cada um é nomeado ao nascer e pode gostar ou não de seu nome próprio. Em seu contexto familiar ou escolar, os interlocutores podem tratar uma pessoa por seu nome de registro ou dar-lhe um apelido, que em geral é usado na comunidade de fala ou no grupo a que pertence. Algumas pessoas chegam a esquecer seu próprio nome, o que não é o caso do jovem Rogério que assim se designa.

As instituições exigem a autenticidade documental dos nomes em documentos e o participante da pesquisa segue as normas ao identificar-se no desenho. No entanto, ao perceber que o exercício não é um documento oficial, sente-se autorizado a adotar um sobrenome com o qual se identifica. Para buscar os sentidos possíveis da rasura na inscrição, pensamos sobre as condições de produção dessa rasura, o que pode parecer um mero detalhe acima do desenho. No entanto, é marca de ruptura com as instituições que determinam certas identidades aos cidadãos. Esse pequeno gesto é uma forma discursiva de resistência em relação aos poderes instituídos e o jovem faz um movimento na direção de construir uma identidade própria, conforme seu desejo de liberdade. Não podemos perder de vista a mobilidade de sentido das alterações nominais nas condições sociais, históricas e culturais, do final do século XX, tão exigente sobre as normas institucionais. Culturalmente, renegar os sobrenomes da própria maternidade e paternidade instiga-nos a pensar o quanto a sua relação no ambiente familiar com os genitores foi sofrida e conflituosa a ponto de se tornar um morador de rua. Riscar parte de seu nome é tentativa de riscar o passado e buscar outra forma de marcar um novo caminho identitário.

A rasura é apenas um indício de alternância, mas gera sentidos de ruptura com uma situação de identidade e aí observamos um sentido discursivo muito maior, como a ruptura com uma origem familiar que o jovem renega e o seu desejo de pertencer a uma outra linhagem. Aqui percebemos como um indício flagrante, a rasura no nome, expressa uma renegação de todo um meio natural, mental e social de sofrimento familiar, tão difícil que é preferível viver nas ruas exposto a todo tipo de perigo. A dor do sofrimento junto da família leva esse jovem a preferir um outro sobrenome como metáfora do rompimento com um passado indesejável. O sofrimento da vida na rua para o jovem é menor do que o sofrimento na família.

A Análise do Discurso Ecossistêmica envolve reflexão sobre como a interação comunicativa pode ser enfocada em perspectivas diferentes. O estudo pode transcorrer em uma

perspectiva microscópica ou em uma macro perspectiva discursiva, para investigar um ecossistema linguístico em que os enunciados se relacionam, produzindo sentidos específicos conforme o contexto sócio-histórico e cultural em que circulam. Para tanto, utilizam-se as bases descritivas e analíticas da ecologia da interação comunicativa (EIC), sujeitas às regras interacionais expostas no Apêndice. Delineia-se, dessa forma, um mapeamento das redes discursivas, num movimento dialético entre a parte e o todo, levantando diversas perspectivas discursivas e contrapondo-as, a fim de entender como se dá a movimentação dialógica no discurso.

Os pesquisadores têm liberdade de optar por diversas metodologias de análise. Estabelecemos conexões dialógicas entre aspectos linguísticos, contextos naturais, mentais e sociais, bem como sentidos gerados pela interação comunicativa em si ou no texto. Olhamos para as marcas linguísticas, buscamos os temas recorrentes, as diferentes perspectivas, as correlações entre os dizeres, as regularidades, as contraposições, a fim de partir para a esfera do discurso. Desenvolvemos etapas descritivas dos enunciados, analisamos as conexões de sentido e procuramos dar rigor científico à pesquisa.

Percebemos que ao defendermos um discurso não significa que estamos atrelados a ele definitivamente, mas os percursos dos enunciados em fricção com a realidade ecológica vão nos levando a adotar discursos outros. Muitas vezes o modo de circulação dos valores sociais, históricos e culturais parecem não ter mobilidade, mas precisamos reconhecer que os textos não têm valores ecológicos permanentes. O estudo dos sentidos gerados pelos discursos nos faz refletir sobre os sistemas ecológicos de valores que permitem ao sujeito ou a toda uma coletividade produzir sentidos compartilhados social e culturalmente de modo que os terrenos não são firmes, mas intercambiam valores e crenças diferentes das verdades às quais estamos acostumados.

Nosso olhar de pesquisador ecolinguista perscrutou indícios variados e delineou sentidos possíveis dentro de determinados contextos ecológicos e verificamos a possibilidade de sentidos outros possíveis no contexto. Para a ADE, é fundamental olhar para a realidade do ecossistema linguístico, para as interações como acontecem, em suas facetas físicas, mentais e sociais, não as tomando como consequências de uma metafísica do discurso, mas como uma parte fundamental da dinâmica da vida. Dessa forma, acreditamos que só podemos alcançar a instância discursiva ao olhar para as interações comunicativas microscópicas que se desenrolam num ecossistema linguístico. Os modos de agir, pensar e falar são moldados e transformados na interação.

A ecologia da interação comunicativa engloba todos os elementos que se encontram na interação e que a possibilitam, ao permitir observar como se constitui esse espaço de comunicação e fazer entender como funciona a materialidade estudada. A EIC é o núcleo da Linguística Ecológica e permite à ADE encontrar o ponto de partida para entender a dinâmica discursiva.

3. UM DIA CALMO

A narrativa “Um dia calmo” comentada comparativamente a um desenho no capítulo anterior é tão importante para os fins aqui colimados que vale a pena ser retomada e discutida mais pormenorizadamente, combinando dados intratextuais com alguns extratextuais. Enfim, aqui vamos levar em conta as três funções de Michael Halliday, ou seja, a ideacional, a interpessoal e a textual (HALLIDAY: MATTHIESSEN, 2014), mas sempre da perspectiva da LE e da ADE. Como já adiantado, seu autor é Rogério Calixto, menino de rua de 15 anos, com primeiro grau incompleto. Por isso, é de se esperar que tenha pouca experiência com a língua escrita, pois a família de que proveio não era dotada de grandes letramentos. A seguir reproduzimos o texto a fim de facilitar a leitura e o acompanhamento da argumentação.

Um dia calmo, com sol, os passaros cortando o ar de felicidades voando para cima e para baixo. Perto dali um velho cavaleiro descansando em uma caverna próximo a uma fogueira que havia acendido para se aquecer.

Pois já havia comido muitas frutas e estava cansado, e neste tempo de descanso, derrepente se houve ruídos...

o cavaleiro levanta rapidamente e sai da caverna pra ver o que estava se passando.

Ao chegar la fora ele vê um bicho todo estranho, pra resumir era um monstro, o cavaleiro encorajado e ao mesmo tempo assustado pergunta ao monstro:

— O que você quer?

— Eu não vim fazer mal eu so quero um pouco de água. Disse o monstro, respondendo a pergunta do cavaleiro.

Logo em seguida o cavaleiro indica para que o monstro vá até a cachoeira, beba a água e vá embora.

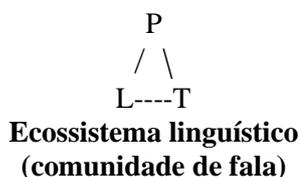
O monstro fez conforme o mandado, só que por um descuido do cavaleiro o monstro resolveu atacá-lo.

O cavaleiro foi esperto em desembainhar a espada e ferir o monstro que por sua vez logo na sequência fugiu.

Quando se está sozinho em poucas pessoas devemo confiar...

Rogério Calixto

Nota-se que a divisão do texto em parágrafos, a pontuação, a regência verbal e até a grafia das palavras não estão necessariamente dentro dos padrões do português estatal, mais conhecido como “português padrão”. Da perspectiva deste, há inclusive “erros” de ortografia, como “houve” por “ouve” (do verbo *ouvir*), “derrepente” (por *de repente*) e “desembainhar” (*desembainhar*). Porém, como disse Labov (1972) de narrativas de jovens negros dos guetos de Nova Iorque, a sequência lógica dos acontecimentos é impecável. O texto só não está “bom” para quem acha que português é só o estatal e, quando muito, o urbano, ou seja, para quem não reconhece que a língua pode ser captada em várias de suas manifestações. No caso da LE, o investigador delimita uma comunidade de fala – que para Labov era o gueto nova-iorquino – e investiga o modo de falar dos seus membros. Tudo que para estes for normal para o linguista ecossistêmico também o será. Na LE não se julga a linguagem do gueto nem a dos meninos de rua pelo diapasão da linguagem estatal. Ela é julgada em si e por si, pois, no caso do gueto, por exemplo, temos tudo que se exige do ecossistema linguístico chamado comunidade de fala, vale dizer, um grupo de pessoas (P), o território (T) do gueto e a linguagem (L) corrente no lugar, o *Black English*. Algo parecido vale para os meninos e as meninas de rua, que seriam o lado P, o pequeno trecho das ruas que ocupam seria seu T e o como como se comunicam entre si o lado L. Isso redundando no ecossistema linguístico da Linguística Ecossistêmica amplamente divulgado em toda a literatura pertinente. A figura a seguir apresenta graficamente o tripé do ecossistema linguístico geral.



Embora não haja título na narrativa, o adolescente-autor é consciente de que irá escrever uma narrativa e que, nesta, é preciso orientar o olhar do leitor para adaptar suas expectativas ao que ele, autor, quer criar. Assim, inicia o texto usando a expressão *Um dia*. Esta pressupõe outra, típica de narrativas tradicionais: *Era uma vez*. A orientação identifica, portanto, um tempo do mundo narrado, subentendido como o da ficção, não marcado quantitativamente, mas qualitativamente como o já vivido, afastado da realidade e explicitado como positivo: *dia calmo*. Esse tempo articula-se com o primeiro tema, a ação de voar e o lugar dessa ação, o céu (configurado como *ar*) e com as personagens (configuradas como *pássaros*). A narrativa privilegia o cenário de um tempo passado e um espaço longínquo, o que é normal nas narrativas ocidentais, que toma o momento da narração – no caso, o ato de escrever – como referência, com o que tudo na narrativa é passado (*havia acendido, havia comido, estava se passando* etc.), embora às vezes se use o presente pelo passado, o chamado passado histórico (*levanta, vê, pergunta, indica* etc.). Isso se contrapõe às narrativas tradicionais africanas, nas quais o ponto de referência é o momento do evento narrado, motivo pelo qual os verbos que se referem a ele aparecem no presente.

Muitas narrativas orais, de diversas origens, exigem um esforço do investigador, mas não dos narradores-ouvintes da comunidade de fala em que elas são produzidas, a fim de lhe atribuir uma sequência cartesiana, “lógica”. É o que foi feito em Couto (2021, p. 123-137). Diante de uma narrativa aparentemente “desconjuntada”, “desestruturada”, o autor mostra que usando duas categorias dos momentos iniciais da Gramática Gerativa Transformacional é possível dar uma explicação lógica à questão. De acordo com essa teoria, o que o falante efetivamente profere é a “estrutura superficial”. Subjacente a ela há uma “estrutura subjacente” ou “profunda” que está na mente do narrador, portanto, faz parte de seu conhecimento da língua. Aliás, essas duas categorias foram tomadas dos monges racionalistas de Port-Royal do século XVII (*Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal*, 1660). De acordo com essas categorias, mesmo que o falante/narrador profira uma sequência de frases aparentemente “sem conexão lógica”, ele tem perfeita consciência de que por trás dessa sequência há uma “estrutura lógica” e que seu ouvinte também tem esse conhecimento. Ele só não a seguiu por motivos de economia, por exemplo, omitindo o que está pressuposto nos enunciados (pressuposição) ou na ecologia da interação comunicativa e/ou no conhecimento que ambos compartilham (implicatura). Há outras estratégias como, por exemplo, evitar repetições, antecipação de algo que será esclarecido logo em seguida etc. Vale dizer, o conhecimento que os habitantes do gueto de Nova Iorque e os meninos de rua, como Rogério, têm da linguagem de sua comunidade de fala vai muito além do que se pode. Dizer que essas narrativas são desconjuntadas é uma atitude preconceituosa, classista, pois linguagem “correta” é o português estatal e o urbano.

O primeiro parágrafo apresenta o cenário do que virá em seguida. A seguir, temos uma sequência de episódios inteiramente coerente. No meio da narrativa há até um pequeno diálogo, entre o cavaleiro e o monstro. As demais interações entre os dois são narradas em estilo indireto. Mas, como mostraram Benveniste (1989, p. 87-88) e Bakhtin (2006, p. 155-173), textos aparentemente monológicos como este são, no fundo, um diálogo do autor consigo mesmo. Bakhtin, por exemplo, havia dito que “penetrando fundo na essência dos parágrafos, convencer-nos-emos de que, em certos aspectos essenciais, eles são análogos a réplicas de um diálogo”, pois “na base da divisão do discurso em partes, denominadas parágrafos na sua forma escrita, encontra-se o ajustamento às reações previstas do ouvinte ou do leitor”.

No já mencionado Couto (2021, p. 123-134), encontra-se uma discussão e formalização dessa interessante proposta de Bakhtin e Benveniste. Encontra-se outrossim uma argumentação no sentido de que em qualquer texto, falado ou escrito, deve-se distinguir dois momentos: o do diálogo do autor consigo mesmo, do ego com seu álter, e aquele em que algum leitor recebe esse texto. É nesse segundo momento que a interação comunicativa se completa, mesmo que não seja uma comunicação prototípica.

Neste mesmo capítulo de seu livro Couto usa, embora de passagem, o conceito de “texto-discurso” que, em outras obras ele demonstra que é preferível a apenas “discurso”. Com efeito,

todo discurso vem materializado em um texto, não existe discurso sem texto, bem como não há texto sem um discurso por trás.

O jovem autor demonstra saber que o desiderato de todo mundo é um mundo idílico, se possível em contato com a natureza

Um dia calmo, com sol, os passaros cortando o ar de felicidades voando para cima e para baixo.

Tanto que é neste cenário que o cavaleiro se sentia à vontade para descansar, para se aquecer, enfim, procurar o que lhe era melhor na situação.

Perto dali um velho cavaleiro descansando em uma caverna próximo a uma fogueira que havia acendido para se aquecer.

Enfim, o jovem reconhece que todo ser vivo, como os pássaros, mas também como o cavaleiro, estão sempre à procura da própria autorrealização; “já havia comido muitas frutas”. No entanto, na vida nem tudo são flores. Tanto que “derrepente se houve ruídos”, provocados por “um monstro”. No espírito das relações harmoniosas sequer é necessário matar o monstro com a espada, pois ele foge. De maneira surpreendente, o autor chega a concluir sua narrativa com uma moral da história:

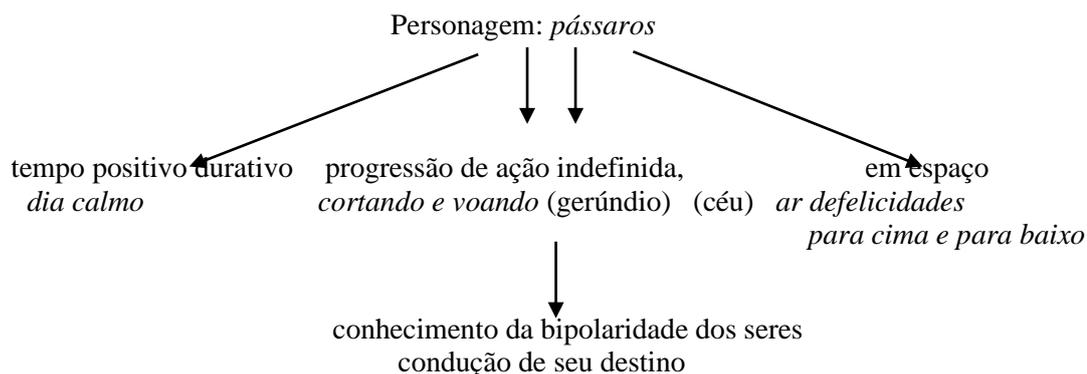
Quando se está sozinho em poucas pessoas devemos confiar...

Na narrativa desse mundo idílico, nota-se que os lexemas *cortar* e *voar*, cujo sujeito é pássaros, estão implícitas as noções de autonomia e de competência do uso das asas e da força para executar a ação de atravessar o céu. Assim, o pássaro por ser portador de asa, instrumento do voo remete para o símbolo da liberdade de vencer os limites espaciais. Estas ações, todavia, surgem no texto como durativas, ou seja, sem marcas de início ou de fim, sem estarem completadas por uma outra ação, a da oração principal, que serve sempre de suporte às subordinadas. Tais reduzidas pressupõem, neste contexto, uma oração com verbo de estado. Desse modo, *cortando* e *voando* dariam aos pássaros o estado de sujeito realizado que se manifestaria em uma oração principal tal como: *estavam / mostravam-se / pareciam realizados*.

A ausência dessa oração principal permite levantar duas hipóteses. A primeira seria o fato de o menino-autor ter mais a prática da língua oral e esta permitir, devido à presença dos interlocutores, corrigir ou esclarecer dúvidas diante de qualquer omissão na comunicação. A segunda hipótese levantaria a questão de a narratividade desse menino mostrar que o tema da liberdade surge somente em um tempo de ação durativa, articulada como subordinada, cujo suporte semântico ou vivido não é vislumbrado como próprio de seu discurso. O exame do trajeto ou do fio temático da história confirmará qual hipótese corresponde à explicitação de seu imaginário.

Essas ações durativas se desenvolvem em um cenário harmonioso, confirmado pelo emprego da palavra *calmo* e do elemento *sol* que é fonte de luz, de calor, de vida, porque seus raios representam as influências benéficas do céu sobre a terra. Os pássaros voam livremente *para cima e para baixo*, portanto, são condutores de seu destino. Existe, assim, uma equivalência entre a ação realizada de liberdade em um tempo positivo, *calmo*, e um espaço, *ar de felicidades*.

A orientação na narrativa indica que os pássaros têm seu simbolismo associado às operações da imaginação, leves e instáveis, voando para cima e para baixo. Esses movimentos verticais presentificam o domínio de um espaço (*calmo*) e tempo (*de felicidades*) positivos, assim como o conhecimento de valores também positivos (*cima*) e negativos (*baixo*), confirmando que o imaginário desse menino reconhece a bipolaridade dos seres e sua ciclicidade. A isotopia que vai dirigir o trajeto ou o fio temático da orientação refere-se à felicidade e à liberdade encontrada na natureza e no reconhecimento da interligação do mal (*baixo*) com o bem (*cima*). Completando a figura, tem-se



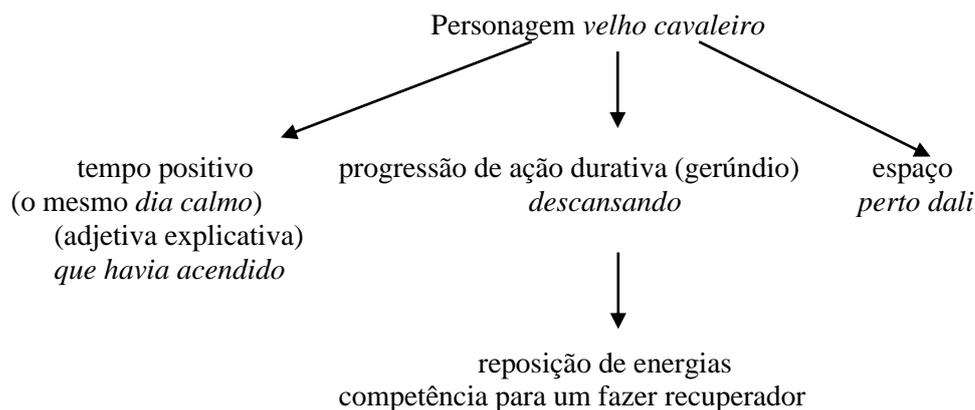
Este quadro compreende a cenografia da orientação da narrativa e do trajeto (MAINGUENEAU, 1995) e demonstra na linha sintagmática que esse menino se volta para o regime noturno, no qual existe harmonia eufórica com a natureza (DURAND, 1992), e na linha paradigmática, para o conhecimento da bipolaridade dos seres e a competência para decidir as direções que toma. Entretanto, na linha sintagmática há a lacuna da oração principal, destacam-se nela apenas as duas reduzidas, as quais trazem a noção de permanência da função de voar e de cortar, mas não a continuidade da permanência em um mesmo espaço e tempo.

A descrição desses espaços e tempos intermitentes não explicita ruptura da função, mas o sentido da atividade dessa função, *voar* e *cortar*, assim como a ausência de oração principal, indica que a situação apresentada (*calmo* e *felicidades*) parece, mas não é uma situação de estado permanente. Basta lembrar que os verbos *voar* e *cortar* são muito empregados para designar respectivamente atividades de ruptura, como: *desaparecer com rapidez*, *escapar da memória*, *esquecer*, *passar rapidamente*, *propagar-se*, *desaparecer* (FERREIRA, 2000) e *dividir*, *separar de um todo*, *eliminar*, *interromper* (ibidem).

A polaridade *cima vs baixo* abre a perspectiva de outro sintagma e a introdução, no cenário da terra, do actante humano, o *velho cavaleiro*, contrapondo-se ao actante animal, no cenário do céu.

O adjetivo *velho* anteposto ao substantivo presentifica não a ideia de velhice, mas simplesmente a de um cavaleiro que acumulou experiências e conhecimentos. O lexema *cavaleiro* pode ser expandido com uma variedade de sentidos positivos: *gentil*, *brioso*, *homem nobre*, *paladino*, *cavaleiro andante que na Idade Média*, *sozinho ou em companhia de seus pares*, *corria terras em busca de aventuras*, *a fim de defender os fracos pela Igreja*, *pela justiça*, *aquele que luta por ideais inacessíveis*. Enfim, todas elas conotações positivas, bem no espírito da filosofia de vida de Gandhi e da Ecologia Profunda.

Esta personagem encontra-se em um estado de repouso, de tranquilidade e em harmonia com a natureza. Constitui o desdobramento, no plano da personagem, do primeiro actante, pássaros, mas colocado como seu contraponto. Desse modo, enquanto os pássaros estão no céu, espaço aberto e livre, ele está sobre a terra *descansando* no espaço fechado e protetor da natureza; se aqueles são iluminados e energizados pelo sol, este é aquecido pela fogueira que acendeu; finalmente enquanto a função daqueles é de atividade intermitente em contato com a sensação de felicidade, a deste é a de descanso, de reposição de energia ou de calor perdidos. Na contraposição a situação de estado é dada pelo sentido ainda de um gerúndio, insistindo, portanto, sobre uma ação durativa também não suportada por oração principal; simplesmente estruturada com uma adjetiva explicativa.



A imagem do cavaleiro cansado é recursiva. Afinal, neste trecho temos dois verbos e uma locução adverbial que enfatiza tal estado: *descansando*, estava cansado e neste tempo de descanso.

O velho cavaleiro encontra-se num estado de repouso, de tranquilidade que combina com o clima da própria natureza. O sol que possui um sentido positivo contamina o próprio cavaleiro que descansando tem o direito de usufruir algo: o aconchego da caverna.

A figura do cavaleiro não deixa de ser um arquétipo, lembrando com G. Durand (1980, 62) que “o arquétipo é uma forma dinâmica, uma estrutura organizadora de imagens, mas que está sempre além das concretudes individuais, biográficas, regionais e sociais, da formação das imagens”.

O arquétipo traz uma ideia geral, carregando consigo imagens cristalizadas que se atualizam nas várias linguagens utilizadas pelo ser humano. Uma vez que a narrativa é uma delas, serve-se da memória semântica que se encarrega de atualizar nas engrenagens da narrativa as imagens arquetípicas.

O cavaleiro é aquele ser eterno do sonho que consegue vencer as suas limitações históricas pessoais e locais. A tarefa do cavaleiro é retornar e ele entra na história como aquele que pode muito bem ter passado por uma aventura cavalheiresca condizente com sua situação de guerreiro, mas que, dada a condição de cavaleiro, deve empreender uma nova luta.

A imagem arquetípica de cavaleiro está sedimentada em um semantismo no qual se pode entrever a figura de herói. O herói apresenta-se com todos os seus desdobramentos: aquele que ouve o chamado da aventura, atravessa o caminho de provas, vence-as e se dirige em direção da vitória final.

A caverna remete à ideia de abrigo, de intimidade, de calma e de a personagem ter direito ao repouso e ao descanso como justa recompensa pela sua condição de cavaleiro.

Tanto os pássaros como o velho cavaleiro estão pressupostamente no mesmo tempo. A diferença entre ambos está na verticalidade do espaço e na função que exercem. No entanto, no espaço da terra cansa-se e sente frio. Se o céu é espaço eufórico, a terra é disfórica.

No céu o sol se levanta para aquecer, regenerar e vitalizar o homem sem que este tenha que contribuir para seu aparecimento. Na terra, o fogo é criado pelo homem somente mediante seu esforço. Seu desejo de dominá-lo leva-o a sujeitar-se, como Prometeu, a castigos e trabalhos intermináveis. A contraposição do sol e do fogo ocorre apenas do ponto de vista de sua verticalidade, porque ambos têm a mesma função: dar vida, regenerar ou causar a morte, destruir.

Observa-se na narrativa a imagem da fogueira, do fogo que simbolizam por suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora. O fogo e a caverna proporcionam o bem estar do cavaleiro, a natureza é, portanto, amiga e benfeitora: o trajeto do imaginário do menino percorre, portanto, o regime noturno.

O conhecimento que temos sobre os meninos de rua permite que se faça uma relação com o seu dia a dia. Um dia calmo e feliz não é o que caracteriza o seu dia, mas é a eufemização de suas lutas durante o dia pela vida. Pois já havia comido muitas frutas e estava cansado, e nesse tempo de descanso,

A organização imaginativa do autor segue um percurso lógico: a verticalidade coesiva das imagens positivas, mas ambíguas (sol e fogueira), caminham no sentido de um mesmo *schème*, o de regenerar. Se a fogueira aqueceu o corpo do cavaleiro e o revitalizou, o sol aqueceu a natureza e a fez gerar alimentos que, continuando o ciclo gerativo, regeneram o homem. A proteção da caverna e as frutas representam a relação de harmonia da natureza com o homem.

Somente neste trecho aparecem orações coordenadas e as três apresentam-se uma como sindética explicativa, as outras, como aditivas. Considerando o ponto de vista de Tesnière, de que a frase é um pequeno drama, na primeira parte (drama do céu) não há a função de autonomia de ação no contexto, pois as duas orações reduzidas não se sustentam por uma principal. Na segunda, (drama da terra) as subordinadas, reduzida e explicativa, também não são suportadas por uma oração principal. Na terceira (drama da natureza mãe), há coordenadas, mas como nenhuma delas é assindética, nele não há *assíndeto* (FERREIRA, 2000) com a ação das orações reduzidas. No imaginário deste menino não há nenhuma ação principal, nenhum eixo condutor de princípios com o qual as ações redutivas estabeleçam junção. Os elementos que intervêm no drama, os actantes (pássaros e velho cavaleiro) e os circunstanciais (espaço e tempo) não estão também em conjunção explícita com algum princípio orientador.

Considerando esta lacuna de orientação nas três sequências, observa-se que estas constituem três paradigmas cujos lexemas constelam em torno de: céu, terra e mãe geradora.

O céu é o símbolo da espiritualidade, do poder e da transcendência. Esse simbolismo positivo é o primeiro valor na narratividade do menino-autor. Aparece, contudo, como valor de ficção, portanto, em espaço afastado do real. Neste, ele reconhece um actante, símbolo da liberdade, com competência para as ações durativas e intermitentes de *voar* e *cortar* (autonomia, liberdade, domínio de limites espaciais), mas ações não suportadas por nenhum princípio explícito de direcionamento de ação.

A terra se contrapõe a esse céu como o espaço da materialidade, da experiência e do cansaço, mas não recebe o suporte de um eixo condutor de ações autônomo, pois não apresenta oração principal. Além disso, seus frutos não foram suficientes para revigorar o cavaleiro, que estava, ainda, se descansando porque estava, ainda, cansado. Nota-se que o lexema descanso se repete três vezes.

O simbolismo das frutas remete para a sensorialidade, para o corpo, para os desejos sensuais, ou aspiração de prosperidade ou imortalidade. Enquanto o actante animal, pássaros, é apresentado como sujeito realizado em uma ação intermitente e contínua (*voar e cortar o ar*), o cavaleiro é apresentado apenas com a competência de sobreviver ao cansaço (*descansando em uma caverna*), ao frio (*fogueira que havia acendido para se aquecer*) e à fome (*havia comido muitas frutas*).

Do ponto de vista do trajeto do imaginário, Rodrigo continua no regime noturno, pois a imagem de harmonia com a natureza inaugurada pela expressão *dia calmo*, desdobra-se em *descanso na caverna* e finaliza com a ingestão de *muitas frutas* oferecidas pela mãe natureza. Todas as frases se estendem naturalmente, justapostas, mesmo sem haver assindéticas que as sustentem. Ele emprega imagens de profundidade e intimidade (*caverna*) e repete as de repouso (*descansando/cansado/descanso*). Os actantes estão desdobrados (*pássaros* duplamente porque a palavra está no plural) e seus valores positivos, competência de todos para exercerem sua função, constituem modalidades eufóricas. Reconhece-se, desse modo, uma verticalidade semântica harmoniosa e lógica entre os três planos.

e neste tempo de descanso, derrepente se houve ruídos..

Se antes a complicação fora apenas anunciada pelo advérbio *já* e pela locução adverbial *neste tempo*, agora a instauração da complicação encontra-se anotada duas vezes e no plano temporal: *neste tempo* e *derrepente*. Há consciência do fato de o tempo gerar disforia: a descontinuidade do descanso marca a complicação. O menino autor sabe que a passagem do tempo é um mal, porque esta indica sempre a certeza do desconhecido e, por conseguinte, a intranquilidade ou a insegurança. Destaca-se, aqui, que, para os meninos entrevistados na pesquisa, a passagem do tempo é mais angustiante, pois ao completarem 17 anos não terão mais apoio das duas instituições CCCA e Casa abrigo Taiguara que lhes dão apoio e cobertura. Estas instituições permitem a entrada de meninos e meninas de rua até 17 anos.

A mudança para o paradigma da complicação implica mudanças no plano sintagmático da narratividade: o período é constituído de uma oração que se coordena sindeticamente à anterior pela conjunção *e*. Esta conjunção traz o sentido de adição ou, segundo o contexto, de progressão semântica ou temporal (LAPA, 1973, p. 261-8). Além de esta oração trazer várias anotações de tempo, a progressão é confirmada pelo fato de ela estar finalizada por reticências, pontuação utilizada para *marcar suspensões, provocadas por hesitação, surpresa, dúvida, timidez ou para assinalar certas inflexões de natureza emocional de que fala* (CUNHA, 1973, p. 283).

O menino, ao narrar a história, institui elementos que permitem analisá-la pelo viés da interação comunicativa, que segundo os postulados ecolinguísticos. Num primeiro nível, a interação

organismo-organismo é percebível pela relação cavaleiro-monstro, narrada pelo menino, embora se trate de uma interação interespecie. Apesar de o monstro não ser caracterizado, há identificação por parte do cavaleiro de que se trata de um animal grotesco, com o qual ele interage dialogicamente (comunicação). Ambos estão no mesmo ambiente, convivendo, embora não seja de modo direto e harmônico, de igual modo percebível na situação real dos meninos de rua, que convivem na mesma cidade que as demais pessoas, mas não se relacionam diretamente e harmonicamente com elas, estão à margem. Há também o compartilhamento do mesmo código linguístico (língua), pois estabelecem um diálogo e comunicam-se, explicitado na narrativa pelo questionamento do cavaleiro ao monstro, que processa a pergunta e formula resposta – alternância no fluxo interlocucional.

Compor a figura de um herói parece ser atividade simples para o autor, ou seja, já cristalizada em seu imaginário, porque a linearidade dessas ações é lógica, e as palavras para expressá-la vêm fácil e naturalmente. Se a oração se inicia com o sujeito antecedido de letra minúscula, a forma clara, correta e direta que descreve as ações desse sujeito não deixa dúvida sobre sua condição de herói.

Para comprovar a postura de herói, o menino sente a necessidade de descrever o cenário da luta como sendo aquele *lá fora*, isto é, longe de qualquer abrigo ou situação de proteção. A imagem de *bicho* é ambígua, pois pode significar qualquer dos animais terrestres, pessoa muito feia, grosseira ou indivíduo que sabe, de grande valor e habilidade, ou ainda corajoso (FERREIRA, 2000). Tal ambiguidade está evidente no menino, porque não se impressiona com o monstro, aliás, descreve-o de maneira sucinta e enfatiza sua eufemização referindo-se a ele por meio da expressão *pra resumir*. Essa avaliação eufemizadora pode ser consequência de experiências já vividas por ele também ambigualmente, porque o cavaleiro, embora não tenha medo, mostra-se encorajado e assustado.

Lembra-se que Gilbert Durand considera que o maior mal do homem é a passagem do tempo que leva à morte dos papéis sociais, afetivos e pulsionais, e que as imagens teriomorfias são uma das principais formas de o homem figurativizar esse mal.

Ao imaginar um cavaleiro que demonstra coragem e está, ao mesmo tempo, *encorajado e assustado*, o autor evidencia sua visão realista do perigo. O último adjetivo, portanto, não anula a coragem do cavaleiro, mas destaca seu bom senso, que é comprovado em seguida pela força semântica do verbo que emprega: *perguntar*.

De acordo com as regras interacionais do Apêndice, sobretudo as de número 5 e 13, somente se faz uma pergunta, quando se julga que ela tem resposta. O menino acredita que o monstro tem, primeiro, capacidade de entender e responder, assim como o poder da fala; segundo, tem necessidades que ele, cavaleiro, pode solucionar; finalmente, desejos que podem confirmar que ambos têm a mesma natureza.

As imagens relacionadas à palavra, à fala são diurnas e representam o poder. Basta lembrar as expressões: peço a palavra, a palavra de ordem, a palavra do trono, a fala do presidente, ou seu contraponto: *in fari* (não falar) que originou a expressão infantil, isto é, o que não tem direitos a fala.

A relativização momentânea da figura do cavaleiro bem como a do monstro enfatizado pelo diálogo revela a fuga de estereótipos. Nem o cavaleiro ataca o monstro, como era de se esperar, e nem o monstro ataca o cavaleiro. Razão pela qual poderia ser entrevista a memória de trabalho que retém, provisoriamente, um conteúdo semântico processado de forma diferente da que estava representada em língua.

As ações do monstro e as reações que estas provocam no cavaleiro são apresentadas, por conseguinte, de maneira interativa, configuradas em diálogo civilizado, próprio do cotidiano de pessoas comuns, com a mesma natureza ou que convivem no mesmo meio.

Conclui-se que no imaginário desse menino o perigo não está fora do cotidiano, não tem natureza diversa da do cavaleiro, não faz parte de outro mundo, diferencia-se apenas pelo nome de *monstro*, ou por ideias preconcebidas porque este diz: *eu não vim fazer mal*. O desejo explícito do monstro é a *água*. Como dizem Jean Chevalier & Alain Gheerbrant,

As significações simbólicas da água podem se reduzir a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação, centro de regeneração. Estes três temas encontram-se nas mais antigas tradições e formam as mais variadas combinações imaginárias, ao mesmo tempo que as mais coerentes (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996)

A resposta do cavaleiro, indicando a cachoeira, fonte de água na natureza, indica que o oposto do mal, isto é, o bem, simbolizado como regeneração ou purificação, pode ser encontrado por qualquer um na natureza. A sequência narrativa demonstra que há identificação e interação também no nível organismo-mundo, pois a cachoeira, elemento do ambiente, é indicada por um gesto do cavaleiro como a fonte de água natural capaz de matar a sede do monstro, este compreende tal aceno sem grandes dificuldades, pois o monstro vai até a cachoeira saciar sua sede.

Enfim, há comunhão nessas interações, já que a cachoeira não é um elemento estranho a nenhum das personagens; pelo contrário, há identificação e reconhecimento desse item do ambiente por ambos os indivíduos (cavaleiro e monstro).

O menino tem consciência de que se deve ajudar aos outros, e de que se pode chegar ao bem por meio dos elementos naturais e, mais ainda, de que se deve afastar dos que têm aparência estranha, porque esta ajuda não implica convivência: *beba a água e vá embora*.

A avaliação do mundo, no imaginário do menino, pressupõe um alerta constante relativo ao perigo, sobretudo, porque este resultou não de uma necessidade fundamental do monstro, *sede*, pois esta foi saciada, mas de uma resolução súbita desse monstro. O verbo *resolver*, significando *fazer desaparecer, transformar, separar, desfazer, decompor, rescindir* (FERREIRA, 2000), significa um corte do possível contrato social estabelecido pela situação civilizada anterior, e coloca tal corte, ou ataque, como um fato natural na convivência entre estranhos.

A avaliação do mundo, focalizando atividades como dialogar ou resolver questões de outrem é, no imaginário do autor, uma realidade já claramente definida como um repertório já conhecido e experimentado. Esta avaliação foi iniciada no regime noturno, mas, a introdução de um novo espaço (*lá fora*) e agora o inesperado deste outro tempo (*logo em seguida*), não mais lhe permitem sobreviver nesse mundo: nele há monstros que interrompem a harmonia de gestos civilizados.

O cavaleiro é portador de uma virtude, a atenção e o espírito atilado, qualidades que o habitam e o leva a resolução da situação, ou seja, o cavaleiro acionado pela firme consciência da separação do bem e do mal e pela esperteza que isso lhe dá, consegue vencer o monstro e, portanto, resolver o conflito. O gesto de *desembainhar* a espada, *ferir o monstro* e levá-lo a *fugir* indica que o cavaleiro tem o domínio da situação e coloca este menino decididamente no regime diurno e na modalidade heroica eufórica: sua personagem conseguiu uma vitória sobre o destino e sobre a morte.

O período contém uma oração principal, cujo verbo - *foi* - liga o sujeito, projeção de Rogério observador do mundo, ao estado de herói-esperto, capaz de dar sentido claro ao eixo que suporta as funções de verbos de subordinadas reduzidas infinitivas ou explicativa. A linearidade discursiva destaca o fator tempo na percepção do perigo, na pronta resposta a ele e na reação do monstro à rapidez de suas ações. A lógica desse tempo se articula com a do *saber e querer ser* herói esperto para atualizar o *fazer* competente de se realizar como esse herói. O fazer heroico explicita, desse modo, um valor: vence o mais esperto.

Esse valor é um dado captado nas entrevistas com meninos de rua. É como se os meninos entrevistados tivessem incorporado o princípio darwiniano: vence o mais forte.

Quando se está sozinho em poucas pessoas devemos confiar...

Temos nesta parte da narrativa a avaliação do autor sobre os fatos narrados. O autor ao fazer a síntese dessa avaliação generaliza sua avaliação pessoal, utilizando a partícula apassivadora *se* e o sujeito *nós*, implícito na desinência do verbo *devemos*. A busca da coerência estabelece a seguinte estrutura profunda em termos de figuras:

actante caracterizado como civilizado vs actante caracterizado como incivilizado
velho cavaleiro vs *monstro estranho*

Nessa polaridade o menino instala os seguintes conteúdos axiológicos para delinear com coerência sua filosofia de vida:

solidão	vs	companhia
↓		↓
esperteza	vs	ataque
↓		↓
vida	vs	morte

Por meio desta avaliação, percebe-se seu universo de valores, no qual a solidão, parte integrante de seu cotidiano, implica esperteza e garante a vida. Por sua vez, a companhia de outros implica perigo e pode ser condição de morte.

A consciência dessas estruturas da narratividade e sua organização de forma a destacar as polaridades, a explicitação da passagem do regime noturno para o diurno por meio da criação de progressões temáticas, a coerência argumentativa através de referências a tempo e espaço e, finalmente, a apresentação de uma filosofia que focaliza a sobrevivência determina considerar que o imaginário deste menino se desenvolve no regime crepuscular (categoria defendida por Maria Thereza Strôngoli) e na modalidade sintética eufórica, pois domina um modo de vida que lhe permite vencer a morte.

A análise estrutural permitiu classificar a narrativa no regime crepuscular e examiná-la como a manifestação de um microuniverso sintético existencial diacrônico, pois o processo de ligação entre os polos místico e heroico se define pela sequencialização das ações que os atualizam. A primeira traz o bem-estar do contato com a natureza harmoniosa; a segunda, o engajamento existencial e a potencialidade de lutar. Esses espaços opostos são preenchidos em função de seus principais valores: vida/bem vs morte/mal.

Assim, o trajeto do imaginário de Rodrigo manifesta-se de forma a conservar a perspectiva das duas possibilidades de reação em face do perigo: o privilégio dado a uma não promove a perda da visão de outro. A modalidade sintética é específica para criar uma visão de mundo em que há sistemas, ou seja, um sistema filosófico, como fez este menino ao escrever no último parágrafo “Quando se está sozinho em poucas pessoas devemos confiar...”.

O trajeto do imaginário do menino de rua construiu sua textualidade, organizando as proposições de acordo com os modelos mentais apreendidos de seu mundo, modelos que se revezam com outros, os norteados pelo seu biologismo, psiquismo e pulsões. A análise do imaginário nos leva a perceber que na cidade grande coexistem dias calmos, lutas, filosofias de vida para qualquer criança. A consciência dessas estruturas da narratividade e sua organização de forma a destacar as polaridades, a explicitação da passagem do regime noturno para o diurno por meio da criação de progressões temáticas, a coerência argumentativa através de referências a tempo e espaço, e finalmente a apresentação de uma filosofia que focaliza a sobrevivência determinam considerar que o imaginário deste menino se desenvolve no regime crepuscular e na modalidade sintética eufórica, pois domina um modo de vida que lhe permite vencer a morte.

A identidade desse menino se mostra quando flexibiliza a ação do monstro e a do cavaleiro, permitindo-se nutrir de crenças, convicções próprias. É um menino que crê nele como sujeito capaz de reverter fatos, ideias arraigadas, forças maniqueístas da sociedade que o tacha como um bicho todo estranho. É o mito do herói conservado em sua memória semântica e episódica.

Enfim, o trajeto antropológico do imaginário de Gilbert Durand pode complementar a análise pela Linguística Ecológica e pela ADE. Ele complementa o que LE e ADE dizem sobre ecossistema mental. Mas, a narrativa de Rodrigo deixa transparecer duas das características mais caras à ADE: a defesa da vida e a luta contra o sofrimento evitável.

4. A MEMÓRIA DA CARÊNCIA EM ENTREVISTAS COM MENINOS DE RUA

A memória de cada um de nós pode recuperar fatos do passado, mas também antecipar o tempo, sonhar com o futuro. Nossa memória acumula, no ecossistema mental, os conhecimentos de vida, as emoções e dores, os desejos e relações sociais. Assim, tudo o que dizemos retrata o cenário dos valores sociais adquiridos, indica o que marca a vida do indivíduo e mostra um viés de sua identidade. Por meio de recortes de entrevistas com meninos de rua vamos lançar um olhar sobre os discursos desse grupo social e sobre o imaginário construído a partir de suas experiências de vida.

O objetivo desta análise é trazer o enunciado sobre um passado infantil e juvenil, para verificar como o ecossistema mental promove o redimensionamento de um tempo vivido e de um porvir. Queremos perceber como um sujeito retoma suas percepções do mundo exterior e o configura simbolicamente o seu mundo interior e como um sujeito constrói a sua identidade por meio de lembranças, cancelamentos, transformações e generalizações. Esta análise parte de enunciados que surgem na interação comunicativa com meninos de rua do centro de São Paulo, em entrevistas e anotações coletadas por Elza Kioko. Objetivamos interpretar os dizeres desses jovens à luz dos conceitos embaixadores da Análise do Discurso Ecolinguística para compreender a dinâmica dos discursos ou valores sócio-culturais, presentificados nas entrevistas e sinalizadores da identidade desses adolescentes. Enfim será dada ênfase à dimensão mental da LE/ADE. Em Couto (2012) encontra-se uma primeira discussão das relações da antropologia do imaginário e a Ecolinguística.

Nosso trabalho busca interpretar os comportamentos verbalizados de meninos de rua que exageram, mistificam ou mesmo enganam os outros ou até a si mesmo. A Análise do Discurso Ecolinguística, por inscrever-se na Linguística Ecolinguística, é um bom arcabouço teórico para o estudo das relações entre os enunciados e o meio social, histórico e cultural onde vivemos e interagimos e, como disciplina investigativa, propõe-se a descrever e analisar como qualquer tipo de discurso constrói sentidos dentro de um contexto ecolinguístico.

Entrevistadora e entrevistados são indivíduos de carne e osso, localizados num tempo e espaço, interagindo por meio da língua/linguagem. No processo interpretativo, avaliamos os enunciados e as relações entre o material verbal e o extraverbal que acrescenta possibilidades para percebermos flutuações de sentidos. Cada um dos locutores está na relação de interação social “eu-outro” e seus dizeres deixam entrever o conhecimento de mundo e os valores construídos no meio social. A análise leva em consideração o ambiente natural em que estavam entrevistadora e entrevistados. A cidade de São Paulo, a maior e mais rica cidade do Brasil, contém habitantes nativos e habitantes oriundos de outras regiões do país. O ambiente natural específico de que falamos é a parte central da megalópole, a região da Praça da Sé. Nesse território, homens e mulheres de diversas culturas passam apressados e pouco percebem o grupo de pessoas que, sem pressa, usa o local como moradia: descansam, conversam, brincam, comem, dormem. É a esse, aparentemente pequeno, grupo de “invisíveis” sociais que voltamos nosso olhar. A sociedade produtiva da cidade é uma parte do ambiente social e os considera “marginais”, não querem vê-los. Sua mera presença incomoda consciências.

A parte do ambiente social que engloba esses jovens é observado pela pesquisadora que quer compreender esse meio à parte. Selecionamos entrevistas -- dez meninos e cinco meninas com idade entre 13 a 17 anos -- para documentar biografias e trajetórias individuais que testemunham climas de tensão em um cenário subumano. Surpreendemos o ritmo pausado das conversas intercaladas por lances de revolta, muita carência afetiva e instabilidade nos espaços e no tempo. Percorrer essas entrevistas é situar-se nas suas memórias por meio da semanticidade das imagens, que acabam por mostrar um mosaico de discursos e imagens em suas manifestações e em sua imaginação.

Consideramos que a língua não é o único viés a ser estudado na interação comunicativa, partimos dos enunciados dos jovens e enfocamos os processos interativos entre o “eu” e o

“outro” naqueles ecossistemas naturais (centro de São Paulo) e ecossistemas sociais de indivíduos de todos os tipos que se relacionam, num determinado momento histórico em dadas circunstâncias culturais. Interpretamos à luz da ADE os sentidos que irrompem no conjunto de relações comunicativas entre a entrevistadora professora e jovens que vivem uma aparente liberdade nas ruas da cidade e nos centros de acolhimento. As entrevistas foram gravadas em áudio foram e transcritas segundo as normas estabelecidas pelo projeto NURC – Norma Urbana Culta. Foram usadas as seguintes abreviaturas: “D” para entrevistadora/documentadora e “I” para informante.

Os recortes realizados nas entrevistas focalizam os discursos dos meninos e meninas de rua que aparecem em seus enunciados. Observamos como os enunciados aparecem carregados de dinâmica discursiva que mostram os valores adquiridos no meio familiar e os valores desenvolvidos no ambiente das ruas. Suas memórias e seus discursos manifestam-se na complexidade da tensão enunciativa em que interagem, no meio social com os imperativos biológicos, psíquicos e pulsionais do indivíduo. Imaginário e memória são tessituras constantes e infindáveis de registros memoriais e imemoriais nos quais cada sujeito se confronta com o outro, com o grupo, com as culturas. Tais registros colocam-se como o horizonte possível em que se dá a recriação, o renascimento de ideias e discursos. A identidade cultural ou individual estabelece conexões entre os ecossistemas natural, social e mental e dependem da forma como se colocam modelos e como iluminam o desejo e a busca de equilíbrio no desequilíbrio.

Selecionamos trechos das entrevistas referentes à família, à polícia, à rua e às casas-abrigo pelas quais os meninos e meninas passam, para compreender como os ambientes sociais ajudam a construir os valores enunciados por esses jovens. Vamos focar como o ambiente social influi no processo de formação de suas identidades, como os discursos são. Além disso, queremos verificar de que modo o imaginário construído é capaz de nos mostrar como se colocam frente a um mundo hostil.

Por habitarem um ambiente urbano que a sociedade considera como “fora” do sistema social familiar, os meninos de rua sempre faziam questão de contato corporal, sempre abraçando e beijando ao cumprimentarem a pesquisadora, tocando mãos e braços durante a conversa. Essa carência de contato físico é uma forma gestual de enunciar, o que interpretamos como necessidade de materialidade afetiva. Muitas vezes, durante a observação, sentia uma menina ou um menino me abraçando, permanecendo assim por muito tempo quase como um membro da família que não tinham, pelo menos na prática. Aqui está um primeiro diálogo, com Luís, de 15 anos:

I: <i>tia... me dá um real?</i>
D: <i>eu não tenho dinheiro</i>
I: <i>ah ... mas serve um passe</i>
D: <i>é... e como eu vou embora?</i>
I: <i>então só um beijinho</i>

O trecho de diálogo deixa entrever que a interação social se desenvolve no objetivo de interagir e apelar por algo material, se não há dinheiro um beijo serve como consolo para a falta de um presente concreto. É importante ver que também trocam carinhos entre si. Interpretamos como um discurso que valoriza primeiro os bens materiais de troca, mas também a proximidade do carinho familiar aparece nas interações comunicativas, o que indica uma resistência à frieza humana do ambiente das ruas, que exige distanciamento, sem muitas efusões. Nesse ponto, os abrigos onde podem passar o dia, Centro Comunitário da Criança e do Adolescente (CCCA) das 8:00 às 14 horas e Casa Taiguara das 16 horas as 7:00.

Como a relação social nas ruas não é amistosa, os jovens mostram uma certa afetividade com quem procuram ouvi-los nos abrigos. Isso mostra como lidam com os interlocutores nas ruas e nas casas de assistência e consideram natural conversar e tocar o seu interlocutor. Assim percebemos a valorização da afetividade que ficou distanciada na família da qual saíram. A interação tátil demonstra a carência, tanto afetiva quanto física. Percebe-se que há busca de comunhão entre as pessoas durante a comunicação, criando-se laços diferentes dos que se dão nas ruas. Parecem ressignificar um ambiente de familiaridade como compensação pela ruptura que sentem no contato com pessoas comuns.

No diálogo apresentado acima, a interação inicia-se por uma solicitação do menino como F₁ à pesquisadora, como → O₁ [tia... me dá um real?], para usar os conceitos apresentados no capítulo anterior. O menino solicita algo para a sobrevivência ligada ao ambiente natural, num ambiente de disjunção. A interlocutora já como F₂ reforça a disjunção retrucando “eu não tenho dinheiro”. No entanto, o jovem persiste tentando uma outra alternativa, como “ah... mas serve um passe”. As negociações de parte a parte em ecossistema linguístico avançam e vão perdendo em materialidade monetária e ganhando em materialidade afetiva quando o menino diz que “então só um beijinho”, o que qualquer pessoa pode ofertar e conseguir numa interação em que existe comunhão.

A questão da afetividade motivou-nos a discutir as relações no ambiente familiar. A entrevistadora indagou em seguida se “o estar na rua resultava do fato de serem órfãos ou abandonados”. Porém, os jovens em situação de rua não gostam de falar sobre família, pois em geral provêm de famílias disfuncionais, nas quais há muita falta de afeto. Porém, nas ruas não há interações afetivas, de modo que são duplamente penalizados. Há constantes atritos com colegas, com transeuntes e com a polícia. Diante dessa disjunção constante, buscam refúgio nas casas assistenciais como uma conjunção breve e em situações esporádicas como a do encontro com a entrevistadora.

Alguns meninos têm medo de ser reconduzidos ao seio familiar. Isso nos mostra que preferem buscar a convivência nas ruas, mesmo com e a hostilidade dos outros, desconhecidos. Essa da família e preferência pelas ruas nos impacta, pois nossos valores são exatamente contrários a isso. Nós, a sociedade em geral, valorizamos a família e não as ruas, para nós a família é o lugar da conjunção social e as ruas são a disjunção.

Nas conversas animadas durante as entrevistas, os jovens permitem a gravação de suas falas, mas não gostam de ser filmados. Quando perguntados sobre o porquê da recusa, alguns responderam que os pais poderiam reconhecê-los e tentar tirá-los da rua, o que eles não querem. A disjunção com o ambiente familiar é fonte de sofrimento e desgaste, um sinal de desistência. Entretanto, não se incomodavam em ser fotografados, ao contrário, pediam para sê-lo, provavelmente devido ao fato de as imagens estarem ligadas à televisão (pressuposta como valorizada por eles) e fotos, lidas ao jornal (pressuposto como não lido).

Viver na rua parece uma opção mais aceita pelos jovens pesquisados, pois a memória que transparece em suas falas aponta para uma ausência de interação afetiva com os pais. Há uma exclusão das relações interativas com a mãe ou o pai. Entendemos que se sentem excluídos da família (mãe, pai, padrasto, tios e tias), o que é chocante pela forma emocional do abandono, pois rompe com o que se espera de jovens que conhecemos. Assim, o imaginário dos meninos, em relação ao arquétipo do microcosmo da família, é marcado por processos de distinção ou separação que evidenciam o regime denominado por G. Durand (1989) de diurno como forma de enfrentamento, de luta constante.

Essa ruptura com o ambiente familiar leva os jovens e as jovens a saírem de casa, o que parece a eles uma forma de liberdade da opressão e desequilíbrio comunicacional causados pela ausência das funções da família. Quando um jovem passa a habitar as vias da cidade, escapa à opressão familiar, mas adquire uma outra em relação com os demais frequentadores da rua que não cumprem as funções familiares. O que esses jovens valorizam é a negação da vida familiar

e, ao evitarem o retorno, confirmam a memória da ruptura da interação com a família como uma não vida familiar.

A não vida familiar se configura na busca concreta de relações afetivas de comunhão típicas da casa, como afirma William, 13 anos.

William, 13 anos

D: *Você não quer sair da rua?*

I: *quero... mas não para as casas abrigo... é muito ruim... eu queria uma casa.*

Nesses breves enunciados, observamos que o adolescente parece ter certeza do que valoriza. Quer uma casa, um lar com as funções familiares das quais já ouviu falar, mas não viveu. Percebemos que o imaginário permitiu que gerasse um discurso de conjunção possível em uma família, em uma casa. A casa, para esse menino, recebe um sentido especial, não é morada, vivenda, habitação apenas num ambiente natural e social de conjunção. Percebemos que esse imaginário é um tanto deslocado da realidade, pois a maior parte das famílias tem problemas esparsos de rusgas e conflitos, não é uma conjunção permanente.

Quando o menino diz “eu queria uma casa”, ressignifica o espaço e o meio social, como um local de conjunção desejada pura e simples. Sabe que o território não é tudo, não serve um abrigo assistencial, quer um espaço preenchido da função familiar que possibilite a conjunção comunal. Prefere enfrentar todos os “outros” desconhecidos a enfrentar os “outros” familiares conhecidos. O discurso corrente entende que não pode respeitar sua própria família, mas quer uma “casa” em que se respeite. Assim, embora o jovem recuse o meio social familiar e sobreviva em um meio urbano, entendemos que seu discurso nos mostra que o jovem rompe com a estrutura familiar e valoriza sua individualidade como mais importante do que a “proteção” da “casa” em que vivia.

Esse desiderato de valorização de si, mesmo que seja sozinho, nos remete à concepção de imaginário e observamos que a imagem da “casa” como proteção e harmonia é criada pelo desejo da intimidade repousante, templo, palácio ou cabana (DURAND, 1989, p. 244). O verbo “querer” do texto seguido de complemento expresso por nome concreto “*eu quero uma casa*”, significa *pretender obter, desejar* (BORBA, 1997, p. 1084). O discurso desse menino não é simplesmente o contato com pai ou mãe, mas o desejo de armazenar, na memória, experiências positivas de vida afetiva em comunhão que construiu em seu imaginário.

Para nós, no discurso padrão do meio ambiente social, o meio ambiente familiar é, perceptivelmente, disfórico da rua. Os jovens em situação de rua preferem-na e o ambiente da cidade é aceito com ressalvas, pois aí há o discurso de liberdade de ação e de válvulas de escape como de drogas. As drogas como álcool, cola, fumo, maconha, crack ou outras são verdadeiro antídotos de memórias infelizes; elas dão, momentaneamente, a aparência de comunhão, mesmo que sejam também experiências infelizes. Vejamos mais quatro enunciados de pessoas diferentes.

Marcelo: *tem droga, tem roubo, tem tudo;*

Cláudio: *tem liberdade de ir onde quiser, fazer o que quiser;*

Patrícia: *tem aspectos ruins, mas melhores que os do orfanato;*

Carlos: *tem condições de arrumar colegas; tem cola.*

Os enunciados acima são recortes esparsos e mostram aspectos de disjunção como “*droga, roubo, orfanato*”, mas também valores caros a esses meninos e meninas de rua como *liberdade de ir e vir*”, “*ausência de restrição quanto aos amigos*” e “*uso de drogas*”. O discurso axiológico se polariza por enunciados que enfatizam traços essenciais percebidos no emprego, explícito ou não, do verbo “ter”. Nesses traços, a memória sensorial prevalece, há percepção do espaço concreto como movimento corporal e também como restrição com regras contra roubo e drogas. O discurso da liberdade permite ruptura com todas as regras do meio social (roubo, qualquer amigo, drogas), já que houve uma opção pelo ambiente natural como local de habitação, não há necessidade de adotar as normas do sistema social.

Estar no ecossistema da rua determina uma posição topográfica de ausência de lar, mas uma abertura para que qualquer lugar o seja. Nessa disforia, o indivíduo sente-se livre e independente apesar do sofrimento, adere ao discurso positivo de que há liberdade em ambientes abertos e valor na movimentação e uso drogas – que são álibis –, quando quiserem. Na rua, vivem as emoções da coragem e esperteza, medo e ansiedade, conquistas e perdas o que provoca um amadurecimento precoce acerca das dificuldades da vida. No ambiente das ruas, sentem-se donos de suas ações, uma liberdade ilusória, pois, como o uso de drogas não é legalizado, os meninos são obrigados a buscar refúgio ou esconderijos para seu consumo, uma vez que serão presos, caso a polícia os apanhe.

A polícia, ao receber a incumbência de fazer respeitar as leis, estabelece um poder disciplinar sobre o que é ou não permitido pelo ambiente social. Nas entrevistas sobre o tema polícia, os jovens de rua explicitam que há momentos de conjunção com os policiais, mas também de disjunção. A força policial é estruturada para exercer vigilância sobre o “conjunto de leis ou regras impostas ao cidadão para assegurar a moral, a ordem e a segurança pública” (CUNHA, 1998, p. 619). Há momentos em que conseguem piedade dos policiais, mas há momentos de violência verbal e física, inclusive estupro de meninas.

No quadro abaixo, temos enunciados desses meninos indicando situações em que os policiais não se presentificam como quem mantém a ordem legal, ou então são vistos em disjunção com esse valor ou como sinalizadores das performances ilegais dos meninos.

Cláudia(17 anos): *bate de porrada, de chute.*

Marcelo (17 anos): *passa cobertura (encobrem o roubo para poder dividir seu produto); [...]. vendem drogas e mandam a gente vender; [...] batem e não deixam hematomas... porque são treinados; [...] alguns matam e sem deixar rastro; [...] alguns é racista... quando pegam preto eles batem...os brancos...mais ou menos, play boy...passa batido...favelado...nós está fudido; [...] .Corrupto.*

Rogério (17 anos): *é violento, dá soco;[...] saca a arma para botar medo em nós; [...] faz roleta russa (mirando os meninos); [...] arrasta nós de quebrada.*

Os dizeres dos jovens mostram abuso de força com violência física em “bate de porrada, de chute”, “batem e não deixam hematoma”, “matam”, “arrasta nós de quebrada”. Podemos interpretar esses enunciados como reveladores de medo e disjunção. Além da violência, apontam os problemas dos policiais como indivíduos desonestos como em “vendem droga e mandam a gente vender”, “saca a arma para botar medo em nós” e, também, como preconceituosos em relação a negros e pobres “alguns é racista... quando pegam preto eles batem”. Essas são ações de perversidade e exploração em profunda disjunção com o papel que representam no ambiente social. Vejamos mais duas falas Luís, 15 anos.

D (documentadora): *e os policiais? ... você acha que eles ajudam ou aproveitam de vocês?*

I (informante): *ah... tem muitos que aproveitam...tem muitos que ajudam... a maioria dos policiais ajudam... mas a maioria... pelo menos alguns policiais estão sujos por causa de outros policiais*

D: *como eles ajudam vocês?*

I: *ah...sei lá...tem uns que eu acho legal...uns que onde eu cuido dos carros... NE? Eu converso com alguns...alguns falam...hoje não dá pra você tomar conta de carro...aqui não...senão vão passar outros policiais aí...e:: vão te levar*

Os dizeres acima nos mostram aspectos interessantes dos discursos dos jovens de rua sobre os policiais. A informação explícita que há policiais que “ajudam”, protegendo os meninos de outros policiais. Esse enunciado mostra que são capazes de modalizar o discurso, percebem que não é a totalidade dos guardas os responsáveis pela disjunção. Se os jovens expõem que os policiais são sujeitos de convivência difícil e motivo de muita disjunção no ambiente da rua, há enunciados que introduzem a ideia de que a polícia nem sempre atua só em ações destruidoras. Além disso, o discurso dos meninos explícita que já absorveram a ideia de que a polícia deve proteger, mas nem sempre o faz. No imaginário e na memória de alguns meninos pode ser aquele que auxilia, como afirma Luís, 15 anos, no depoimento acima. Nessa percepção, o policial é visto pelas duas faces do imaginário: aquele que os motiva à luta, a serem agressivos e a se revestirem da imagem de heróis prontos para enfrentar os perigos da rua (regime diurno) e aquele que os protege e os educa (regime noturno).

Observamos o meio ambiente natural (cidade e casa) e também o social (família, transeuntes, policiais e colegas), nos quais a disjunção e conjunção trazem amadurecimento para os jovens. O amadurecimento se dá no ecossistema mental, no qual temos o estabelecimento da interação organismo-mundo (experiências com o mundo físico) e organismo-organismo (experiências das interações comunicativas com outras pessoas). Pode-se dizer que nos enunciados apresentados acima, as memórias são produtos das interações mentais, mediadas por conexões neurais e armazenadas no cérebro. Enfim, como o ecossistema mental está entre o natural e o social, trata-se de experiências psicofísicas e psicossociais.

Esses processos mentais, por sua vez, estão ligados ao modo como cada indivíduo interage com o mundo, adota seus valores e o ressignifica, e como se dá o armazenamento na memória. Por isso, afirmamos que é importante compreender as relações ecossistêmicas do meio ambiente mental, para entender a interação do tipo organismo-mundo. Aliás, quando se aborda a memória no texto, há uma distinção quanto aos tipos de memórias: uma de curto e outra de longo prazo. A primeira é momentânea, fatos espontâneos, que não foram processados, são dados novos para o indivíduo que, dependendo do grau de atenção que se presta a este estímulo novo do ambiente, poderão ou não ser processados e armazenados na memória de longo prazo. Esta é duradoura, os estímulos foram processados e armazenados; não é dado novo, mas uma informação antiga e que já integra o fluxo da memória permanente.

Os fatores envolvidos no ecossistema mental levam-nos a entender a ressignificação que os meninos de rua da pesquisa fazem dos elementos dos ambientes à sua volta, como, por exemplo, o conceito de “casa”. Eles ressignificam o conceito de casa a partir de suas experiências com as famílias que tiveram e com o mundo das ruas. Para eles, casa não é abrigo, moradia. Trata-se de um lar, ambiente familiar, de contato afetivo, de intimidade e repouso, o que não deixa de mostrar uma percepção idealizada.

O mesmo ocorre com a concepção que eles têm do termo “polícia”. Alguns policiais são corruptos, amedrontam, não mantêm a ordem, punem violentamente e são sinalizadores de

ilegalidades praticadas pelos meninos e meninas de rua. Tal visão é fruto das experiências vividas pelos adolescentes, e também do imaginário em que projetam imagens negativas ou não na memória acerca da polícia. Por outro lado, como foi dito, as experiências são individuais, e o processo de interação no ecossistema mental também o é. Por isso, há também aqueles adolescentes com um discurso sobre a ordem policial como segurança e proteção dos cidadãos, o herói e que tem zelo pelas leis. De modo geral, percebe-se que há dois discursos em duas imagens projetadas e armazenadas na memória dos meninos e meninas de rua a respeito dos policiais, fruto da experiência com o meio social: “aqueles que motivam a luta e a agressividade” e “aqueles que protegem, educam, que é o herói”.

No ecossistema mental, o processo de formação da identidade pessoal decorre de experiências com o ambiente social, na interação com os outros. Para os meninos de rua, além da família (ausente), do transeunte (indiferente ou distante), da polícia (mais agressor que protetor), o outro está também nos meios assistenciais, como as instituições (acolhedoras e orientadoras comportamentais) por onde passam. Nesses ambientes sociais, os entrevistados sinalizam certas particularidades, conforme Fernando, 15 anos, e Rogério, 16 anos.

D: *por que tem tantas crianças que dormem na rua?*

I: *é por que eles querem... eles dormem na rua porque querem*

D: *e por que eles querem?*

I: *por falta de conselhos... porque em cada esquina tem um abrigo... tem o Taiguara... o Gasômetro... o Exército da Salvação... onde eu fico... né?... mas não tem conselhos*

que a gente quer...

D: *o que vocês encontram nas instituições por onde passam, por exemplo CCCA e Casa Taiguara?*

I: *porque somos meninos de rua... tem distrações... jogos... brincadeiras... comida... cursos... e:: eles ajudam a tirar documentos, levam para os hospitais...*

Nessas instituições, os meninos de rua recebem cuidados, têm distrações, são alimentados, mas, os dois jovens informam que não recebem conselhos que os capacitem e estimulem a assimilar as lições de harmonia dos jogos do corpo e do espírito. Na ausência do estímulo para voltarem a uma vida familiar, a vivência de atividades de apoio dessas agências protetoras dá-lhes certa segurança para manterem-se no mundo, enfrentando o meio social. As ações oferecidas pelas instituições, estimulam-nos a se perceberem como indivíduos capazes de vencer lutas, particular ou não, de obter sobrevivência. E também reforçam, em seu imaginário, os gestos de confrontar e se distinguir do regime diurno. Sua memória não armazena os modelos comuns a meninos que não são de rua, pois há uma falta e carência desses modelos.

Os discursos do menino de rua refletem a valorização da interação com a família, vida solta na rua, o enfrentamento da polícia e as proteções institucionais, que são responsáveis pela criação de ecossistema mental. Os outros ecossistemas, natural e social, moldam sua autoimagem, interiorizada segundo os imperativos e intimações próprios de cada um. Isso leva a interagir com o outro de forma particular (agressiva/heroica ou conciliatória/mística, ou alternando conscientemente ambas), dependendo de cada situação.

Em última instância, e não menos importante, temos a construção da identidade dos (as) meninos (as) de rua, a partir da interação com o meio social, já que nossa identidade é fruto da interação com o outro. Temos aqui o estabelecimento do ecossistema social, histórico,

cultural e nele, todos integram o coletivo social, é o todo da sociedade, como as instituições enfocadas na pesquisa (família, polícia, casas-abrigo, rua).

Nessa perspectiva, a identidade dos próprios meninos de rua é construída com base nas experiências e interações sociais que estabelecem com os outros, aqui entendidos como sendo as instituições por onde eles passam (aquelas que acolhem e orientam). Entretanto, a falta de estímulos e afeto nessas instituições, leva os meninos e meninas de rua a confrontarem-se com o mundo, pois, em seu imaginário é preciso vencer lutas para garantir a sua sobrevivência diária. Ou seja, todos os fatores do ambiente social (do outro), influenciam na construção e moldagem da identidade dos sujeitos em seu ecossistema mental. Essa identidade, na memória coletiva, compartilhada pela população, é a de que os meninos de rua são crianças excluídas, derrotadas, agressivas; muitas vezes a sociedade teme esses jovens sem perceber que são indivíduos carentes de afeto e cuidado. Vejamos mais quatro falas desses meninos e adolescentes:

Luís, 15 anos:

I: *eu vou embora do CCCA pra estudar...estudar...sei lá...esses negócios de compra...venda...sei lá.*

D: *e aí...que profissão você quer seguir?*

I: *sei lá...informática...médico cardiologista*

Marcelo, 17 anos:

I: *mas o governo que a gente tem... não sabe dar valor na gente...só quer ver a gente destruído*

D: *o que você acha que o governo poderia fazer por vocês?*

I: *éh... a gente que somos menor...a gente menor carente podia ter o : tem o SOS Criança... mas podia ter outro lar... sei lá... que dá apoio pra gente...aprendê mais... a gente pode até ser policial...do bem...não o corrupto...*

Cláudia, 17 anos:

D: *e aí você estudou até que série*

I: *eu... até a sétima série... eu tento voltar para a escola... mas lá eu sinto mais ainda que não sou igual aos outros... eu sou de rua... não tenho família... as pessoas chama a gente de trombadinhas... só que a gente fica sentida*

Outro dia até briguei com uma mulher que estava dando comida na rua...nesse dia eu fiquei com raiva da mulher... comecei a discutir com a mulher... acaba dando caridade... mas não gostei do que ela falou...trombadinhas... fominhas... eu não gostei... eu estou aqui sim... como criança carente...de rua...mas tudo bem...que está ajudando nós...mas não pode esculachar nós

Rogério, 17 anos:

I: *Oh.: não vou mentir... nós que tamo na rua... que somos meninos de rua, carente...*

sem família...temo que sobrevive... precisamos roubar e até matar.. não vou mentir não... nós rouba, pega boné... a gente pede.. se não dá... a gente toma... sai no braço.

Nota-se que esses meninos e meninas têm autoestima. Não gostam de ser nomeados como “trombadinhas” ou “fominhas”, reconhecem-se como excluídos sociais e esperam que a sociedade se preocupe com eles. Como se todos tivessem a obrigação de doar. Parece ser uma justificativa para o roubo e um discurso para se ter dó de suas condições. Além disso, estão marcados pela necessidade de trabalhar para sobreviver. Fazem pequenos serviços como vigiar carros, mas planejam vagamente uma profissão futura como “policial” ou “médico” ou trabalhar com informática para suprir a necessidade de se tornarem profissionais ou atuarem na sociedade que os exclui. Mas os planos de trabalho são vagos e deixados para um futuro longínquo e isso ocorre pela falta de estimulação e incentivo.

Os discursos desses meninos e meninas de rua revelam consciência de grupo e de seu dever de sobreviver sozinhos. É esse saber que constitui o discurso ecossistêmico conservado em sua memória de trabalho e memória episódica. Sabem que estão relegados a segundo plano, e que estão destituídos de direitos, pois sua aprendizagem ocorre no processo profundo de luta pela a vida biológica, pela vida social e pela vida mental. Parece-nos que há aí sobreposição inevitável da memória episódica com a profunda, dos vários ecossistemas natural, social e mental, já que as especificidades de certos acontecimentos ou episódios alimentam e sustentam o cotidiano e as noções fundamentais para a sobrevivência.

Na relação que mantêm com o mundo em casa, nas ruas e nos locais de assistência, esbarram com o meio social dos familiares, transeuntes, policiais, assistencialistas e constroem discursos de valorização da liberdade, da fuga nas drogas, da busca pelo alimento e abrigo. Nas relações dos meninos e meninas de rua com o outro (família, polícia, rua, casas-abrigo), reforçam em suas memórias as imagens do regime diurno (luta, distinção, separação), mal conseguindo construir imagens do regime noturno (harmonia, conciliação) na memória sonho ou memória pura, que é o ponto chave da vivência interiorizada do ecossistema mental indivíduo.

No entrelaçamento vital dos três ecossistemas num conjunto orquestrado o ecossistema natural e o ecossistema social tentam gerar no ecossistema mental o equilíbrio de imagens diurnas e noturnas. Desse modo, a memória trabalho, representada pelo esquema imagem-cérebro-ação, se pauta por ações unilaterais, extremadas e, por isso, a identidade dos meninos de rua é construída socialmente como um ser derrotado na competência de alcançar a estabilidade afetiva e social e torna-se agressivo em seu fazer-ser. Assim, a identidade dos meninos de rua, configura-os como heróis solitários em seus bandos, sem as armas e os escudos da família, sem a memória de modelos discursivos de comportamentos ou a lembrança de um olhar afetivo. Vivenciam, dessa maneira, momentos sombrios e as misérias do corpo e da mente. Pouco vislumbram a tranquilidade e a harmonia da noite quente e suave, embalada pelas imagens do regime noturno.

Nesse sentido, surge um questionamento: como compreender o papel da memória no ecossistema mental, quando ela se tece pelo desafeto, pelo desalento? Como construir uma identidade solidária, quando ela é (des)construída pela desagregação, pelo desregramento, pela negatividade que vem, sobretudo, do ecossistema social, qualquer que ele seja: família, sociedade, lei ou autoridade? Como afastar o espanto diante da solidão dos meninos, vaticinados desde o nascedouro ao destino trágico que aspiram papel heroico? Aqui se impõe a inversão do lexema anti-heroico, pois só raramente haverá futuro edificante no destino daqueles que a cada dia precisam pôr em prática o lema “viver ou morrer”. Mortos que já estão nos três ecossistemas: pelo descrédito e pelo desamparo.

Repitamos que dois dos princípios centrais da ADE são a defesa da vida e a luta contra o sofrimento evitável. Pois bem, nós (todos nós) somos responsáveis, de uma forma ou de outra.

Diante do grande sofrimento (natural, mental e social) dos meninos de rua, todo mundo poderia fazer alguma coisa, pondo em prática a recomendação da Ecologia Profunda para, no caso em tela, evitar ou pelo menos mitigar o sofrimento desses meninos. Por mais incrível que pareça, ajudar não implica apenas dar esmola ou colaborar financeiramente com as instituições que os acolhem. Votar em políticos que tenham propostas que possam levar a uma melhoria de vida dos meninos e meninas é uma alternativa, mesmo que a longo prazo. Votar em políticos que tenham uma ecoética, e não naqueles que historicamente desviam dinheiro público em proveito próprio.

5. UMA VELA PARA DARIO

Nesta análise vamos comentar um texto diferente dos que foram objeto dos outros quatro capítulos desta parte prática. Trata-se de um texto literário, o conto “Uma vela para Dario”, de Dalton Trevisan. Agora, mais do que nunca se faz necessário levar em conta algumas distinções feitas por Couto; Couto (2019). Nesse ensaio foi demonstrado que o texto literário não é produto direto de uma ecologia da interação comunicativa (EIC) prototípica, que exige a co-presença de falante (F) e ouvinte (O), postados face a face. Nesse caso, o equivalente mais próximo do texto é o enunciado que F envia a O.

Apoiando-se em Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin, como já observado no capítulo anterior, Couto; Couto (2019) mostraram, inclusive graficamente, que é necessário distinguir dois momentos, contrariamente aos enunciados das EIC prototípicas: eles fazem parte de uma rede que envolve F, O, contexto, regras interacionais, proxêmicas (posicionamentos espaciais), cinésicas (gestos) e paralinguagem, entre outras coisas. Praticamente, há uma concomitância entre todos eles.

No caso do texto literário, é necessário distinguir primeiro o momento da produção e o da transmissão/recepção da mensagem. A produção se dá inteiramente no ecossistema mental do escritor. Porém, como já salientado, o escritor se põe a dialogar com seu alterego. Mais, a própria divisão em parágrafos do texto seria um tipo de antecipação de respostas a perguntas do alterego e, quiçá, de um presumível leitor. No momento em que alguém lê o texto, temos o segundo momento, aquele em que o autor como F se comunica com o leitor (O), sobretudo se esse leitor der algum retorno ao autor, como faria um crítico – caso de nós duas que estamos recebendo (lendo) e analisando o texto de Trevisan –, mas, poderia ser também algum leitor que escrevesse ao autor falando sobre sua obra.

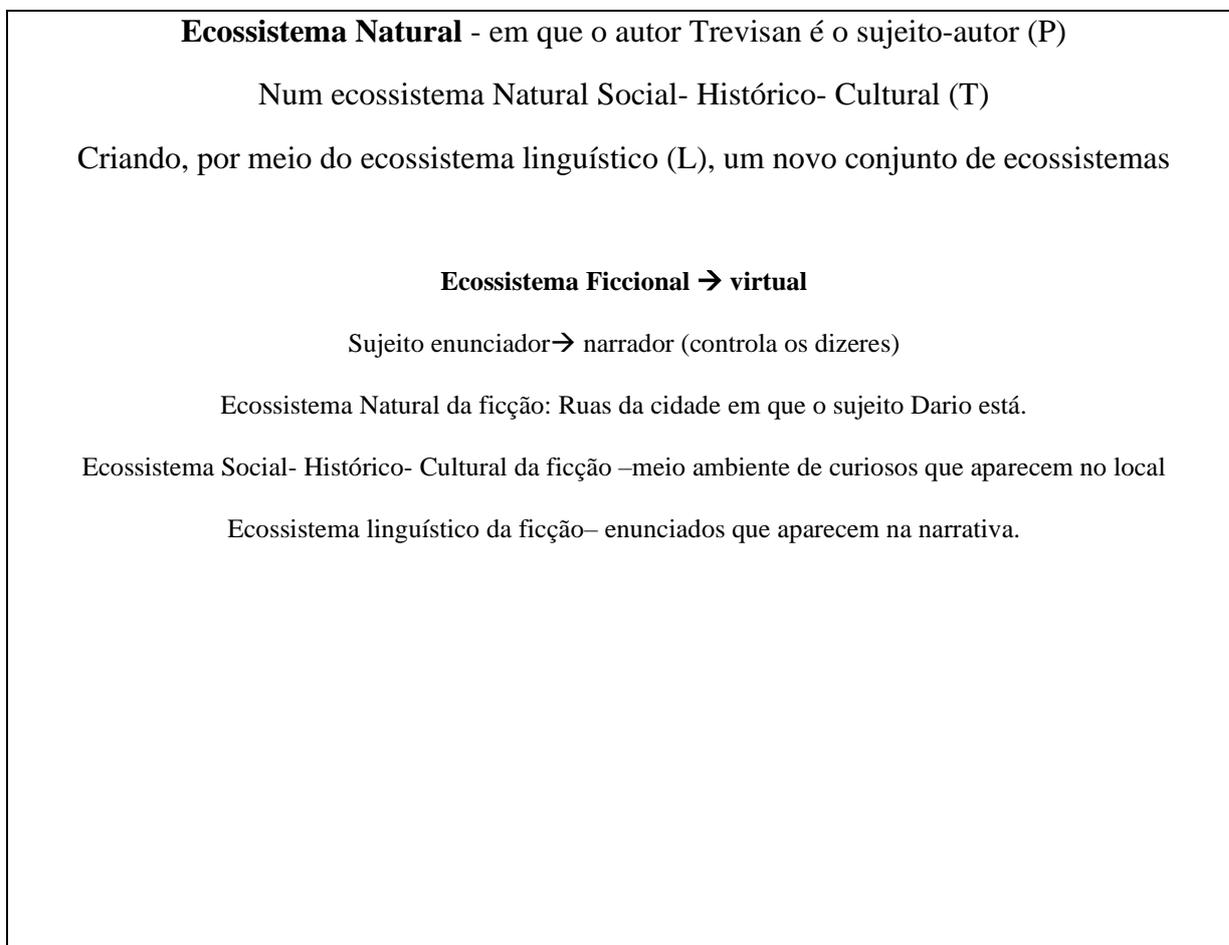
A Análise do Discurso Ecológica pretende verificar de que modo os sentidos são construídos nas situações de comunicação do dia a dia, em textos escritos ou por outros meios. Não devemos confundir “sentido” com a significação que é uma percepção padronizada da palavra, porque a significação, de modo geral, é uma acepção comum do termo desvinculado do contexto. Usamos a palavra “sentido” para indicar a relação de significância do léxico inserido no contexto de uma ecologia da interação comunicativa, isto é, o sentido estabelece relação pragmática com a palavra, mesmo que ela venha carregada de possibilidades.

Ao tomarmos o termo “vela” do conto em tela partimos de uma significação básica, isto é, “peça de cera, sebo ou estearina, com uma torcida ou pavio no centro e que serve para dar luz” (*Dicionário Priberam*). No entanto, a palavra inscrita no título “Uma vela para Dario” é o indício para o aparecimento de sentidos outros, pois, na narrativa, o enunciado “Um menino de cor e descalço vem com uma vela, que acende ao lado do cadáver” amplia, grandemente, as possibilidades interpretativas. Uma vela no conto, além de significar objeto que emite luz, tem o sentido de desfecho de uma existência humana e refere-se ao respeito das demais pessoas pela tradição mítica, pois indicaria a um falecido o caminho da luz, de autorrealização em outra dimensão.

Nossa proposta, neste capítulo, é estudar as relações interacionais em uma perspectiva holística. Para tanto, precisamos compreender a língua e a linguagem como elementos da interação humana em seus ecossistemas. Assim, analisamos os discursos, não só como “tudo o que se diz”, mas também todo um conjunto de sinais verbais e não verbais que envolvem o momento sociocomunicativo. Com isso, a ADE vai observar as múltiplas possibilidades de sentido em meio à diversidade discursiva.

Tomamos o conto “Uma vela para Dario” como um enunciado literário em que os contextos ecossistêmicos partilham sentidos numa inter-relação virtual, como já lembrado acima. O autor, Dalton Trevisan, posiciona-se com seus valores ante um ambiente físico-natural (a rua) em relação a ecossistemas mental e social. Para ilustrar sua percepção sobre o mundo como um lugar em que o respeito ao outro vai da sensibilidade à insensibilidade, o autor toma as palavras

para criar uma narrativa que é vista por nós como um contexto virtual, construído no ecossistema mental de um sujeito-autor. Esse sujeito em seus meandros mentais recria todo um universo virtual de ecossistemas, dirigindo-se a um outro leitor-interlocutor. Desse modo, temos um ecossistema real e complexo que gera uma narrativa como se fosse uma tela, um quadro, uma cena com seus próprios ecossistemas virtuais que têm ligação com o mundo real, mas pertencem a um quadro ficcional. Observemos a figura



Nela temos um ecossistema físico natural em que vive o autor-criador que gera uma cena, ou um quadro narrativo. Esse quadro narrativo ou narrativa enquadrada (dentro do quadro) traz um ecossistema ficcional (virtual) com um narrador que se responsabiliza pelos dizeres dos personagens e pela locução dos fatos. Controlados por ele aparecem os personagens atuantes em um meio natural ficcional (ruas da cidade), em meio à correria da vida urbana.

Nota-se que há vários níveis de interação que, na verdade são um desdobramento dos dois momentos já mencionados: a interação entre autor e narrador que conta a história; a interação entre narrador e personagens; a interação dos personagens entre si; a interação entre autor e público-leitor. No processo de análise precisamos observar, na ADE, toda a complexidade dessas interações ecossistêmicas, como salientaram Couto; Couto (2019).

A partir deste momento, passamos a tomar as concepções da ADE, para compreender os ecossistemas da narrativa enquadrada Uma vela para Dario de Trevisan (1979) e buscar aspectos da “linguagem” que constroem uma imagem extraverbal por meio de uma detalhada descrição da cena de morte do sujeito Dario. Os indícios verbais do conto mostram-nos sentidos não verbais nos cenários ecossistêmicos. Como (P) referimo-nos aos sujeitos em interação: interação do narrador consigo mesmo; interação entre o narrador onisciente e os fatos narrados; o corpo inerte de um homem chamado Dario que nada fala. Além dessas

interações, temos a ação de um conjunto de curiosos que o cercam e tomam algumas iniciativas. Tudo isso no ambiente físico-natural de uma rua da cidade, com o movimento de um bairro residencial e a correria dos transeuntes e moradores das proximidades. O personagem central do conto é descrito com um detalhamento dos pertences pessoais e das ações que os demais participantes fazem com Dario. Toda essa interação dinâmica emerge por meio da linguagem (L).

Dario é um personagem que não diz uma só palavra, apenas alguns sons, mas centraliza todas as ações da narrativa. Por isso, vamos verificar, conforme a ADE, os detalhes construídos pelo narrador sobre o cenário. Esse personagem não chega a ser um sujeito atuante, não interage, não diz nenhuma palavra. Todos tentam interagir com ele inutilmente. Dario está isolado em si mesmo, é mais um objeto inerte que um sujeito. No entanto, no conto, é a fonte das atenções, os demais sujeitos tentam estabelecer comunicação com ele e conversam sobre ele. Assim, o que sabemos desse ser que deixa de ser um sujeito para ser um corpo, um defunto, vem de um olhar de fora do moribundo, pois não temos acesso à sua subjetividade, mas tentamos compreendê-la como ser humano a partir das ações dos “outros”. Vejamos a seguinte cena:

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Temos, nesta cena, a apresentação do personagem Dario, que tem seu dinamismo expressado por meio do adjetivo *apressado*. Esse adjetivo indica vitalidade e denota que ele era um sujeito ocupado e/ou que ele estava numa situação em que precisava tornar algo mais rápido, ou seja, fazer com que algo se realizasse antes do tempo previsto. O ambiente das ruas parece ser um espaço a ser vencido. O narrador o coloca em situação de urgência, mas apresenta detalhes que o mostram como um sujeito precavido por causa do substantivo *guarda-chuva*. As palavras “apressado” e “guarda-chuva” inscrevem Dario na classe dos seres ativos, condicionados a agir. Dario movimentava-se no ecossistema das ruas. Neste conto, a rua aparece como cenário inicial. O termo “rua” significa local público de movimentação, mas também espaço e impessoalidade que vai marcar todo o decorrer do conto com uma negatividade do local em que se está à mercê dos outros que não conhecemos, logo, diante de outras pessoas que não podem ser confiáveis.

Dario apresenta um mal-estar, pois a gradação de seu andar enfatizado pelos verbos *encostar-se* e *escorregando*, indicam uma ruptura ou ação sem o propósito comum das pessoas nessa situação. Esse mal-estar também é enfatizado pela situação de umidade da calçada após uma chuva. Afinal, as pessoas não se sentem bem em local molhado. O narrador parece vê-lo ao longe e realça aspectos detalhados de escorregar pelo muro e sentar-se na calçada molhada em vez de simplesmente dizer “Dario sentia-se mal”.

A expressão *descansar na pedra* nos leva a acionar a memória e a lembrança de abandono da vida e ruptura com os prazeres terrenos. E o verbo *descansar* também remete àquele que morre, afinal, em muitas frases de luto, as pessoas dizem *enfim descansou*. E essa imagem é reforçada pela locução adverbial de lugar *na pedra*. Em nossa sociedade as lápides dos túmulos são comumente feitas de pedras. Nesse sentido, parece que o narrador insinua uma ambiguidade entre “descansar” e morrer, diante da presença “pedra”, que remete o túmulo. Vejamos mais um trecho do conto.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque. Ele reclinou-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo tinha apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem respirar.

Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca.

Nesse ponto, inicia-se a interação dos curiosos com aquele homem que passa mal. O verbo “rodearam-no” mostra a solidariedade entre humanos diante de uma emergência. Cada um interrompe seu caminho para tentar comunicar-se com aquele ser. O verbo “indagaram” indica a necessidade de interagir amistosamente, oferecer ajuda. Aqui temos uma agregação cinética quando se tenta uma interação comunicativa. Esse tipo de agregação decorre da presença de indivíduos num mesmo espaço, no qual não se espera (prototipicamente) que haja interação comunicativa. Apesar de as pessoas ocuparem um mesmo espaço, não se conhecem, só falam sobre o corpo no chão. Não há reciprocidade nem contato entre as partes, apenas proximidade física; a interação é de frases soltas e ações de possível conforto como “abrir o paletó”. Na rua não é comum as pessoas se aproximarem e se tocarem; esse é um valor próprio de nossa civilização, pois são estranhos que não se encontram em estado de comunhão, ou seja, não compartilham afinidades a não ser o homem caído que os leva a interagir. Apesar disso, nota-se uma interação efêmera pelo fato de dois ou três passantes tentarem ajudar o homem que se sentia mal; é uma ação pontual de, para dar algum conforto ao homem que sofria, no caso, um sofrimento não evitável.

As expressões “*abriu a boca*” e “*moveu os lábios*” mostram que houve um pequeno tempo em que Dario se esforçava, mas o fato de não se ouvir nada, nos remete a alguém que ao perder a fala (biológico e mental), perde o seu poder no espaço natural e social da rua. É alguém desconhecido, pois não se sabe sua identidade, e Dario (só o narrador sabe seu nome) deixa de ser visto como alguém que tem domínio e que existe como pessoa (social). Haja vista a inexistência de enunciado, não há interação, apenas impulso, o que o torna discursivamente apagado, sem história, dominado, oprimido, relegado ao ostracismo, suprimido, silenciado. Não mais um sujeito, mas um objeto inerte.

O adjetivo “*de branco*”, segundo convenções culturais do Brasil classifica o senhor gordo como trabalhador da área de saúde. O narrador confirma, para o leitor, a narrativa voltar-se para uma situação que envolve cuidados médicos, porque o corredor isotópico anuncia problemas físicos, de doença, problemas que escapam facilmente do domínio do homem comum. Nessa parte, temos o indício de interação comunicativa iniciada por alguém, que devido à sua profissão deveria prestar socorro a todos que requererem cuidados. Assim, pode-se inferir que a interação comunicativa, nesse caso, não se deu por alguém que tinha o querer, dever, saber e poder fazê-lo. No entanto, temos apenas o querer, pois ele sugeriu e assim apenas indicando uma suposição sem tomar qualquer atitude que se espera de alguém ligado à saúde como chamar uma ambulância. Como na situação havia tentativa de solidariedade (comunhão) no sentido de ver se era possível salvar a vida do homem, as pessoas que se juntaram estavam interagindo no sentido de “o que alguém pode fazer”, não o que “eu posso fazer”. O julgar-se que outras pessoas podem resolver o problema mostra-nos o discurso típico do ambiente das ruas: é melhor não nos envolver e deixar a ação para outros, e, assim, se corrompe a iniciativa esgarçada e uma possível comunhão.

A interação visual de curiosidade ocorre nos transeuntes, diante de uma cena muito rara como de alguém estendido na calçada molhada e do cachimbo apagando-se, o narrador dá indícios de que Dario já havia perdido a energia da vida, sendo efetivamente a cena da morte de Dário, o *ronco feio* último murmúrio, despedida da vida sem comunicação.

Dario não faz mais nada e todas as ações passam a ser tomadas por outros indivíduos. A imagem do cachimbo apagado também corrobora com isso. O rapaz de bigode, defrontado com a horizontalidade de Dario, marca mais sua verticalidade, a vitalidade, o poder e a sua virilidade por meio da isotopia do bigode. Os substantivos *paletó*, *colarinho*, *gravata*, *cinta*, *sapatos* são os outros objetos que sobrevivem e são indicados pelo narrador para impactar o

leitor, que percebe, nesse momento, que pessoas comuns podem estar sujeitas a perder a vida na rua, passam a ser apenas coisas.

Chevalier (1996, p.801) afirma que em muitas culturas os calçados têm o símbolo do direito de propriedade e, ao falar sobre o deus Hermes, mostra que se trata de um deus calçado porque tem a posse legítima da terra em que se encontra. O autor ainda mostra que “nas tradições ocidentais, o calçado teria uma significação funerária: um agonizante está partindo”. O sapato, a seu lado, indica que não está em condições de andar, revela a morte. Esse impacto inicia a macroposição da narrativa: a passagem de Dario para a morte. Vejamos mais um excerto.

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram despertadas e de pijama acudiram à janela. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando guarda-chuva na parede. No entanto, **não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.**

A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede - **não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.**

Temos uma nova gradação. A gradação inicial nos aponta para as ações finais de Dario. Após o seu falecimento, nesse ponto, temos outra gradação com o detalhamento dos circundantes de modo bem fragmentado. São ações as mais díspares: pessoas na ponta dos pés, moradores, crianças, senhor gordo, a velhinha, um grupo, o motorista. O corpo é motivo de curiosidade mórbida, repetem-se os fatos anteriores em comentários. Assim, a interação que tentavam com Dario passa a pura curiosidade sobre um fato incomum e esparsas interações soltas de comunicação truncada. A solidão humana na morte avulta-se ante tantos olhares.

Essa percepção é reforçada pelo fato de que alguns moradores estão apenas comentando o caso, sem tomar qualquer atitude para ajudar Dario; outros tomam a iniciativa de carregar o corpo para uma farmácia, mas desistem. Há alguma solidariedade nas pessoas que se juntam em torno do homem caído no chão. A atitude do taxista ao perguntar “quem pagaria a corrida” revela o discurso de competição, na sociedade capitalista, que enfatiza os ganhos individuais e menospreza o cuidado com outro. Para o taxista, receber sua corrida era mais importante do que salvar a vida do homem caído no chão.

A morte do indivíduo gera curiosidade, espanto diante do fato de que ninguém escapa ao seu destino final. O impacto em cada sujeito se dá em sua mente, ao sentir a proximidade do fim alheio, mas dialogando internamente sobre seu próprio fim. O engajamento no ambiente social está em frangalhos e a ausência de comunhão é destacada pelo narrador com o desaparecimento dos objetos pessoais do defunto: “*não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado*”, “*não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata*”. Vale dizer, algumas pessoas não só não sentiram compaixão (FERNANDES, 2021), mas surripiaram bens que pertenciam ao homem moribundo.

Deparamo-nos com uma contradição. De um lado, algumas raras ações de solidariedade ao semelhante em situação mortal; de outro lado, alguns surrupiando bens que já não têm mais dono. O narrador quer tocar o lado humano e temeroso de nossa finitude com a situação de um falecimento sem socorro e, ao mesmo tempo, mostrar a perda de objetos, pois do mundo nada se leva. A locução adjetiva *de pérola* amplia a descrição de Dario, uma vez que faz a ligação de sua atividade com a classe de indivíduos que têm certa posição social e financeira. Assim,

defrontamo-nos com o paradoxo: um homem com bom *status* social morre sozinho na rua, um espaço que, segundo Matta (1997), é de todos e de ninguém. Mais um excerto:

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, **sem o relógio de pulso**.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados, com vários objetos de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

O processo gradativo do despojamento de um ser humano na morte vai se reforçando pela mudança no discurso valorativo do ser humano. Inicialmente um homem agoniza, desperta algum sentimento de ajuda de transeuntes; diante da morte evidente o abandono que surge nos termos “*foi largado*”. Dario era apenas um peso morto, pode-se notar que o adjetivo “*pesado*” é uma avaliação de mensuração por parte dos falantes, de modo que o uso desse adjetivo dimensiona a morte de Dario. A expressão “foi largado” na porta de uma peixaria indica uma comunhão não harmoniosa, afinal, a expressão nos leva a imaginar que ele não foi simplesmente deixado e sim abandonado, desamparado, ideia confirmada pelo fato de que não havia ninguém para espantar as moscas que pousavam no rosto dele. O defunto era só mais um corpo.

A cena descrita nessa parte nos leva a pensar nas relações entre as pessoas que assistem a várias mortes de forma insensível. O verbo *apreciar* tem o sentido de observar e aqui parece ter o sentido de ver gostando, talvez para indicar que o ser humano se regozija de não ser ele o morto. Afinal, foram para apreciar o ocorrido e gozavam as delícias da noite. O *degrau* nos remete para a imagem da escada, de ascensão espiritual, aquela que liga a terra e o céu. Dario fica sem o relógio de pulso, indicando mais um objeto perdido, ele não é mais senhor de seu tempo. Mais um gesto de insensibilidade, de falta de solidariedade e compaixão.

O *status* social de Dario é confirmado pelos documentos, no enunciado “*de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca*”. O adjetivo *alinhado* refere-se ao objetivo organizador da ação feita por outro, contrastando com a imobilidade e incapacidade de Dario e talvez a inutilidade do documento para uma identidade que não existe mais. O adjetivo *branco*, por sua vez, classifica Dario entre os indivíduos que têm uma posição social privilegiada, pois o narrador lembra ao leitor a expressão classificatória: *colarinho branco*. Esses adjetivos permitem classificar o personagem de tal modo que o leitor tem um impacto: o de perceber que pessoas “bem na vida” podem ser sujeitas à perda do controle dessa vida. Todos são iguais perante a morte. Passemos a mais um excerto do conto.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo – **os bolsos vazios**. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio quando vivo só podia descartar umedecida com sabonete. Ficou decidido que o caso era com o rabeção.

Se na parte anterior do conto, o narrador descreve os transeuntes, nesse ponto vai mostrando uma visão mais distanciada dos transeuntes: curiosos, polícia, multidão, pessoas, guarda, rabeção. São nomes genéricos para reforçar, propositalmente, a desumanização do

corpo, que agora nem caso de polícia é, mas caso de funerária. O narrador chama-nos a atenção para o fato de que o corpo foi pisoteado, isto é, desrespeitado, mas indica que foram dezessete vezes. O número dezessete, segundo Chevalier (1996), “teria sido considerado como nefasto na Antiguidade Romana, porque as letras que o configuram, XVII, são as que, mudadas de ordem, compõem a palavra VIXI, que significa *eu vivi*. Assim, aqui temos a indicação mitológica de que Dario está morto, embora isso pareça muito malabarismo mental.

A figura do guarda, no ecossistema social, nos leva a pensar que chegou alguém que deve assegurar a moral, a ordem e a segurança e que tem como incumbência garantir o respeito às leis. Entretanto, mais uma vez, temos uma interação comunicativa não harmoniosa em que o guarda faz apenas o papel de encaminhar o caso para outrem, o rabeção, pois Dario é dado como um cadáver, um homem sem vida. A desconsideração com o morto, agora sem identificação é mais uma percepção negativa de aniquilamento de quem perdeu não só a vida, mas também os objetos pessoais e o próprio nome, a própria identidade.

Neste trecho, temos o adjetivo *vazio*, que inicia a classificação da situação de morto: o despojamento, as sucessivas perdas. A locução adjetiva *de ouro* tenta recuperar, por meio de um signo cultural facilmente identificável, a relação afetiva da personagem e, porque esta aliança está na mão esquerda, fica estabelecida, também, a sua identidade institucional, familiar, ou seja, Dario era casado. Mas está longe da família, bem morto. É interessante notar que o adjetivo *vazio* trouxe a imagem de perda de vida e de bens, enquanto as expressões *de ouro* e *esquerda* conotam que essa perda não afeta a relação afetiva própria de homem casado.

A última boca repetiu – Ele morreu, ele morreu. A gente começou a se dispersar. Dario levava duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim. Agora, aos que podiam vê-lo, tinha todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma tinha desaparecido. Apenas um homem morto e a multidão se espalhou, as mesas do café ficaram vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço veio **com uma vela**, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois, lá estava Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, **sem o paletó, e o dedo sem a aliança**. A vela tinha queimado até a metade e **apagou-se** às primeiras gotas da chuva, que voltava a cair.

O estilo em gradação se mantém na mudança de atitude das pessoas: primeiro tentam ajudar um moribundo, procuram socorrê-lo, curiosidade generalizada, conforto de se sentirem vivos, corpo pisoteado, perda dos documentos, ar de defunto. O que inicialmente era um homem passando mal, agora é reconhecidamente um corpo largado e pisoteado. “A *última boca*” significa que o menosprezo com a frágil condição humana em que se encontrava Dario. A frase “levou duas horas para morrer” ocorre porque esse foi o tempo levado para tal ser declarado. A gradação marca bem o reforço da passagem dos valores vitais para a depreciação corrente dos valores sociais. Como mostrado antes, Dario já estava morto. As ações dele cessam no último murmúrio. A morte, nesse sentido, não ocorre quando o corpo morre, mas quando é declarada, seja explicitamente “ele está morto”, seja implicitamente “a vela ao lado do cadáver”.

O adjetivo afetivo *piedoso* atribui uma qualidade a um ser, indicando que alguém tinha sentimentos, passando, assim, a emoção da solidariedade, do olhar de afeto. O adjetivo *morto*, classificando Dario como um ser incapaz de qualquer reação, ou seja, um ser sem vida, nos faz voltar ao jogo diante do inevitável: nada impede a morte, nem relações afetivas

institucionalizadas, como a do casamento. Essa sensação de imponderabilidade criada por esse adjetivo nos introduz na terceira e última macroproposição: a morte de Dario.

Na interação comunicativa, temos dois últimos gestos de respeito. A solidariedade do senhor piedoso e o menino, que é classificado por meio dos adjetivos *de cor* e *descalço* como uma criança despojada de seus atributos dados pela sociedade, pois é apresentada apenas na ênfase de ser desprivilegiado, dos que não possuem privilégios pela cor e por ser pobre. A perda da curiosidade e do lazer dão o tom de desfecho

O fechamento das janelas nos leva a pensar na indiferença das pessoas em relação à morte de um desconhecido na rua, como se fosse algo natural e banal. A imagem da pedra, por sua vez, já foi examinada como a que mostra a imortalidade, túmulos, lapides. A cabeça é o microcosmo do corpo que se encontra no mais alto ponto da verticalidade do ser humano. Muitas culturas pressupõem que o sentido de poder está ligado à cabeça. O advérbio *agora* intensifica o sentido de que, naquele momento, Dario havia feito a passagem da vida para a morte, e da individualidade ligada a bens pessoais agora destituído do paletó e da aliança. Mesmo tendo bens, as pessoas morrem e como Dario estamos todos à mercê da. O narrador na gradação vai nos reforçando que da vida nada se leva. Com essas e outras aprendemos que a vida prega peças e que se pode esperar tudo do ser humano, desde um gesto amigo de ajuda até a mais dolorosa indiferença.

A imagem da vela queimada até a metade pode nos indicar o fim da luz que ilumina as trevas da morte. A chama espiritual vs. agente fecundador da vida; morte vs. vida, o ciclo vida morte. O ambiente natural do espaço topográfico é perceptivo e disfórico da rua e as interações comunicativas não harmoniosas somente são suprimidas quando o menino de cor descalço aparece.

O autor Trevisan passa a mensagem do despojamento do ser vivo na morte. Ele fala sobre o rito de passagem da vida para a morte da personagem Dario no meio ambiente natural da rua. *A rua é de todos e de ninguém* e, para Dario, passagem de um mundo a outro: ritual de vida e de morte em que não houve a comunhão por parte de todos os que estiveram próximos a ele no momento em que ele estava sofrendo um grande mal-estar. Assim, a morte, como um rito de passagem particular por excelência, demanda necessariamente uma revisão do que se passa nos ambientes natural, social e linguístico.

As ações do “senhor piedoso” e do “menino de cor e descalço” nos mostram que no meio do homem egocêntrico moderno há também o homem ecocêntrico, tendo como base o discurso do cuidado de si e do cuidado com outro e a comunhão, fundamento de todas as interações comunicativas, sem recorrer à violência ou ao conflito, mesmo tendo perspectivas diferentes. A propósito da ética do cuidado, pode-se ler Boff (1999, p. 41).

No conto em questão, o que há é um evento em público em que várias pessoas que aparentemente não se conhecem entram em fragmentada interação, mas não uma interação prototípica, aquela que se dá entre duas pessoas da comunidade de fala, num clima de comunhão. As interações comunicativas observadas têm por base o acontecimento de uma morte, indicam o discurso de uma não comunhão entre pessoas que desejam se comunicar entre si, mesmo que muitas delas sem compaixão.

A compaixão, com suas duas nuances, foi sinalizada pelo senhor piedoso e pelo menino de cor e descalço. O adjetivo *piedoso* nos leva ao sentido de compaixão com valor de ter dó, mera caridade, benevolência, misericórdia. Já o ato e o ser do menino nos mostram o sentido da compaixão que a ADE defende, conforme esclarece Boff (1999, p. 43) e Fernandes (2021).

6. A TENTAÇÃO E O DESEJO EM RELAÇÃO AOS ECOSISTEMAS

Nesta parte, vamos analisar uma charge, que se apresenta sob a forma de quatro quadrinhos, produzida por Laerte (2017) e dirigida a um público leitor no contexto atual. Como um trabalho de análise do discurso ecossistêmica (ADE), vamos iniciar pela parte dos cenários.

Nos quatro quadrinhos, temos um cenário contextual de épocas diferentes em que a maçã é usada para tentar mulheres diferentes em determinados contextos diferentes.



LAERTE – disponível em <http://educatizar.blogspot.com/2017/09/quizcharge.html>

Acesso em 02 fev. 2021.

De início, vamos observar o texto do gênero charge. Os quadros 1, 2 e 3 contam a história da tentação de mulheres em relação a uma maçã. Os textos verbais combinam-se de modo a trazer três personagens em épocas diferentes sofrendo uma tentação ou manipulação fortíssima.

No primeiro dos quatro quadros, vemos a personagem de conto de fadas “Branca de Neve” na parte da narrativa em que é manipulada pela bruxa à tentação de morder uma maçã. Esse cenário remete ao ecossistema mental, a memória de contos infantis em que uma personagem pura e ingênua era facilmente manipulada por uma velha senhora. A jovem da charge mostra que está consciente da manipulação e não se deixa envolver em gestos de manipulação simplista. Nesse contexto, a charge mostra que, no contexto atual, ocorre uma ruptura com a narrativa original em que a moça cedia à tentação e mordida a fruta. Em interação síncrona com a bruxa, a moça recusa o presente. Essa recusa nos mostra que a mulher atual, num contexto de século XXI, não é ingênua a ponto de ceder à bruxa. Temos aí um jogo de superposição temporal: num contexto antigo as jovens sonhavam com soluções mágicas, típicas do conto maravilhoso, mas no meio ambiente da atualidade o desequilíbrio de se crer numa maçã fabulosa desaparece, pois, a jovem conhece a narrativa, parece esclarecida quanto às tentações tradicionais e, portanto, suficientemente esperta para evitar esse tipo de armadilha.

No segundo quadro, o cenário é o mesmo, a personagem está com as mesmas vestimentas, mas em um contexto de tentação realizada pela serpente do Gênesis que oferece uma maçã. Aqui temos uma superposição temporal e uma superposição de cenários. No cenário da Branca de Neve aparece a serpente traiçoeira, ao mesmo tempo que temos um contexto do ecossistema natural dos contos de fadas, um personagem de outra narrativa surge em gesto de manipulação. Nesse ecossistema natural ocorre uma superposição de tempo, de um lado temos

os tempos imemoriais da criação do mundo segundo a bíblia, em que um anjo peçonhento manipula a primeira mulher a fim de que adquira o saber sobre todas as coisas. Sobrepe-se a situação de manipulação com o uso da maçã, primeiramente a tentação era pela fruta e para atender à senhora, mas, no segundo quadro o objetivo está no ecossistema mental de se obter o poder.

Essa narrativa mantém uma interação com ligações bíblicas em que a figura de Eva cede ao pecado e, num espelhamento da manipulação, envolve o primeiro homem e acabam os dois perdendo o paraíso. Mas à semelhança do primeiro quadro a moça nega a tentação, pois não cede a ofertas manipuladoras. Percebemos que há um diálogo entre o primeiro e o segundo quadro e três semelhanças se conectam: (1) um sujeito manipulador (bruxa ou serpente) vai à porta de uma jovem mulher e oferece gratuitamente (2) uma maçã e a moça contactada (3) recusa-a. São dois contextos de ecossistema natural semelhantes. Nesse ponto, os ecossistemas discursivos se aproximam: de um lado pela narrativa dos contos de fada (bruxa oferece maçã); de outro lado, a narrativa do Gênesis (serpente oferece a maçã), mas a manipulação ocorre, no primeiro caso, devido à força do ecossistema social (gentileza com a velhinha); no segundo caso, pela interferência do ecossistema mental (oferecimento da serpente). Ao mesmo tempo temos a recuperação no ecossistema mental do leitor de contextos narrativos que fazem parte do histórico ocidental: o desejo representado pela maçã, seja na história popular, seja no início da bíblia.

Estamos diante do discurso negativo acerca da mulher. A partir da bíblia, as mulheres são apontadas como culpadas pela perda do paraíso, talvez por isso, devam se submeter à vontade masculina. O discurso de fraqueza da mulher perdura séculos e, na Idade Média, preserva-se o discurso sobre a mulher como dependente dos machos e como sonhadoras de um casamento que lhes garantiria a sobrevivência. Nas duas narrativas (conto de fadas e bíblia), as mulheres caem em desgraça por cederem à tentação. Se no caso da Branca de Neve, o desejo tinha como impedimento alguma questão da ordem do familiar ou do ecossistema social, no caso do contexto do Gênesis, o impedimento do desejo estava no âmbito do divino/religioso ou melhor, do ecossistema mental. Portanto, em cada contexto, trata-se da mesma dimensão humana (fraqueza) ou do discurso ecossistêmico da figura feminina como culpada pelos próprios sofrimentos.

Observamos que os dois quadros dialogam para questionar o discurso negativo sobre a mulher. Isso porque, a jovem de hoje não se deixa manipular por valores tradicionais, diferentemente de outras épocas. O autor cria um ecossistema linguístico diferenciado, porque as duas personagens (Branca de Neve e Eva) estão modernizadas e são relativamente fortes para enfrentar valores convencionais. Os dois quadros dão a impressão de que agora vivemos em um contexto sócio-histórico em que a mulher é mais forte e poderosa, porque podemos habitar, ainda, o mesmo ecossistema natural, mas a figura feminina tem mais resistência às manipulações tradicionais. As duas personagens vestidas da mesma forma jogam na superposição, parecem iguais, mas são diferentes pois sabem dizer “não”. Temos uma revelação de uma mulher diferenciada que sabe romper com um passado de dominação masculina.

No terceiro quadro, repete-se, novamente o mesmo ecossistema natural (casa) onde a jovem continua com a mesma vestimenta. Essa redundância dá a impressão inicial de que a nova mulher que sabe recusar manipulações persiste, mas o autor introduz uma ruptura, pois nesse quadro, a jovem nada responde e aceita a manipulação. Essa mulher não é uma representante forte da espécie, mas é aquela mesma mulher que cede diante de tentações. A única alteração é o tipo de tentação irresistível, a jovem conhece os discursos antigos e resiste a eles, mas o discurso moderno mantém-na presa à manipulação. O interlocutor da moça é um rapaz de terno e gravata que está vendendo uma “maçã” (*apple*). Essa alteração, embora no cenário dos quadros anteriores, superpõe um ecossistema social antigo e tradicional à presença de um personagem típico dos séculos XX e XXI, num ecossistema social da atualidade. Ou

melhor, a mulher moderna é bem esclarecida quanto às manobras antigas, mas continua fraca quanto às tentações tecnológicas.

Por meio da metáfora da “maçã mordida, logomarca de uma das grandes empresas da telefonia celular, repete-se a imagem do celular-maçã, numa perspectiva diferenciada. O manipulador apresenta uma vantagem tentadora que é adquirir um aparelho com o acréscimo de dez reais. O contexto parece o mesmo no cenário dos quadrinhos, diante da porta aberta, a jovem não diz nada e cede à tentação. Fica implícita a ideia de que a maçã, fruta, como pomo tentador tradicional perdeu a força, mas o desejo de consumo é mais forte. Isso nos leva ao discurso ecossistêmico como feixe de valores dos ecossistemas linguísticos. O valor da relação familiar (ecossistema social) e o valor religioso (ecossistema mental) não manipulam mais os sujeitos da mesma forma dentro do meio ambiente atual. Hoje, o valor do consumo e das redes sociais lança-se como muito mais forte no poder de manipulação dos sujeitos.

O discurso do consumo, surge na modernidade como valor que desestabilizador. O consumo desenfreado desequilibra o ecossistema natural quando acumula lixo em toneladas ou promove a obsolescência prematura dos produtos ou incentiva os gastos de matéria prima de ordem mineral, vegetal e animal. O ecossistema social sofre pela incompreensão entre os humanos e o isolamento na multidão, originando doenças avassaladora como câncer ou epidemias de gripe. Como os três ecossistemas formam um tripé, o desequilíbrio dos ecossistemas natural e social geram também a desarmonia no ecossistema mental como dissidências religiosas, depressão e fragilidade diante das manipulações.

Isso porque, no contexto sócio-histórico moderno, a lógica da proibição cede à tentação, a enorme diversidade não é respeitada, a ideologia da vida tem pouco valor. Diante da insustentabilidade no ecossistema natural o ser humano adapta-se às comodidades da comida encomendada, faz exercícios físicos para ter um corpo moldado, interage à distância e menospreza os sujeitos próximos. Essas são as novas tentações da maçã moderna. O poder de atração do aparelho celular, na verdade, é um impulso veemente para estabelecer conexão sujeito/ mundo digital e desvalorizar a interação próxima entre os viventes. Assim o ecossistema social vem sofrendo com a presença da internet e o ecossistema natural desestrutura-se diante do consumo desenfreado.

No quarto e último quadro os três personagens da tentação (a bruxa, a serpente e o rapaz) interagem em diálogo face a face na tentativa de entender a mudança no comportamento dos humanos nos ecossistemas. O jovem informa que é “questão de técnica”, isto é, como a tecnologia é capaz de envolver os ecossistemas mentais de tal forma que começa a controlar os mecanismos mentais que envolvem todo o raciocínio, sentimento e ação como alvo das tentações modernas. O poder da magia da internet consegue que os sujeitos recusem as tentações antigas e se afundem na tentação tecnológica. A interação com vários grupos sociais dá a impressão de uma amplitude no ecossistema social, mas a comunicação à distância é superficial sem apelo à comunhão próxima dos sujeitos. Os valores da comunicação à distância como o contato com pessoas que conhecemos ou não dá a equivocada ideia de união social, mas esses valores discursivos vêm ultrapassando o valor antigo das inter-relações próxima com familiares e vizinhos. No quarto quadro, como uma resposta ao saber que permite resistir à manipulação da maçã do conto de fada ou da maçã da serpente, temos uma tentação ou manipulação que é “questão de técnica” e nos coloca num conjunto ecossistêmico em desequilíbrio. Estamos perdendo nossas relações humanas nos ecossistemas natural, social ou mental. O meio ambiente atual está vulnerável à contradição pelo envolvimento à distância e pela exclusão da relação de interação próxima.

A questão central gira em torno do conceito de “adaptação” a partir da leitura da ADE. O desejo que parecia ter desaparecido nos dois primeiros quadros é central na dimensão humana desde tempos imemoriais, por isso a charge mostra a tentação a partir de três contextos espaços/temporais diferentes, enfatizando que a dinâmica do desejo e da tentação ultrapassa os limites do tempo e do espaço. No entanto, em cada contexto espaço-temporais discursivo há as

adaptações tanto por parte dos manipuladores: a bruxa manipula a ingênua Branca de Neve; a serpente manipula a ambiciosa Eva que por sua vez manipula Adão, e, finalmente a tecnologia manipula os seres humanos imersos no isolamento digital.

Nas histórias em quadrinhos em geral, temos uma narrativa que se liga a determinado contexto numa linha temporal. Em nossa descrição textual acima, buscamos os sentidos da força da tentação e do desejo gerados pelos sujeitos em seus contextos. Vimos que a narrativa da charge entrelaça três contextos (narrativa popular, narrativa bíblica e narrativa da modernidade) para conectar a perspectiva da tentação em três momentos diferentes da vida humana. Assim temos uma rede de significações acerca da adaptação e mudança do desejo que acompanha a vida humana. O desejo de comer algo em comunhão da Branca de Neve, o desejo de poder da Eva e o desejo de uma conexão digital do sujeito atual aparecem em uma rede de significações. Ceder às manipulações não é desequilíbrio simples que ficou no passado, na atualidade, cede-se a desejos diferentes, mas sucumbe-se da mesma forma à manipulação. O ser humano mudou, mas no fundo conserva-se o mesmo: fraco, incoerente e disperso.

Nessa análise, vamos observar cada ecossistema (naturais, mentais, sociais, históricos e culturais) para compreender os valores discursivos.

Na dimensão natural, verificamos a Branca de Neve abre a porta para três personagens diferentes, temos a imagem de uma mulher que mora em uma casa simples e atende a quem bate à porta. A moça está tranquila em seu meio ambiente, mas recusa intromissão nos dois quadros iniciais. No ecossistema mental, ocorre todo o jogo entre desejo e tentação, mas o personagem manipulador só obtém o intento no terceiro quadro. Entendemos que o discurso da tentação é antigo para os seres humanos, mas a força do consumo como o de um celular é recente, mas muito mais poderoso que ofertas antigas, pois a mulher resiste aos desejos antigos, mas sucumbe ao apelo do consumo. Vemos que houve uma adaptação na dimensão natural, pois a maçã é um valor fraco para a manipulação, mas o prêmio moderno de um celular é quase irresistível ao sujeito do século XXI. No nível social, histórico e cultural observamos que as relações humanas continuam preenchidas de exploração do desejo e das ambições do outro de modo a disseminar uma ruptura com os equilíbrios da vida social. Historicamente, vemos que, por meio dos tempos, a exploração dos desejos do sujeito moderno continua presente, o que culturalmente mostra que a figura feminina é susceptível a tentações através das épocas. No quarto quadro, a figura masculina vangloria-se de seu conhecimento da modernidade para conseguir manipular a jovem. Essas duas figuras a mulher do quadrinho 3 e o vendedor, na verdade, não são representantes de gênero masculino ou feminino, tendo em vista que todos os sujeitos hoje desde crianças de qualquer sexualidade sonham com o consumo.

O autor Laerte, em 2017, publica digitalmente em seu blog, a charge que estamos discutindo. Assim, temos evidente a crítica ao mundo tecnológico que vem tomando as atenções das pessoas de modo avassalador. O envolvimento de cada sujeito com as mídias sociais gera o isolamento de muitas crianças que reclamam da falta de atenção dos pais. A telinha do celular tem um poder catalisador de olhares e mentes de tal modo que a interação próxima tem se tornado difícil. Parece que se valoriza muito mais a aproximação por meio dos aplicativos do que a presença de pessoas. Assim o autor chama a atenção de seus leitores para esse meio natural bem dominado tecnologicamente de modo que o mental volta sua atenção primordialmente para o aparelho. Embora o social permita muitas relações e interação assíncrona e à distância por meio do celular, a sociedade vem se mostrando ressentida da falta de atenção e cuidados.

A tentação traz prejuízos, pois aparece como algo irresistível, o discurso da tentação eliminou, na ótica do autor da charge, uma reflexão que possibilita uma negativa ao objeto oferecido pelo discurso tentador. Como diz a letra da música; “te ver e não te querer é improvável é impossível”. É necessário reconstruir a trama discursiva desse discurso da manipulação em torno do objeto de desejo apresentado, nesse caso um celular. Nesse ponto é

interessante o fato de a marca mais famosa de celular, o IPHONE, ter como símbolo uma maçã mordida, ou seja, ela já pressupõe que a tentação já alcançou seu intento, a maçã já está mordida.

Numa perspectiva macrocópica, isto é, na relação do autor com seus leitores. Temos um sujeito que produz um texto charge e com isso imprime em seu produto uma voz de autoria. Essa voz autoral vem preenchida de crítica ao nosso ecossistema mental de ambições consumistas que trazem prejuízos trágicos aos ecossistemas natural e social. Esses três ecossistemas podem dar a impressão de que atuam de modo independente, mas essa subdivisão enfoca cada uma das faces da interação dentro do *ecossistema integral da língua*. Todos esses meios promovem interações entre si e convivem de modo integrado em trocas permanentes que podem alcançar a harmonia ou rompê-la.

Consideramos que o tema do consumo pode ser observado pelo ecossistema mental pois um produto moderno como um aparelho da marca Apple (maçã mordida), desencadeia um processo comparativo entre os produtos dessa marca e os de marca concorrente. Essa comparação cognitiva registra valor de qualidade a uns e não a outros produtos, pois os consumidores deixam-se envolver por significados além da aparência e funcionalidade do produto (LINHARES, CASTRO, TAKAMATSU, 2017). O ecossistema mental considera que a construção da identidade desse sujeito se torna um emblema simbólico do consumo com repercussões no ecossistema social e cultural e torna-se um verdadeiro signo de valor do consumo. O filósofo francês Baudrillard (1978), considera que o consumo não é apenas um fenômeno social, mas também uma prática material que se projeta o ato de viver, construindo uma imagem de status social e cultural. Desse modo, o meio ambiente social e mental dos sujeitos está povoado de elementos do discurso cultural, promovendo desequilíbrios em conjunto no conjunto ecossistêmico mental, social e natural.

O enunciado ou dizer preenchido de sentido “questão de técnica” ecoa como um discurso de aparência positiva, mas promove um desequilíbrio, porque, quando os sujeitos da narrativa resistem ou cedem à manipulação, toda a harmonia ecossistêmica entra em colapso. O autor da charge não apresenta muitos indícios de quais são as consequências desse cair em tentações, mas como o discurso denunciado seria o consumista dá para retomar algumas questões presentes sobre os perigos do consumismo excessivo e da tecnologia para o equilíbrio dos ecossistemas.

Com isso, o discurso ecossistêmico mostra que o desejo é negativo quando há a quebra do equilíbrio das relações humanas por meio da internet, porque esse tipo de interação vem promovendo um distanciamento comunicativo maior do que se poderia esperar. Nossa análise mostra como o autor é capaz de entrelaçar perspectivas diferentes de adaptação a ecossistemas que promovem a quebra do equilíbrio nas narrativas maravilhosas, na bíblia e na modernidade de modo a mostrar que a mudança das épocas é capaz de sempre promover novas perturbações da ordem à medida que o tempo passa.

O autor da charge não apresenta muitos indícios das consequências desse cair nas tentações, mas como o discurso retomado realça que os ecossistemas natural, social e mental entram em desequilíbrio por causa do discurso consumista. O discurso consumista leva em conta a produtividade e busca o lucro acima de quaisquer valores como equilíbrio do bioma vegetal e animal que por sua vez depende do bioma mineral. Essa ruptura do equilíbrio ecossistêmico nos aponta para os perigos que vivemos hoje de catástrofes no ecossistema natural que nos trazem enchentes, verões e invernos muito rigorosos, desmatamento extinção de flora e fauna. Essa quebra da harmonia ambiental está, intimamente, ligada ao desequilíbrio do ecossistema social com a perda constante das relações humanas de interação e comunhão. Além disso, o ecossistema mental mostra a quebra de harmonia do sensível e racional dos seres humanos.

Nesse texto, os dizeres e o texto não verbal foram estudados como materialidade contextualizada com ecossistemas diferentes. Assim, inter-relacionamos aspectos que dialogam entre si:

a) A comunicação ecossistêmica entre os personagens da charge se dá pela *interação comunicativa* entre dois personagens que dialogam na porta da casa e vamos observá-la por meio de *textos verbais (enunciados) e não verbais (imagens)*. E nos mostra que a ruptura do sistema interativo promove um desequilíbrio.

b) O ecossistema social aponta para uma jovem em interação com três tentadores (a bruxa, a serpente e o homem) produzem sentidos acerca do desejo e da tentação em três ecossistemas. *No* ecossistema natural temos uma interação tentadora na porta de uma casa simples em épocas diferentes: na época da Branca de Neve dos contos populares, na época de Adão e Eva, e na propaganda moderna da internet ou da televisão que entram em nossa casa. No ecossistema mental temos a oposição entre desejo e tentação e nas tentações com maçã ocorre uma negativa, mas cede ante à oferta de uma incompleta interação pela internet. Essa técnica traz a quebra do equilíbrio e da harmonia social nos processos interativos familiares e sociais de modo a comprometer todos os ecossistemas. No entanto, o ecossistema social histórico e cultural é o que mais vem sofrendo com a presença da internet. Os valores da comunicação à distância vêm ultrapassando o valor antigo das inter-relações próximas e da comunhão entre os sujeitos.

c) Os discursos da tentação de ficar num telefone celular mostram como a quebra da harmonia das comunicações vêm perturbando os ecossistemas de modo geral. Esse valor axiológico que envolve os sujeitos nesse início de século XXI.

A partir dessa descrição e discussão, consideramos que uma análise do discurso ecossistêmica toma um texto verbal e/ou não verbal e faz perguntas acerca dos contextos ecossistêmicos (naturais, mentais, sociais e históricos numa macroperspectiva acerca da quebra das harmonias no mundo atual da década de 20 do séc. XXI. Observamos os sentidos gerados nas interações entre personagens e entre texto e leitor para apontar a quebra da harmonia em nosso contexto natural, social e mental.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. M. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BORBA, F. S. Et alli. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- BAUDRILLARD, J. *El sistema de los objetos*. Madrid: Siglo XXI, 1978
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar - ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- CAPRA, Fritjof; MATTEI, Ugo. *A revolução ecojurídica*. São Paulo: Cultrix, 2018.
- CARSON, Rachel. *Silent spring*. Greenwich, Conn.: Fawcett Publications, 1962.
- CHEVALIER, J. & Gheerbrant, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1996.
- COUTO, E. K. N. N. do. *Diário de Campo*, 1997. (anotações pessoais).
- COUTO, Elza K. N. N. do; COUTO, Hildo Honório do. O discurso “fragmentado” dos meninos de rua e da linguagem rural: Uma visão ecolinguística. In: COUTO, Elza; ALBUQUERQUE, Davi (eds.). *Linguística ecossistêmica & Análise do discurso ecológica*. Brasília: Thesaurus, 2015, p. 152-162.
- COUTO, Elza K. N. N. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- COUTO, Elza K. N. N.; COUTO, Hildo H. do. Uma leitura ecolinguística de “se eu quiser falar com Deus” de Gilberto Gil. *ECO-REBEL* v. 5, n. 2, 2019, p. 40-53. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27661/23798>
- COUTO, Elza K.N.N do; COUTO, Hildo Honório do; BORGES, Lorena. A. *Análise do Discurso Ecológica – ADE*. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora, 2007.
- _____. On the so-called complex prepositions in Kriol. *Revue roumaine de linguistique* n. LIV, n. 3-4, 2009, p. 279-294.
- _____. *O tao da linguagem: Um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. Análise do discurso ecológica (ADE). Disponível em (acesso: 23/12/2015), 2013: <https://ecosystemic-linguistics.blogspot.com.br>
- _____. Ecological approaches in linguistics: a historical overview. *Language sciences* 41, 2014, p. 122-128.
- _____. Notas sobre o conceito de texto na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 3, n. 2, 2017, p. 22-36. Available at: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9677/8545>
- _____. Exosystemic linguistics. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine (eds.). *The Routledge handbook of ecolinguistics*. New York & London: Routledge, 2018a, p. 149-161.
- _____. A metodologia na linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL* v. 4, n. 2, 2018b, p. 18-33. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>
- _____. Linguística ambiental. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 5, n. 1, 2019, p. 96-112. Available at: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/22809/20553>
- _____. 2020. Discursística. Disponível em: <https://ilinguagem.blogspot.com/2020/03/discursistica.html>
- _____. *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): Uma visão linguístico-ecossistêmica*. Campinas: Pontes, 2021.
- CUNHA, A.G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA. C. *Gramática moderna*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S.A, 1973

- DASH, Rajendra Kumar. Swachh Bharat Abhiyan and the Canadian Environment Week: Case Studies in Sustainable Development Campaigns. *ECO-REBEL* v. 6, n. 4, 2020. Available at: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>
- DRENGSON, Alan; INOUE, Yuichi (eds.). *The Deep Ecology Movement – An introductory anthology*. Berkeley: North Atlantic Books, 1995.
- DUCROT & SCHAEFFER, J.M. (1995) *Nouveau dictionnaire encyclopedique des sciences du langage*. Paris: Seuil.
- DURAND, Yves. *L’exploration de L’imaginaire: Introduction à la modélisation des Univers Mythiqués*. Paris: L’espace bleu, 1988.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: *Editorial Presença*, 1993.
- _____. *Mito, símbolo e metodologia*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis*. Londres e Nova York: Longman, 1995.
- FERNANDES, Ubirajara Moreira. Notas sobre sofrimento, dor, respeito, compaixão e medo na análise do discurso pela ADE. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>
- FERREIRA, Aurélio.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.
- FILL, Alwin. *Wörter zu Pflugscharen: Versuch einer Ökologie der Sprache*. Viena: Böhlau, 1987.
- _____. *Ökologie: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1987.
- _____. (org.). *Sprachökologie und Ökoluistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996a.
- _____. *Ökologie der Linguistik – Linguistik der Ökologie*. In: FILL (org.), 1996a, p. 3-16.
- FINKE, Peter. *Sprache als missing link zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. Überlegungen zur Weiterentwicklung der Sprachökologie*. In: Fill (org.). 1996, p. 27-48.
- FORTE, Diego. *Pandemics and non-human animals in the argentine press: extended carnism and industrial fatalism* *ECO-REBEL* v. 6, n. 4, 2020. Available at: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GARNER, Mark. *Language: An ecological view*. Oxford: Peter Lang, 2004.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Traduzido por M. B. Amoroso. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GINZBURG, C. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Traduzido por F. Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.143-179.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. Tradução Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, 1983.
- HAECKEL, Ernst. *Generelle Morphologie der Organismen*. Berlin: G. Reimer, 1866. Vol. 2
- HAGÈGE, Claude. *L’homme de paroles*. Paris. Fayard, 1985.
- HALLIDAY, Michael A. K. *New ways of meaning: The challenge to applied linguistics*. *Journal of applied linguistics* 6, 1990, p. 7-36.
- _____; MATTHIESSEN, M. I. M. *Halliday’s Introduction to Functional Grammar*. Londres/N. York: Routledge, 2014, 4ª. ed.
- LABOV, William. *The logico of Nonstandard English*. In: GIGLIOLI, Pier P. (org.). *Language ans social context*. Harmondsworth: Penguin Books, p. 1972, p. 179-215.
- LAERTE, charge, 2017. Disponível em <http://educatizar.blogspot.com/2017/09/quizcharge.html> Acesso em 02 fev. 2021.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1973.
- LE GOFF, J. *HISTÓRIA E MEMÓRIA*. CAMPINAS: ED. UNICAMP, 1996.

LINHARES, T. B.; CASTRO, M. L. A., C de; TAKAMATSU, R. T. Criação de Valor Simbólico: Uma Análise da Marca APPLE. REPAE – Revista Ensino e Pesquisa em Administração e Engenharia Volume 3, número 1 – 2017. p. 42-61

MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MATTA, R. da. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: Elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez Editora, 1985, p. 81.

MANDELA, Nelson. *Long walk to freedom*. London, Littlee Brown, 1994.

MARTIN, James R. Positive discourse analysis: Solidarity and change. *Revista canaria de studios ingleses* n. 49, 2004, p. 179-200.

_____. Vernacular deconstruction: Undermining spin. *DELTA* v. 22, n. 1, 2006, p. 177-203.

MORIN Edgar. *L'an I de l'ère écologique et dialogue avec Nicolas Hulot*. Paris: Tallandier, 2007.

NAESS, Arne. The shallow and the deep, long-range ecology movement: A summary. *Inquiry* 16, 1973, p. 95-100.

_____. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

_____. *Life's philosophy - Reason & feeling in a deeper world*. Athens: The University of Georgia Press, 2002.

PLATÃO. *A República*. Texto Integral. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

PRIVAT, Edmond. *Vie de Gandhi*. Paris: Denoël, 1957.

SILVA, Márcio M. G. Coronavírus, ideologias e Análise do Discurso Ecosistêmica. *ECO-REBEL* v. 6, n. 2, p. 90-106, 2020. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/32667/26622>

Silva, Márcio M. G. 2021. Um estudo do discurso do ex-capitão Jair Messias Bolsonaro pela Análise do Discurso Ecosistêmica. *ECO-REBEL* v. 7, n. 1.
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel>

STIBBE, Arran. Positive discourse analysis: rethinking human ecological relationships. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine (eds.). *The Routledge handbook of ecolinguistics*. New York & London: Routledge, 2018, p. 165-178.

TANSLEY, Arthur G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. *Ecology* v. 16, n. 3, 1935, p. 284-307.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structural*. 2. ed. Paris: C. Klincksieck, 1965.

THOMPSON, P. *A voz do passado. História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREVISAN, D. *Vinte contos menores*. Rio de Janeiro: Editora Record –, 1979, pág.20. "vela", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/vela> [consultado em 02-07-2020].

TRAMPE, Wilhelm. Sobre o papel da linguagem nos sistemas antropogênicos. *ECO-REBEL* v. 2, n. 1, 2016, p. 39-56. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9897/8741>

VIAN JR., Orlando. Gênero do discurso, narrativas e avaliação das mudanças sociais: A análise de discurso positiva. *Cadernos de linguagem e sociedade* vol. 11, n. 2, 2010, p. 78-96.

VOLOCHÍNOV, V. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo, SP: Editora 34, 2017.

APÊNDICE

Regras interacionais

- 1) Falante e ouvinte ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
- 2) Falante e ouvinte ficam de frente um para o outro.
- 3) Falante e ouvinte devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.
- 4) Falante deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.
- 5) A uma solicitação deve corresponder uma satisfação.
- 6) Tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.
- 7) A solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (*por favor, oi etc.*).
- 8) A tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
- 9) Se o assunto da interação for sério, falante e ouvinte devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.
- 10) Falante e ouvinte devem manter-se atentos, “ligados” durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.
- 11) Durante a interação, o falante e ouvinte de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”.
- 12) Em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.
- 13) Adaptação mútua: o falante deve expressar-se como acha que o ouvinte entenderá e o ouvinte interpretará o que o falante disse como acha que é o que ele quis dizer.
- 14) Conhecimento comunitário compartilhado.
- 15) Conhecimento compartilhado apenas pelos dois interlocutores.
- 16) Dados da ecologia da interação comunicativa (tudo do espaço-tempo dos interlocutores).
- 17) O encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (*tá bom, tá, é isso etc.*).
- 18) Regras sistêmicas (inclui toda a ‘gramática’).

Nota: Vê-se que as regras sistêmicas, aquilo a que se chama gramática (estrutura) são parte das regras interacionais. O fato de elas virem em último lugar, as de número 18, não é casual. Mostra que elas não são o mais importante na língua como comunicação, e que são também regras interacionais, pois também elas existem para o entendimento. A ordem das palavras na oração, a organização sintática existe para o falante informar a seu ouvinte quem fez o que a quem.